

# Faculdade de Letras

## APRENDIZAGEM DA CONSTITUIÇÃO DO GRUPO NOMINAL NUM *CORPUS* DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA / LÍNGUA SEGUNDA

### Ficha Técnica:

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Dissertação de Mestrado</b>
<b>Título</b>	<b>Aprendizagem da constituição do grupo nominal Num corpus de português língua estrangeira / língua segunda</b>
<b>Autora</b>	<b>Olga Kosaryga</b>
<b>Orientadora</b>	<b>Maria Joana de Almeida Vieira dos Santos</b>
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutora Cristina dos Santos Pereira Martins</b>
	<b>Vogais:</b>
	<b>1. Doutora Ana Paula de Oliveira Loureiro</b>
	<b>2. Doutora Maria Joana de Almeida Vieira dos Santos</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em Português Língua Estrangeira / Língua Segunda</b>
<b>Área científica</b>	<b>Língua e Literatura Materna</b>
<b>Data da defesa</b>	<b>19-07-2013</b>
<b>Classificação</b>	<b>15</b>





## RESUMO

O objetivo fundamental deste trabalho é o de procurar perceber como aprendentes de português como língua estrangeira / língua segunda (PLELS), que têm como línguas maternas o russo, o ucraniano, o inglês e o francês, aprendem a constituição interna do grupo nominal (GN) em português. Além disso, também se pretende perceber se a língua materna dos aprendentes de PLELS influencia a aprendizagem da constituição do GN em português através da transferência e quais destas línguas estão mais próximas ou mais distantes do português nesta estrutura. Assim, para elaborar a dissertação, foi feita a análise de textos recolhidos de um *corpus* de produções escritas, onde foi feito o levantamento de todos os grupos nominais e a sua classificação em (i) tipo de ocorrências, conforme a estrutura de constituição; (ii) ocorrências segundo a norma-padrão do português europeu; (iii) ocorrências desviantes. De seguida, foi feita a contagem e a análise destes desvios, para procurar demonstrar em que categoria os alunos apresentam mais problemas. Também se pretendeu ilustrar em que nível de aprendizagem foram encontrados mais desvios. Os resultados mostram também quais as estruturas destas línguas que são mais próximas ou mais distantes do português.

**Palavras-chave:** *Grupo Nominal, Língua Estrangeira/ Segunda, Língua Materna / Primeira, transferência*

## ABSTRACT

The first aim of this dissertation is to understand how learners of Portuguese as a foreign language/second language, with mother tongues such as Russian, Ukrainian, English and French, learn the internal constitution of the Noun Phrase in Portuguese. Other aims are to assess if the first language of these PLELS learners have an influence on the learning of the constitution of the NP in Portuguese through transfer, and which of these languages is nearer or more distant from the Portuguese. In order to do so, a *corpus* of written texts was analysed. NPs were counted and divided into categories: (i) type of NP structure; (ii) NPs which follow the norm; (iii) NPs which do not follow the norm (“deviant” NPs). Results show the categories that present more difficulties in each group and also at each learner’s level. The results also show that each language has structures that are near or that are distant from the Portuguese.

**Key words:** *Noun Phrase, Second Language, First Language, transfer*



## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, de forma muito especial, à Doutora Maria Joana de Almeida Vieira dos Santos, da Universidade de Coimbra, por todo o apoio e pela toda a ajuda que me foi dada ao longo deste último ano. Estou grata por todos os conselhos e sugestões que me ajudaram a elaborar a presente dissertação. Obrigada pela paciência e pelo tempo que me foram oferecidos.

Agradeço à Doutora Maria Francisca Mendes Queiroz-Pinto de Athayde, a minha primeira Professora de Linguística, pela inspiração e motivação.

Agradeço a toda a minha família, especialmente aos meus pais, Igor e Tânia, e aos meus avós, Raisa, Nina e Iuriy, que me ajudaram e me apoiaram durante todo este tempo. Obrigada por todas as palavras carinhosas e pelo estímulo.

Agradeço ao meu namorado Paulo Lemos, por estar sempre ao meu lado. Obrigada por todo o apoio, pela confiança em mim e pelas palavras que me ajudaram a continuar a elaborar a minha dissertação nos momentos mais complicados.

Agradeço a todos os meus amigos, em especial às minhas amigas Jessica Domingues, Irina Palienko e Andrea Sousa, pelo carinho e pelas palavras motivadoras.

Muito obrigada a todos vós!



## ÍNDICE (vol. I)

Índice de Tabelas .....	5
Índice de anexos (vol. II) .....	6
Lista de siglas .....	7
<b>Introdução</b> .....	9
<b>Capítulo 1. Descrição da constituição interna do Grupo Nominal</b> .....	13
Introdução .....	13
1.A estrutura interna do GN em português .....	13
1.1. Constituição .....	13
1.2. Relações sintáticas no interior do GN .....	17
2. Estrutura interna do GN em outras línguas .....	19
2.1. Estrutura interna do GN em russo e em ucraniano .....	19
2.1.1. Constituição .....	19
2.1.2. Relações sintáticas .....	22
2.2. Estrutura interna do GN em inglês .....	25
2.2.1. Constituição .....	25
2.2.2. Relações sintáticas .....	27
2.3. Estrutura interna do GN em Francês .....	28
2.3.1. Constituição .....	28
2.3.2. Relações sintáticas .....	31
Síntese .....	31
<b>Capítulo 2. O GN enquanto estrutura de Português Língua Estrangeira / Língua Segunda</b> .....	33
Introdução .....	33
1. Língua Estrangeira / Segunda / Não Materna .....	33
1.1. Português como Língua Estrangeira / Língua Segunda .....	33
2. Constituição da interlíngua .....	35
3. Interlíngua e aprendizagem do GN .....	36
3.1. Fases da interlíngua e regras da aprendizagem .....	36
3.2. Fases da aprendizagem do GN .....	38

3.3. Sequência lógica das fases .....	40
3. 4. Aprendizagem formal <i>versus</i> informal .....	41
4. Influência das línguas conhecidas .....	42
4.1. Influência negativa e positiva da L1: transferência e interferência .....	42
4.2. Interferência quando a LM / L1 for distante .....	43
4.3. Transferência quando a LM / L1 for próxima .....	44
Síntese .....	45
<b>Capítulo 3. Descrição e análise dos dados do <i>corpus</i></b> .....	47
Introdução .....	47
1. Características gerais .....	48
1.1. <i>Corpus</i> .....	48
1.2. Ocorrência <i>versus</i> desvio .....	49
1.3. Organização das tabelas de dados .....	49
2. Características das ocorrências de GN .....	53
2.1. Produções escritas de aprendentes com russo / ucraniano como primeira língua .....	53
2.1.1. Resultados da categoria GN [N] .....	56
2.1.2. Resultados da categoria GN [Det+N] .....	58
2.1.3. Resultados da categoria GN [2 Dets + N] .....	60
2.1.4. Resultados da categoria GN [Quant+N] .....	63
2.1.5. Resultados da categoria GN [N+Adj] .....	64
2.1.6. Resultados do GN referentes à concordância .....	66
2.1.7. Síntese dos dados referentes aos aprendentes com russo ou ucraniano como língua materna .....	68
2.2. Produções escritas de aprendentes com inglês como primeira língua .....	70
2.2.1. Resultados da categoria GN [N] .....	71
2.2.2. Resultados da categoria GN [Det+N] .....	73
2.2.3. Resultados da categoria GN [2 Dets + N] .....	75
2.2.4. Resultados da categoria GN [Quant+N] .....	78
2.2.5. Resultados da categoria GN [N+Adj] .....	79



2.2.6. Resultados do GN referentes à concordância .....	81
2.2.7. Síntese dos dados referentes aos aprendentes com inglês como língua materna .....	83
2.3. Produções escritas de aprendentes com francês como primeira língua .....	84
2.3.1. Resultados da categoria GN [N] .....	86
2.3.2. Resultados da categoria GN [Det+N] .....	87
2.3.3. Resultados da categoria GN [2 Dets + N] .....	89
2.3.4. Resultados da categoria GN [Quant+N] .....	90
2.3.5. Resultados da categoria GN [N+Adj] .....	91
2.3.6. Resultados do GN referentes à concordância .....	92
2.3.7 Síntese dos dados referentes aos aprendentes com inglês como língua materna .....	94
Síntese .....	95
Conclusão .....	97
Bibliografia .....	101
Webgrafia.....	102



## ÍNDICE DE TABELAS (vol. I)

	pág.
Tabela 1	Constituição do GN em português ..... 14
Tabela 2	Constituição do GN em russo e ucraniano ..... 20
Tabela 3	Constituição do GN em inglês ..... 25
Tabela 4	Constituição do GN em francês ..... 29
Tabela 5	Categorias de GNs ..... 50
Tabela 6A	Totais referentes às ocorrências de GNs nos textos dos aprendentes com russo e ucraniano como LM ..... 54
Tabela 6B	Dados referentes às ocorrências de GNs nos textos dos aprendentes com russo e ucraniano como LM, por categorias ..... 55
Tabela 7A	Totais referentes às ocorrências de GNs nos textos dos aprendentes com inglês como LM ..... 70
Tabela 7B	Dados referentes às ocorrências de GNs nos textos dos aprendentes com inglês como LM por categorias ..... 71
Tabela 8A	Totais referentes às ocorrências de GNs nos textos dos aprendentes com francês como LM ..... 85
Tabela 8B	Dados referentes às ocorrências de GNs nos textos dos aprendentes com francês como LM por categorias ..... 85

## ÍNDICE DE ANEXOS (vol. II)

<b>Anexo I</b>		Aprendentes de língua materna russa e ucraniana .....	1
Nível A1	Parte A	Aprendentes de língua materna russa .....	1
	Parte B	Aprendentes de língua materna ucraniana .....	2
Nível A2	Parte A	Aprendentes de língua materna russa .....	3
	Parte B	Aprendentes de língua materna ucraniana .....	4
Nível B1	Parte A	Aprendentes de língua materna russa .....	5
Nível C1	Parte A	Aprendentes de língua materna russa .....	7
	Parte B	Aprendentes de língua materna ucraniana .....	8
<b>Anexo II</b>		Aprendentes de língua materna inglesa .....	9
Nível A1		.....	9
Nível A2		.....	11
Nível B1		.....	13
Nível B2		.....	33
Nível C1		.....	34
<b>Anexo III</b>		Aprendentes de língua materna francesa .....	37
Nível A1		.....	37
Nível A2		.....	38
Nível B1		.....	39
Nível B2		.....	46

## LISTA DE SIGLAS

**Adj**– Adjetivo

**Det** - Determinante

**Gen**– Género gramatical

**GN**<sup>1</sup> – Grupo nominal

**GP** – Grupo preposicional

**LE** – Língua estrangeira

**LM** – Língua materna

**LN**M – Língua não materna

**LS** – Língua segunda

**L1** – Primeira língua

**L2** – Segunda língua

**N** - Nome

**Num** - Número

**PEAPL2** - *Corpus* de Produções Escritas de Aprendentes de PL2

**PLELS** – Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda

**PLS** – Português como Língua Segunda

**Quant**– Quantificador

**QECRL** – Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

---

<sup>1</sup> Foi escolhida a sigla GN e não SN, para uniformização com a designação do *Dicionário Terminológico*:  
<http://dt.dgidec.min-edu.pt>



## Introdução

O tema desta dissertação de mestrado foi escolhido no âmbito da sintaxe do Português como Língua Estrangeira / Língua Segunda (PLELS) para mostrar o processo de aprendizagem da estrutura interna do Grupo Nominal (GN) em português por aprendentes com outras línguas maternas ou primeiras (LM / L1): russo, ucraniano, inglês e francês. O objetivo do trabalho foi o de verificar se existia influência da língua materna dos aprendentes, porque, por experiência pessoal, sabemos que isso acontece muitas vezes. De forma mais específica, pretendeu-se analisar produções escritas de aprendentes com estas línguas como línguas maternas, para perceber se existe transferência negativa ou positiva, conforme as línguas são próximas, como no caso do francês, ou distantes, como no caso do russo ou do ucraniano.

Para elaborar a dissertação e principalmente o capítulo 3, foi feita uma análise baseada no *corpus* de produções escritas de aprendentes de PLELS recolhido por investigadores do CELGA. O principal ponto da análise foi a procura de todos os grupos nominais nos textos de aprendentes de PLELS com LM russa, ucraniana, inglês e francês. De seguida, todos estes grupos – designados por *ocorrências* – foram divididos em duas secções principais, conforme seguem a norma-padrão ou apresentam desvios. Para classificar todas estas ocorrências foram criadas 6 categorias, de acordo com a estrutura de constituição: com um só nome (GN [N]), com um ou dois determinantes (GN [Det+N, GN [2 Dets + N]), com quantificador (GN [Quant+N]), com adjetivo (GN [N+Adj]) e uma categoria para casos de concordância, para perceber melhor em que estrutura os aprendentes apresentam mais problemas.

Como veremos na análise, a hipótese de influência da LM dos aprendentes é válida, mas não é definitiva, porque nem todas as estruturas são absolutamente distantes ou próximas do português. Dentro de uma mesma língua, algumas estruturas são próximas, outras mais distantes, e, por isso, esta situação vai ter influência diferente na transferência.

A presente dissertação terá três capítulos, por sua vez, divididos em secções diferentes. O capítulo 1 vai incluir os pontos principais de descrição da constituição interna do grupo nominal (GN). A primeira secção deste capítulo vai mostrar a descrição da estrutura

interna do GN em português. Vão ser mostrados os pontos mais importantes ligados à constituição e às relações sintáticas no interior do GN. Ou seja, a primeira parte (constituição) ilustra as regras principais de uso do nome com várias palavras e morfemas (determinantes: artigos definidos e indefinidos, possessivos; quantificadores; adjetivos). A segunda parte desta secção está ligada às regras relacionadas com a concordância em género e número destes elementos e as regras relacionadas com a ordem de ocorrência dentro do grupo nominal. Para elaborar este capítulo foram utilizadas várias obras bibliográficas: para a questão da descrição da estrutura interna do grupo nominal em português foi escolhida a *Gramática da Língua Portuguesa* de Maria Helena Mira Mateus *et alii* (2003). Esta obra foi a principal para ilustrar melhor a constituição do GN em português. Também foi utilizada a *Sintaxe do Português* de André Eliseu (2006) para ilustrar melhor a questão relacionada com a concordância em português.

A segunda secção deste capítulo (cap. 1) ilustrará estrutura interna do GN em outras línguas. Em primeiro lugar, vai ser mostrada a estrutura interna do GN em russo e em ucraniano, depois em inglês e, por último, em francês. Como na secção anterior, todas estas secções também incluem dois pontos importantes: constituição do GN e relações sintáticas no interior do GN. Também em cada secção foram criados exemplos e explicações possíveis de constituição do GN. De seguida, ilustram-se as regras principais relacionadas com a concordância em género e número, e as regras de ordem. Também é preciso mostrar os pontos diferentes e semelhantes das línguas apresentadas em relação ao português. Nesta parte de capítulo, para a ilustração da estrutura do GN em russo e em ucraniano foram escolhidas duas gramáticas: a do linguista russo Koduhov (1979), e a do linguista ucraniano Yushchuk (1979). Para a língua inglesa foram escolhidas duas obras introdutórias à sintaxe e à estrutura da língua (*Beginning Syntax*, de L. Thomas, 1993 e *The structure of English*, de L. Brinton, 2001). Por último, para a descrição da estrutura interna do GN em francês foram usados dois livros: a *Grammaire Méthodique* de M. Riegel *et alii* (2009), e *French Syntax* (M. A. Jones, 1996). As obras de G. Corbett (1991, 2000, 2006) foram usados para explicar melhor a questão ligada à concordância e ordem das palavras.

O capítulo 2 foi elaborado para mostrar os pontos principais que se relacionam com as questões das línguas, ou seja, neste caso, o português como línguas não materna para os



aprendentes com línguas maternas russo, ucraniano, inglês e francês. Assim, em primeiro lugar, é preciso explicar o nosso conceito de português como língua estrangeira ou língua segunda. Para esta questão usaram-se as obras de Maria Helena Mira Mateus e de Alina Villalva (2006), e de Isabel Leiria (2004). O segundo ponto importante deste capítulo diz respeito à constituição da *interlíngua*. De seguida, vão ser mostradas as fases da *interlíngua* e regras de aprendizagem, fases da aprendizagem do GN e sequências lógicas destas fases. Para isto foram utilizadas as obras de Selinker (1993), Ellis (1994) e Hawkins (2006). Por último, vai ser explicado o conceito de influência positiva ou negativa da L1 com a ajuda das obras de Corder, e de Gass e Selinker (1993).

O capítulo 3 vai incluir a análise de todas as ocorrências desviantes que foram encontradas em textos de aprendentes de PLELS. A primeira secção deste capítulo ilustrará as características gerais do *corpus*. Também será explicada a razão por que foi escolhido o conceito *desvio*, e não *erro*. De seguida, mostra-se organização das tabelas de dados (categorias dos GNs – *Tabela 5*). A segunda secção do capítulo 3 mostrará as características das ocorrências de GN, onde estão incluídas produções escritas de aprendentes com russo / ucraniano, inglês e francês como primeira língua. Cada uma destas línguas inclui duas tabelas: *Tabelas 6A, 7A e 8A*, para mostrar os totais referentes às ocorrências de GNs nos textos dos aprendentes com russo e ucraniano, inglês e francês como LM, respetivamente, e *6B, 7B e 8B*, para ilustrar dados referentes às ocorrências de GNs nos textos dos aprendentes, por categorias. De seguida, mostram-se os resultados e as explicações possíveis para cada categoria da estrutura interna do GN. No fim do capítulo encontra-se a síntese de todos os dados retirados e da análise destes dados.

A última parte desta dissertação vai mostrar a conclusão geral sobre a influência da estrutura de constituição do GN em cada língua materna, em relação ao português. Também será mostrado o grau de validação das conclusões e as ideias possíveis para a investigação futura.



## Capítulo 1

### Descrição da constituição interna do Grupo Nominal

#### Introdução

Com o presente capítulo, pretende-se descrever a estrutura interna do Grupo Nominal (GN) em português e em outras línguas, umas consideradas “distantes”, como o russo e o ucraniano, outras “semi-distantes”, como o inglês, e outras “próximas”, como o francês. Este conceito da distância baseia-se na tipologia de línguas (Vellupilai 2010: 15) e diz respeito à semelhança maior ou menor da estrutura sintática do GN em relação ao português, tendo em conta dois fatores: (i) os seus elementos constituintes (nomes, determinantes, quantificadores, adjetivos e expansões por meio de grupos preposicionais); (ii) algumas regras da estrutura desses elementos (ordem de ocorrência e concordância, por exemplo).

O conceito de *distância* é relevante para esta dissertação tendo em conta o seu objetivo: verificar se os aprendentes de português como língua estrangeira e língua segunda (PLELS) com língua materna (LM) mais próxima do português aprendem mais rapidamente e com mais facilidade a estrutura interna do GN, ao contrário dos aprendentes com LM mais distante.

O capítulo apresentará duas partes essenciais, uma das quais vai incluir a informação sobre GN em português; a segunda parte descreverá a estrutura interna do GN em outras línguas. O capítulo também apresentará as semelhanças e diferenças da estrutura do GN entre a língua portuguesa e as outras línguas mencionadas.

#### 1. A estrutura interna do GN em português

##### 1.1. Constituição

Segundo Maria Helena Mira Mateus, o sintagma nominal, ou grupo nominal (GN), “é uma categoria sintática que é a projecção de um nome” (Mateus, 2003: 328). Por exemplo, *a/uma/esta/alguma construção, a construção do edifício, a construção demorada, a construção importante*. Percebe-se que o nome *construção* é o núcleo do GN, mas também se nota que existem outros elementos importantes que o expandem, tais como: determinantes (Det) como *a* (artigo definido), *uma* (artigo indefinido), *esta* (determinante demonstrativo);

quantificadores (como *alguma*); adjetivos (como *a construção importante*); ou grupos preposicionais (como *a construção do edifício*). Por conseguinte, o GN em português pode ser construído por um nome simples, por um nome antecedido de um ou mais determinantes (artigos definidos / indefinidos; demonstrativos ou possessivos) e / ou quantificadores, por um nome com adjetivo (Adj) e/ou grupo preposicional (GP).

Na dissertação, são consideradas todas as estruturas que constam da tabela 1:

<b>Sigla</b>	<b>Constituição</b>	<b>Exemplo</b>
GN [N]	Um único nome, que é o núcleo nominal	<i>João, Paris</i>
GN [Det + N]	Determinante (artigo, demonstrativo, possessivo) + Núcleo nominal	<i>O/Um cão; este cão</i>
GN [2 Det + N]	Determinante (artigo, demonstrativo) + Determinante (possessivo) + Núcleo nominal	<i>O meu cão; este meu cão</i>
GN [Det + N + Adj]	Determinante (artigo, demonstrativo, possessivo) + Núcleo nominal + Adjetivo	<i>O cão castanho</i>
GN [2Det + N + Adj]	Det (artigo, demonstrativo) + Det (possessivo) + Núcleo nominal + Adjetivo	<i>O meu cão castanho</i>
GN [Quant + N]	(Det) + Quantificador + Núcleo nominal	<i>Três cães; vários cães</i>
GN [Det + Quant + N]	Det (artigo, demonstrativo, possessivo) + Quantificador + Núcleo Nominal	<i>Todos os meus cães</i>
GN [Det + Quant + N + Adj]	Det (artigo, demonstrativo, possessivo) + Quantificador + Núcleo Nominal + Adjetivo	<i>Todos os meus cães velozes</i>
GN [Det + Nome + GP]	Det (artigo, demonstrativo, possessivo) + Núcleo Nominal + GP	<i>O cão do vizinho</i>
GN [Det + Quant + N + GP]	Det (artigo, demonstrativo, possessivo) + Quantificador + Núcleo Nominal + GP	<i>Todos os meus cães de caça</i>

*Tabela 1 – Constituição do GN em português*

Começando pela primeira categoria de tabela (GN [N]), é preciso notar que esta contém só um nome simples (todos os tipos de nomes), ou seja, o núcleo nominal sem determinantes

nem quantificadores. Os exemplos explicam melhor a frase anterior. Em português usa-se só um nome nos contextos seguintes (cf. Mateus, 2003: 360-363):

- nomes próprios que designam uma figura pública: **Jorge Sampaio** *gosta de música popular portuguesa*;

- alguns nomes de países ou cidades, como: *Portugal, Andorra, Israel; Lisboa, Setúbal, Coimbra*;

- meses, como *dezembro, em março*;

- vocativos, como *Ana, fala comigo!*

- a forma plural de um nome (“meros plurais”), sobretudo quando existe a leitura genérica: *Li livros*;

- com nomes não contáveis, ou que são objeto do verbo *ter*: *comprei farinha, tenho medo*;

Nas categorias seguintes, encontramos as classes que ocorrem em posição pré-nominal, isto é, à esquerda do núcleo. A segunda categoria da tabela (GN [Det + N]) contém os determinantes (definidos/ indefinidos; demonstrativos) que podem ocorrer em contextos diferentes, por exemplo, com:

- nomes comuns, animados (humanos, como *homem*, e não humanos, como *cão*) ou não animados (*livro*);

- nomes contáveis (*caneta*);

- nomes abstratos (*felicidade*), ou concretos (*lápiz*)

Primeiramente, é preciso indicar com exatidão que o Determinante, definido ou indefinido, faz parte da estrutura do GN, seja qual for a função deste (sujeito ou complemento de objeto direto, entre outras). Neste ponto é preciso mostrar todas as situações em que se usam os determinantes. Mas antes de tudo é importante referir que “o termo ‘determinante’ cobre uma classe limitada de elementos que precedem o nome e que servem para construir valores referenciais de individualização das expressões nominais, diferentes da quantificação” (Mateus, 2003: 346).

Assim sendo, os determinantes (artigo definido/indefinido e demonstrativo) podem preceder:

- nomes comuns, por exemplo: *O filho do professor; um rapaz bonito;*
- nomes próprios: *Vi a Maria* (mas não *\*Vi uma Maria*);
- nomes abstratos: *a/uma alma;*
- nomes concretos: *o/um lápis;*
- nomes coletivos: *o/um bando;*
- nomes geográficos – de países, regiões, continentes, montanhas: *a França, o Nordeste, a África*
- nomes dos dias da semana, por exemplo: *o domingo.*

A terceira categoria da tabela contém dois determinantes, ou seja, o grupo nominal tem um artigo definido/indefinido ou um demonstrativo com possessivo e o núcleo nominal. Por exemplo:

- *O meu amor é só teu*, onde se encontram dois determinantes – o artigo definido *o* e o possessivo *meu*.

Também é preciso dizer que em português o determinante possessivo não pode ocorrer sem artigo (*\*Meu amor é só teu*). Este ponto é muito importante, porque separa o português de todas as outras línguas vistas nesta dissertação, como iremos ver (cf. 2). Outro exemplo mostra que, em português, também podem ocorrer dois determinantes, o demonstrativo e o possessivo: *Este meu vizinho*. Assim, os determinantes definidos ocorrem em distribuição complementar relativamente aos demonstrativos: *Ela viu as/essas cartas*, ou seja, nunca se usa o artigo definido/indefinido com demonstrativo: *\*O este vizinho/O este meu vizinho*.

A categoria do GN com quantificadores pode incluir diversos tipos de elementos (cf. Mateus, 2003: 356):

- aqueles que exprimem a quantificação existencial (*um/uns; algum*): *um/algum livro;*
- aqueles que exprimem a cardinalidade ou a ordem (os numerais): *o primeiro livro;*
- aqueles que indicam pluralidade (*muitos, vários, poucos*): *muitos livros;*
- os que são universais (*todos; ambos*): *todos os livros.*

Também é preciso dizer que os quantificadores podem ocorrer com os determinantes, por exemplo: em *todos os países*, encontra-se o quantificador *todos* e o determinante (artigo definido) *os*. Um outro exemplo é: *o primeiro passo*, onde existe o determinante (artigo definido) *o* e o quantificador *primeiro*.

A categoria seguinte contém os adjetivos, que podem aparecer em duas posições em relação ao núcleo: pré- e pós-nominal: *uma criança bonita/ uma bonita criança*. Porém, a regra da colocação da língua portuguesa é a da posição pós-nominal. Alguns adjetivos só ocorrem mesmo em posição pós-nominal: *um triângulo equilátero; o turismo estudantil; a mulher portuguesa*. Os adjetivos ligados a uma interpretação quantificadora têm uma posição pré-nominal: *um mero incidente* (Mateus, 2003: 366-368).

Os grupos preposicionais (GP) podem ser complementos ou modificadores do nome. O complemento do nome com a forma de GP pode ser construído por uma preposição e por um GN que a completa: *A mania da perseguição torna-o infeliz*. Os GPs também podem funcionar como modificadores restritivos do nome: *Gostei do livro de gravuras*.

Contudo, também existem ocorrências de GN com nomes comuns sem determinante, para referências genéricas / não específicas, geralmente integrados em GPs (*falam com pessoas de culturas diferentes – discutem assuntos variados – encontram gente pelo caminho – leem livros infantis...*).

## 1.2. Relações sintáticas no interior do GN

Depois desta lista que mostra os elementos constituintes do GN em português, não se podem esquecer dois pontos muito importantes. Um deles é concordância em gênero e número entre todos os elementos dentro do GN. “No SN, os valores de gênero e número do nome determinam a concordância de determinantes e quantificadores e ainda dos grupos adjetivais e dos apostos”, como, por exemplo, em *o meu pai/os meus pais; o rapaz gordo/os rapazes gordos*. É possível dizer que o núcleo nominal controla a concordância dos seus determinantes (*as minhas aulas*), dos quantificadores (*todos os dias*), e dos modificadores adjetivais (*as casas giras*), (Mateus, 2003: 330). Também segundo André Eliseu, “os determinantes e

sintagmas adjectivais que fazem parte de um sintagma nominal têm de ter a mesma especificação de género e número que o núcleo desse sintagma”: *um homem alto* (\**uma homem alto*, \**um homem alta*, \* *uns homem alto*, \**um homem altos*), *muitos homens* (\**muitos homem*). Porém, algumas palavras são invariáveis, ou seja, não podem ocorrer em formas diferenciadas para mostrar a concordância, por exemplo: *um muro grande*, *uma casa grande* (Eliseu, 2006: 70, destaques nossos). Além disso, nesta dissertação, também veremos a concordância nos GAdj e nos GNs que fazem parte do predicativo do sujeito (como, por exemplo, *Coimbra é bonita* / *Coimbra é uma cidade bonita*).

O segundo ponto é a ordem dos elementos dentro do GN em português. Sabe-se que a estrutura principal é a seguinte: Det + (Det) + Quant + N + Adj. Assim, nota-se que o determinante é um elemento obrigatório do GN quando o núcleo é um nome comum, que deve aparecer à esquerda desse nome, e antes dos outros constituintes (*o trabalho*). Também se sabe que um GN em português pode ter mais do que um determinante (determinante definido e determinante possessivo – *os meus vizinhos*) e quantificador (*dois lugares*), o qual se encontra depois do determinante principal (*os dois lugares*), embora também possa aparecer antes (*todos os meus amigos*).

Em suma, o núcleo do GN em português é o nome. Os tipos destes nomes podem ser diferentes. Alguns destes nomes, como, por exemplo, próprios (*Lisboa*) ocorrem sem o determinante. Porém, os nomes concretos, comuns podem ocorrer com os determinantes (artigo definido/indefinido; demonstrativos; possessivos): *o/um/este meu livro*. Também é preciso dizer que todos estes elementos podem ocorrer juntos numa frase: *esta minha casa*. Devem, ainda, concordar em género e número e ter uma ordem determinada: Det + (Det) + Quant + N + Adj.

Assim, percebe-se que a língua portuguesa tem muitas regras importantes e específicas que podem dificultar a aprendizagem da língua aos aprendentes de português como língua estrangeira ou segunda (PLELS). Porém, os aprendentes que têm uma língua materna ou primeira (LM / L1) próxima do português podem aprender estas regras com mais facilidade. Como veremos, em francês, por exemplo, também existem determinantes (artigos definidos e indefinidos). Por isso, os aprendentes não precisam de muito tempo para adquirir as suas



regras de uso, ao contrário de aprendentes russos ou ucranianos, que, na sua LM, não têm o registo escrito destas palavras. Assim, estes aprendentes precisam de mais tempo para adquirir as regras (cf. cap. 2).

## **2. Estrutura interna do GN em outras línguas**

### **2.1. Estrutura interna do GN em Russo e em Ucraniano**

Depois desta descrição breve da estrutura interna do GN em português, é possível passar para a descrição do GN em russo e em ucraniano. Em primeiro lugar, é importante lembrar que estas línguas, como sabido, pertencem ambas à família das **línguas eslavas** e, por isso, têm uma estrutura de GN semelhante (Koduhov, 1979: 313- 316). Também apresentam ambas as mesmas diferenças em relação ao GN em português. A primeira e a mais significativa diferença é o facto de que as línguas, quer a russa, quer a ucraniana, não apresentam a forma morfológica de determinantes, nem o definido nem o indefinido, ainda que exista valor definido e indefinido para o GN.

#### **2.1.1. Constituição**

O linguista ucraniano Yushchuk e o linguista russo Koduhov partilham a ideia segundo a qual, nestas línguas, os GNs são constituídos com nomes comuns, abstratos, concretos e próprios, tal como em português, mas em nenhum destes casos o GN possui determinante (Yushchuk 1979: 83-86; Koduhov 1979: 55-57).

Tal como na secção anterior (ver 1.1), a tabela 2 mostra os elementos que fazem parte do GN nestas duas línguas:

*Aprendizagem da constituição do Grupo Nominal  
num corpus de Português Língua Estrangeira / Língua Segunda*

Sigla	Constituição	Exemplos
GN [N]	Um único nome, que é o núcleo nominal	russo: <i>sobaca</i> ucr.: <i>sobaca</i>
GN [Det + N]	Determinante (demonstrativo, possessivo) + Núcleo nominal	russo: <i>etot mujchina</i> ucr.: <i>tsei cholovik</i>
GN [2 Det + N]	Determinante (demonstrativo) + Determinante (possessivo) + Núcleo nominal	russo: <i>etot moy drug</i> ucr.: <i>tsei miy drug</i>
GN [Adj + N]	Adjetivo + Núcleo nominal	russo: <i>krasiviy kot</i> ucr.: <i>garniy kit</i>
GN [2Det + Adj + N]	Det (demonstrativo) + Det (possessivo) + Adjetivo + Núcleo nominal	russo: <i>etot moy krasiviy kot</i> ucr.: <i>tsey miy garniy kit</i>
GN [Quant + N]	(Det) + Quantificador + Núcleo nominal	russo: <i>dve ruki</i> ucr.: <i>dvi ruki</i>

*Tabela 2 – Constituição do GN em russo e em ucraniano*

Inclui-se agora a informação mais detalhada desta tabela. Em primeiro lugar, os exemplos apresentam as glosas, para explicar melhor as diferenças entre a língua portuguesa e as línguas russa e ucraniana, mostrando “information about the meanings and grammatical properties of individual words and parts of words” (cf. *Leipzig Glossing Rules*, 2008: 1). Por isso, é possível passar agora para a parte que explica que, em russo e em ucraniano, os nomes comuns, abstratos, concretos e próprios não registam a presença do artigo definido, nem do artigo indefinido.

a) nomes comuns:

russo	<i>sobaca</i>	(tradução: <i>o cão</i> )
ucraniano	<i>sobaca</i> 'cão'	(tradução: <i>o cão</i> )
	N <sub>fem-SG</sub>	

b) nomes abstratos:

russo	<i>misl</i>	(tradução: <i>o pensamento</i> )
ucraniano	<i>dumka</i> 'pensamento'	(tradução: <i>o pensamento</i> )
	N <sub>Fem-SG</sub>	

c) nomes concretos:

russo	<i>ruchka</i>	(tradução: <b>a</b> caneta)
ucraniano	<i>ruchka</i> 'caneta'	(tradução: <b>a</b> caneta)
	N <sub>Fem-SG</sub>	

d) nomes próprios:

russo	<i>Pavel</i>	(tradução: <b>o</b> Paulo)
ucraniano	<i>Pavel</i> 'Paulo'	(tradução: <b>o</b> Paulo)
	N <sub>Masc-SG</sub>	

Porém, com a ajuda de morfemas, tais como os demonstrativos ou os quantificadores, torna-se possível perceber o valor (definido/indefinido) que estes nomes assumem em contexto. Vejam-se os exemplos:

russo	<i>eta</i>	<i>jenshina</i>	(tradução: <b>a</b> mulher)
ucraniano	<i>tsyа</i> 'Esta'	<i>jinka</i> mulher'	(tradução: <b>a</b> mulher)
	Det-Demonstrativo-Fem-SG	N <sub>Fem-SG</sub>	

Verifica-se assim que o demonstrativo *esta*, como também *este/ estes/ estas*, pode funcionar em russo e em ucraniano como um morfema de valor definido (isto se percebe através do contexto). O indefinido *qualquer*<sup>2</sup>, pelo contrário, pode funcionar como um morfema de valor indefinido, por exemplo, em:

russo	<i>kakaya-to</i>	<i>jenshina</i>	(tradução: <b>uma</b> mulher)
ucraniano	<i>yakas</i> 'Qualquer'	<i>jinka</i> mulher'	(tradução: <b>uma</b> mulher)
	Det-Indefenido-Fem-SG	N <sub>Fem-SG</sub>	

---

<sup>2</sup>Ver *O artigo indefinido e o modo de transmissão em Língua Russa*  
<http://works.tarefer.ru/105/100112/index.html> (Consulta em 15.01.2013)

Como já foi referido anteriormente, o GN em russo e em ucraniano pode ter vários morfemas. Novamente segundo Yushchuk (1979) e Koduhov (1979), à esquerda do nome que é núcleo do GN podem aparecer:

- o determinante demonstrativo, por exemplo:

russo	<i>etot</i>	<i>mujchina</i>	(tradução: <i>este homem</i> )
ucraniano	<i>tsei</i>	<i>cholovik</i>	(tradução: <i>este homem</i> )
	‘Este	homem’	
	Det-Demonstrativo-Masc-SG	N <sub>Masc-SG</sub>	

- o determinante possessivo:

russo	<i>moi</i>	<i>otets</i>	(tradução: <b>o meu</b> pai)
ucraniano	<i>miy</i>	<i>batko</i>	(tradução: <b>o meu</b> pai)
	‘Meu	pai’	
	Det-Possessivo-Masc-SG	N <sub>Masc-SG</sub>	

- o determinante demonstrativo + o determinante possessivo:

russo	<i>etot</i>	<i>moy</i>	<i>drug</i>	(tradução: <i>este meu amigo</i> )
ucraniano	<i>tsey</i>	<i>miy</i>	<i>drug</i>	(tradução: <i>este meu amigo</i> )
	‘Este	meu	amigo’	
	Det-Demonstrativo-Masc-SG	Det-Possessivo-Masc-SG	N <sub>Masc-SG</sub>	

- o adjetivo (cf. Yushchuk 1979:114-117; Koduhov 1979: 258-260):

russo	<i>krasiviy</i>	<i>kot</i>	(tradução: <b>o gato bonito</b> )
ucraniano	<i>garniy</i>	<i>kit</i>	(tradução: <b>o gato bonito</b> )
	‘Bonito	gato’	
	Adj <sub>Masc-SG</sub>	N <sub>Masc-SG</sub>	

- o quantificador (cf. Yushchuk 1979:128-135; Koduhov 1979: 255-257):

russo	<i>dve</i>	<i>ruki</i>	(tradução: <b>duas mãos</b> )
ucraniano	<i>dvi</i>	<i>ruki</i>	(tradução: <b>duas mãos</b> )
	‘Duas	mãos’	
	Quant-Fem-PL	N <sub>Fem-PL</sub>	

### 2.1.2. Relações sintáticas

A ordem dos elementos dentro do GN em russo e em ucraniano tem algumas semelhanças com a do GN em português. Os determinantes e quantificadores aparecem à esquerda do nome, ao passo que o adjetivo tanto pode ser encontrado à esquerda, como à direita do nome. No entanto, a posição habitual do adjetivo é à esquerda do nome, como mostrou o exemplo anterior (Corbett, 1991: 2; 2000: 4; 2006: 7).

A concordância também faz parte da construção do GN, ou seja, todos os elementos dentro do GN devem concordar em género e número. As línguas russa e ucraniana opõem singular e plural e os exemplos seguintes mostram que os morfemas concordam em número:

a)	Singular		
russo	<i>odin</i>	<i>malchik_</i>	(tradução: <i>um rapaz</i> )
ucranino	<i>odin</i>	<i>hlopets_</i>	(tradução: <i>um rapaz</i> )
	‘Um	rapaz’	
	Quant Masc-SG	N Masc-SG	
b)	Plural		
russo	<i>dva</i>	<i>malchika</i>	(tradução: <i>dois rapazes</i> )
ucraniano	<i>dva</i>	<i>hloptsya</i>	(tradução: <i>dois rapazes</i> )
	‘Dois	rapazes’	
	Quant Masc-PL	N Masc-PL	

Porém, ao contrário do português, o género subdivide-se em três tipos e não em dois:

- a) Masculino (russo: *papa*; ucraniano: *batko*; tradução: *o pai*)
- b) Feminino (russo: *devochaka*; ucraniano: *divchinka*; tradução: *a menina*);
- c) Neutro (russo – *derevo*; ucraniano: *derevo*; tradução: *a árvore*).

Como se pode ver, todos os elementos, como os determinantes (demonstrativos, possessivos), os quantificadores e os adjetivos concordam com os nomes em género e em número. Por exemplo (cf. Kodukov, 1979: 265-268; Yushchuk, 1979: 86-88):

a)	russo	<i>eta</i>	<i>devochca</i>	(tradução: <i>esta menina</i> )
	ucraniano	<i>tsya</i>	<i>divchina</i>	(tradução: <i>esta menina</i> )
		‘Esta	menina’	
		Det-Demonstrativo-Fem-SG	N Fem-SG	

b)	russo	<i>malenkie</i>	<i>deti</i>	(tradução: <b>as</b> crianças pequenas)
	ucraniano	<i>malī</i>	<i>diti</i>	(tradução: <b>as</b> crianças pequenas)
		‘Pequenas	crianças’	
		Adj <sub>PL</sub>	N <sub>PL</sub>	
c)	russo	<i>moy</i>	<i>kot</i>	(tradução: <b>o meu</b> gato)
	ucraniano	<i>miy</i>	<i>kit</i>	(tradução: <b>o meu</b> gato)
		‘Meu	gato’	
		Determinante-Possessivo-Masc-SG	N <sub>Masc-SG</sub>	

Com a ajuda de todos estes exemplos, torna-se mais claro o facto de que, em ucraniano e em russo, os elementos constituintes do GN (neste caso, o determinante demonstrativo, o quantificador, o adjetivo) concordam com o Nome em género e número. Contudo, também existem constituintes que não concordam com o nome, como o quantificador *muito*. Quando, em português, é preciso marcar a concordância por meio de morfema descontínuo em *muito tempo*, *muita paciência*, *muitos amigos*, *muitas flores*, em russo e em ucraniano aparece apenas o morfema invariável *muito* (*masc./sg.*):

russo:	<i>mnogo</i>	<i>raboti</i>	(tradução: <i>muito trabalho</i> )
ucraniano:	<i>bagato</i>	<i>roboti</i>	(tradução: <i>muito trabalho</i> )
	‘Muito	trabalho’	
	Quant	N <sub>Fem-SG</sub>	
russo:	<i>mnogo</i>	<i>dryzei</i>	(tradução: <i>muitos amigos</i> )
ucraniano	<i>bagato</i>	<i>dryziv</i>	(tradução: <i>muitos amigos</i> )
	‘Muito	amigos’	
	Quant	N <sub>Masc-PL</sub>	

Em suma, é preciso dizer que em russo e ucraniano, como também em português, o núcleo do GN é o nome. Porém, ao contrário do português, estas duas línguas não registam a presença do artigo definido, nem do artigo indefinido. Isto é uma das maiores diferenças entre a estrutura interna do GN em português e em russo e em ucraniano, que faz delas línguas distantes. Assim, esta diferença pode causar o número muito grande de desvios nesta questão, pelo que os aprendentes russos e ucranianos precisarão de muito tempo para adquirir as regras do uso destes determinantes (ver cap. 3).

## 2. 2. Estrutura interna do GN em Inglês

### 2.2.1. Constituição

A língua inglesa também apresenta algumas diferenças e semelhanças em relação à estrutura do GN português. Tal como em línguas anteriormente referidas, também tem o nome como núcleo do grupo nominal. Segundo Linda Thomas, o nome é o único elemento obrigatório dentro do sintagma nominal; os outros elementos (adjetivos; determinantes demonstrativos, artigos e possessivos; quantificadores) são opcionais. São todos pré-modificadores do nome, ou seja, aparecem antes do núcleo do GN, à sua esquerda (Thomas,1993: 80-100). Os exemplos podem ilustrar melhor a estrutura interna do GN em inglês (ver tabela 3).

Sigla	Constituição	Exemplo
GN [N]	Um único nome, que é o núcleo nominal	<i>Dogs bark; Peter sleeps</i>
GN [Det + N]	Determinante (artigo, demonstrativo, possessivo) + Núcleo nominal	<i>The dogs, the house An apple, a text These dogs; this house My dogs; your house</i>
GN [Det + Adj + N]	Determinante (artigo, demonstrativo, possessivo) + Adjetivo + Núcleo nominal	<i>The big house</i>
GN [Quant + N]	Quantificador + Núcleo nominal	<i>Two houses; some/many dogs</i>

Tabela 3 – Constituição do GN em inglês

Tal como foi feito para o russo e o ucraniano, é preciso incluir as glosas para explicar melhor a tabela que foi apresentada. Como se vê, a constituição interna do GN que contém só um nome é a seguinte:

inglês                    *Peter*                    (tradução: *Pedro, o Pedro*)  
                               ‘Pedro’  
                               N<sub>Masc-SG</sub>

Nota-se que, em inglês, um nome próprio, como *Peter*, não tem artigo nem definido, nem indefinido. Também os morfemas de plural, como em *dogs*, podem ocorrer com nomes sem artigos.

Contudo, com os outros tipos dos nomes, como, por exemplo, concretos (*a/the pencil*), comuns (*a/the dog*), abstratos (*the darkness*) e coletivos (*a/the colony*), é preciso usar os determinantes (artigo definido/indefinido):

inglês	<i>the</i>	<i>dog</i>	(tradução: <b><i>o</i></b> cão)
	‘O	cão’	
	Determinante-Def-SG	N sg	

Em inglês, o GN pode incluir possessivo (*my, your*):

inglês	<i>my</i>	<i>dog</i>	(tradução: <b><i>o</i></b> meu cão)
	‘Meu	cão’	
	Determinante-Possessivo-Sg	N Masc?SG	

Neste exemplo, notamos uma das diferenças mais importantes entre o GN em português e o GN em inglês. De facto, na construção com nome e possessivo, a língua inglesa não tem o artigo definido/indefinido: *My dog* (*\*the my dog*), *my friend* (*\*the my friend*), *your father* (*\*the your father*). Nesta língua, é preciso usar só o possessivo e o nome, quando em português é preciso também usar o determinante (definido/indefinido): ***o meu cão, o meu amigo, o teu pai***.

O GN em inglês também pode ter o determinante demonstrativo: *this house, these houses, that dog*.

inglês	<i>This</i>	<i>house</i>	(tradução: <b><i>esta</i></b> casa)
	‘Este/a	casa’	
	Det-Demonstrativo-SG	N Masc-Sg	

Os quantificadores ocorrem antes dos nomes: *one dog, some dogs, many houses*:

inglês	<i>Some</i>	<i>dogs</i>	(tradução: <b><i>alguns</i></b> cães)
	‘Algum/s	cães’	
	Quant Masc-SG	N Masc-PL	

O adjetivo também pode ocorrer com o nome dentro do GN, mas, ao contrário do português, aparece antes do nome:

inglês	<i>The</i>	<i>big</i>	<i>house</i>	(tradução: <b><i>a</i></b> casa grande)
	‘O/A	grande	casa’	
	Det-Def.	Adj SG	N SG	



### 2.2.2. Relações sintáticas

Como acabamos de ver, a ordem das palavras apresenta algumas diferenças em relação ao português. É verdade que todos os determinantes e todos os quantificadores devem aparecer antes do núcleo do GN, ou seja, antes do nome. Estes constituintes são os pré-modificadores do nome. A diferença entre o GN inglês e o português é que o adjetivo tem, por defeito, a posição pré-nominal: *my little baby, the big house* (\**my baby little; \*my house big*), quando em português é possível dizer: *a minha menina linda, a minha casa grande* ou *a minha linda menina, a minha grande casa* (cf. Brinton, 2000: 104-106).

Passando agora para outro ponto importante, que é a concordância, é preciso lembrar que, em inglês, nem todos os constituintes do GN concordam com o núcleo porque não assinalam o número através de um morfema descontínuo. Segundo Corbett, a língua inglesa tem flexão em número, porque distingue singular e plural. Com nomes comuns, para mostrar o plural, é preciso incluir só o respetivo morfema *-s*: *dog/dogs*. Quando ocorrem determinantes demonstrativos, o morfema muda: *this dog/these dogs; that dog /those dogs*. No entanto, enquanto em português é preciso dizer *os meus pais*, em inglês o plural apenas aparece marcado no nome, não no possessivo: *my parents* (Corbett, 1991:3-5; 2000: 7; 2006: 3-5).

O fenómeno é idêntico no caso do género. O inglês distingue dois géneros lexicais, masculino e feminino, que correspondem a uma diferença de sexo: “in English, gender is expressed by inflection only in personal pronouns (...) In nouns, gender is generally a covert category shown by the co-occurrence of relevant pronouns: *the boy...he, the girl...she*. (...) there is nothing about the morphological form of the nouns *boy* and *girl* which would indicate that they are masculine or feminine gender” (Brinton, 2001: 105).

Uma outra diferença é o facto de o inglês não ter concordância de género, isto é, não o assinalar por meio de um morfema descontínuo. Em português, existe, além do género lexical, o género gramatical: *o gato / a gata, o caderno / a caneta*. O género, seja lexical, seja gramatical, é expresso por um morfema descontínuo, que corresponde à concordância: nos GNs *o meu quarto lindo/este quarto lindo*, encontram-se as marcas de género em todos os elementos (determinante artigo definido, /determinante demonstrativo, determinante possessivo, nome, adjetivo). Pelo contrário, em inglês, o morfema descontínuo não aparece,

pelo que não existe concordância, tal como não existe género gramatical: *my beautiful room/ this beautiful room* – nenhum dos elementos marca o género do GN (Brinton, 2011: 105-106). Outros elementos, como os quantificadores *some/many*, não marcam o número, nem o género.

Em suma, como em todas as línguas já referidas anteriormente, o inglês tem o nome como o núcleo do GN. O GN também pode incluir os outros elementos, tais como: determinantes, quantificadores, e adjetivos. Todos têm uma ordem determinada (Det + (Det) + Adj + N) e alguns concordam em número e em género. Por isso, muitos aprendentes anglófonos de PLELS podem ter algumas dificuldades na aprendizagem destes pontos. Um outro ponto que pode criar problema para estes alunos é o facto de o adjetivo, em inglês, ocorrer antes do nome (ver cap. 3)

## **2.3. Estrutura interna do GN em Francês**

### **2.3.1. Constituição**

A língua francesa, enquanto língua românica, é considerada próxima da língua portuguesa. No GN, de facto, apresenta mais semelhanças do que diferenças. Segundo Riegel, “sous sa forme minimale, le groupe nominal est constitué d’un déterminant et d’un nom. Le GN étendu y ajoute un ou plusieurs modifieurs du nom” (Riegel, 2009: 270). Por isso, percebe-se que, tal como nas línguas vistas anteriormente, o GN em francês pode ter duas formas: mínima e expandida. A forma mínima é constituída pelo Nome acompanhado de um determinante (*les déclarations*), onde o Nome é o núcleo do GN e é o constituinte obrigatório. O determinante aparece para, por exemplo, marcar o género e número do nome (*le mousse/la mousse – le mort/la mort*). Isto acontece porque os morfemas de género ou de número, muitas vezes, não são perceptíveis na oralidade, isto é, não aparecem marcados no Nome. Em português, o determinante é acessório neste aspeto, porque, muitas vezes, a terminação em *-o* ou em *-a* indica o género, seja lexical, seja gramatical, tal como a marca *-s* indica o plural. Assim, cf. *o livro, os livros, a mesa, as mesas, com le livre, les livres, la table, les tables*. Verificamos que, em francês, é o determinante que assinala o género gramatical feminino e o plural (Riegel, 2009: 274-275).

Na tabela 4, percebe-se que o GN em francês, como também em português, pode apresentar estas formas:

Sigla	Constituição	Exemplos
GN [N]	Um único nome, que é o núcleo nominal	<i>Marie; Paris; avoir raison</i>
GN [Det + N]	Determinante (artigo, demonstrativo, possessivo) + Núcleo nominal	<i>le chien; un chien; ton livre; ce chien</i>
GN [Det + N + Adj]	Determinante (artigo, demonstrativo, possessivo) + Núcleo nominal + Adjetivo Determinante (artigo, demonstrativo, possessivo) + Adjetivo + Núcleo nominal	<i>Un livre ennuyeux; un bon professeur</i>
GN [Quant + N]	(Det) + Quantificador + Núcleo nominal	<i>Trois livres; plusieurs livres</i>
GN [Quant + Det+ N]	Quantificador + Det (artigo, demonstrativo, possessivo) + Núcleo Nominal	<i>Tous les romans</i>

Tabela 4 – Constituição do GN em francês

Em primeiro lugar é preciso dizer que os nomes próprios – *Julien, Paris* – não têm determinante definido nem indefinido (Riegel 2009:271, 309-311). A glosa pode mostrar isto melhor:

francês *Marie* (tradução: *Maria, a Maria*)  
 ‘Maria’  
 N<sub>prop-Fem-SG</sub>

Os determinantes definidos devem portanto aparecer obrigatoriamente com os nomes comuns (*la/une chemise*), concretos (*le/un livre*), abstratos (*le/un vice*) e coletivos (*le/un groupe*):

francês *le* *livre* (tradução: *o livro*)  
 ‘O’ *livro’*  
 Det-Definido-Masc-SG N<sub>SG</sub>

No entanto, estes dois determinantes não podem ser usados com outros determinantes (possessivos, por exemplo): \**Les mes chats*. Isto é uma das maiores diferenças entre a construção do GN em francês e em português, cf. *os meus gatos*.

Portanto, o GN em francês pode ter o nome como núcleo e os outros determinantes, como demonstrativos (*ce chien, cette chemise, ces vices*) e possessivos (*mon chien, ma chemise, mes parents*):

francês	<i>ce</i> 'Este' Det-Demonstrativo-Masc-SG	<i>chien</i> 'cão' N Masc-SG	(tradução: <i>este cão</i> )
	<i>ma</i> 'Minha' Det-Possessivo-Fem-SG	<i>chemise</i> 'camisa' N Fem-SG	(tradução: <i>a minha camisa</i> )

A seguinte categoria tem o nome e o quantificador: *trois livres, plusieurs chiens, tous les romans*. Neste caso, não existem diferenças entre o GN português e o francês. Como em português, também em francês, com os quantificadores *tout/toute/tous/toutes*, devem ocorrer os determinantes (artigos definidos); (cf. Riegel 2009: 276-308 e 323):

francês	<i>tous</i> 'Todos' Quant Masc-PL	<i>les</i> os Det-Definido-Masc-PL	<i>romans</i> 'romances' N Masc-PL	(tradução: <i>todos os romances</i> )
---------	---	--	--	---------------------------------------

O adjetivo aparece, tal como em português, na posição pós-nominal: *la réponse négative* / \**la négative réponse*.

francês	<i>la</i> 'A' Det-Definido-Fem-SG	<i>réponse</i> resposta N Fem-SG	<i>négative</i> 'negativa' Adj Fem-Sg	(tradução: <i>a resposta negativa</i> )
---------	---	--	---	---

Em alguns casos, o adjetivo também tem o seu lugar entre o determinante e o nome: *la grande pomme; cette grande pomme; ma grande pomme* (Riegel 2009: 276-278).

### 2.3.2. Relações sintáticas

Como acabámos de ver, a ordem das palavras em francês é idêntica ao português. Segundo Jones, em primeiro lugar aparece o determinante e depois o nome: *la pomme; cette pomme; ma pomme*. Os quantificadores *tous e tout* ocorrem antes dos outros determinantes: *Tous les invités sont arrivés; Gaston a fumé toutes ces cigarettes; J'ai lu tout le livre* (Jones, 1996: 4-6).

Todos os elementos de um GN em francês devem concordar entre si (Jones, 1996: 206-209). Assim, o nome concorda sempre em género e número com os determinantes definidos (*le chat, la chatte, les chats*), indefinidos (*un bourgeois; une bourgeoise; des bourgeois*), possessivos (*mon/ton/son père, ma/ta/sa mère, mes/tes/ses parents*), demonstrativos (*ce travail; cette maison; ces chiens*) e adjetivos (*une/la belle femme; un/le beau garçon; des hommes beaux; des femmes belles*).

Em conclusão, é preciso sublinhar que o GN em francês é semelhante ao GN em português. Como estas línguas são próximas, os aprendentes francófonos de PLELS poderão aprender muito mais rapidamente e com mais facilidade a constituição interna do GN em português, a ordem das palavras e a marcação da concordância. Uma das mais notáveis diferenças é o facto de que os nomes próprios (*Marie, Pierre*) não ocorrem com os artigos definidos. A outra diferença está presente na construção do GN com os determinantes possessivos. Em português é preciso dizer *o meu pai*, expressão em que existem dois determinantes, o definido *o* e o possessivo *meu*, mas, em francês, usa-se só o possessivo: *mon père*, sem o determinante definido *le*.

### Síntese

Depois desta brevíssima descrição da estrutura interna do GN em várias línguas – português, russo, ucraniano, inglês e francês, percebe-se que o elemento obrigatório e o mais importante é o nome, que é sempre o núcleo do GN. Pode ter diferentes constituintes à sua volta: determinantes como artigos definidos ou indefinidos, demonstrativos e possessivos,

quantificadores e adjetivos. Também se percebe que o GN da língua portuguesa apresenta algumas diferenças e semelhanças quando comparado com os GNs de outras línguas. As línguas russa e ucraniana, por exemplo, não registam a presença do artigo definido, nem do artigo indefinido. A língua inglesa e a língua francesa não usam os artigos definidos e indefinidos com os determinantes possessivos. Em inglês, o artigo definido não mostra a marca de género e de número: *the dog, the dogs, the flower*.

Por todas estas razões, é provável que os aprendentes de PLELS com as línguas maternas mais próximas tenham mais facilidade em aprender a estrutura interna do GN em português, sobretudo quando as regras de ordem e também de concordância são muito parecidas. Já os aprendentes de PLELS que têm línguas maternas mais distantes aprenderão com mais dificuldades estas regras.

Na tese, como línguas distantes consideram-se as línguas russa e ucraniana. Esta razão está ligada com a estrutura do GN quando ela contém o determinante (definido/indefinido) e o nome, pois, como já foi referido anteriormente, estas línguas não registam a presença destes dois elementos. Por isso, para os aprendentes russos e ucranianos, principalmente nos níveis iniciais, este facto pode favorecer um número maior de desvios. Por outro lado, a língua inglesa considera-se como uma língua semi-distante do português, pois tem os determinantes (definido – *the*; indefinido – *a/an*), mas ao contrário do português, não marca o género e número. Por fim, a língua francesa é uma língua próxima, porque tem os determinantes (definido – *le/la/les* e indefinido – *un/une/des*) e também eles mostram o género e o número, pelo menos na escrita.

## Capítulo 2

### O GN enquanto estrutura de Português Língua Estrangeira / Língua Segunda

#### Introdução

Com o presente capítulo, pretende-se descrever o GN enquanto estrutura de português como língua estrangeira e língua segunda (PLELS). Em primeiro lugar, pretende-se explicar o que é PLELS. Em segundo lugar, vai ser explicado o que é a *interlíngua*, e como a aprendizagem do GN enquanto estrutura sintática integra a sua constituição. O capítulo também apresentará as várias fases da aprendizagem de uma língua estrangeira ou segunda (aprendizagem da regra, aprendizagem das exceções e eventual fossilização), bem como as estratégias mais comuns para aprendizagem de regras: *sobregeneralização*, *analogia*, *hipercorreção* e *evitamento*. Por fim, o último ponto apresentará as ideias principais da influência negativa e positiva da primeira língua (L1)/ língua materna (LM), ou seja, serão apresentados os conceitos de *transferência e interferência*, para compreender melhor o papel que todos estes fenómenos poderão ter na aprendizagem da constituição do GN em português.

#### 1. Língua Estrangeira / Segunda / Não Materna

##### 1.1. Português como Língua Estrangeira / Língua Segunda

Esta primeira parte explicará o que é que significa o conceito *português como língua estrangeira e língua segunda*, ou seja, *língua não materna*. Porém, antes de mais, é preciso perceber o que é a *língua materna*. Assim, a língua materna, ou a língua primeira (LM/L1) é, segundo Maria Helena Mira Mateus e Alina Villalva, a “língua que se fala em torno de uma criança durante os primeiros anos de vida e através da qual ela adquire o uso da língua” (Mateus, 2006: 98). A aquisição da LM ocorre sem esforço deliberado e sem recurso obrigatório a instrução formal. É indispensável a aquisição do léxico e das estruturas linguísticas na presença de *input* linguístico. A exposição ao *input* sucede em contextos de interligação social informais e naturais.

Por outro lado, uma língua não materna (LNM) é a língua que se aprende depois de se ter aprendido a LM, em fases mais tardias (depois dos 5 ou 6 anos). A exposição ao *input* pode decorrer em vários contextos: naturais, formais, ou instrucionais. Assim, LNM pode ser dividida em duas “realidades” diferentes: Língua Segunda (LS) e Língua Estrangeira (LE). Assim sendo, a LS é a “língua não materna (da maioria) dos falantes de uma determinada sociedade, ou de grupos de imigrantes, usada como meio de escolarização e como língua veicular nas instituições administrativas e oficiais” (Mateus, 2006: 98). Também segundo Isabel Leiria, a LS é a língua, ou uma das línguas da escola. A autora mostra o exemplo clássico de falantes de PLS que são os imigrantes, pois estas pessoas aprendem a língua portuguesa em contexto de imersão, em condições naturais, através do contacto direto com os falantes nativos da língua portuguesa (Leiria, 2004: 3).

Já a LE ou língua estrangeira é a “língua não materna aprendida no contexto escolar que tem como finalidade ampliar conhecimentos, desenvolver investigação e permitir contactos sociais de caráter internacional” (Mateus, 2006: 97). Segundo Isabel Leiria, o PLE ou *português como língua estrangeira* aprende-se em espaços fisicamente diferentes daqueles em que é falado, por exemplo, em condições de ensino formal. As pessoas aprendem a língua para ler textos literários ou científicos (Leiria, 2004: 4).

Assim, para esta dissertação serão usados os conceitos de *português como língua estrangeira* e *língua segunda* (PLELS). A razão está ligada à questão de conhecimento dos aprendentes de português, pois eles encontram-se em duas situações. Uma delas está relacionada com a aprendizagem de português como língua estrangeira. Os aprendentes, antes de tudo, começaram a estudar a língua em contexto formal, por exemplo, nas aulas, no seu próprio país. Eles não tiveram o contacto direto com os falantes nativos de português. Por outro lado, em Portugal, eles começaram a ter o contacto direto com estes falantes, e a aprendizagem passa a ser também informal. Esta situação já está ligada com o conceito de língua segunda. Os aprendentes estudam a língua em contexto de imersão, o que ajuda bastante a aprender a língua, neste caso, o português.

Para terminar, pode ser constatado que, na LE e LS, os falantes apresentam fases de desenvolvimento com propriedades comuns e que, em qualquer circunstância, há espaço à estruturação de *interlíngua(s)*.



## 2. Constituição da interlíngua

Nesta parte, é preciso explicar o que é a *interlíngua*. Como é sabido, o termo de interlíngua, criado por Larry Selinker, corresponde a um conceito muito importante no âmbito da LE, da LS e da LNM. De acordo com Selinker, a *interlíngua* é um sistema linguístico entre a língua materna e a língua estrangeira/segunda que o aprendente produz no processo da aprendizagem desta língua estrangeira/segunda. Também segundo Pit Corder:

“Interlanguage was defined as a system intermediate between the mother tongue and the target language. (...) the mother tongue is the starting point for the acquisition of the second language, which then proceeds by a series of restructuring of the mother tongue or a sequence of approximative systems progressively more similar to the target language.” (Corder, 1993: 23)

Nota-se que Corder entende o conceito da *interlíngua* de forma semelhante ao autor anterior. Também é possível dizer que, quando a língua materna está mais próxima da língua que o aluno quer aprender, o processo da aprendizagem torna-se mais fácil e rápido. Na aprendizagem da LNM, seja ela LS ou LE, existe uma aproximação progressiva da língua-alvo. Se, à partida, as línguas forem próximas, esse processo de aproximação deveria, em teoria, ser mais curto / mais fácil / mais simples, ao contrário das línguas mais distantes, quando o processo de aprendizagem da estrutura interna do GN se torna mais complicado e prolongado (cap. 1, remissão interna).

De acordo com Ellis (1997), a *interlíngua* é um sistema de transição que o aprendente pode criar ao longo do seu processo de assimilação de uma LS/LE. Este processo está ligado à interferência da LM do aprendente. Como resultado, o aprendente, ou seja, o falante não nativo, produz estruturas que se caracterizam, entre outros traços, pela interferência da sua LM. Assim, é preciso referir que os aspetos (sintáticos, fonológicos, ou lexicais) da LM influenciam as novas construções da L2 usadas pelo aprendente de LE/LS. Além disso, estes aprendentes também podem criar estruturas intermédias entre a LM/L1 e a LE/LS/L2. (Percegon, 2005: 3). Isso acontece com os aprendentes no que toca à estrutura do GN. O exemplo pode ser ligado aos aprendentes de PLELS com LM russa e ucraniana. Quando começam a aprender a estrutura interna do GN que tem Det + N, podem já saber bem a regra

de uso dos determinantes, mas ainda não conseguir aplicá-la de forma correta, ou, por vezes, evitar o uso destes determinantes (artigo definido e indefinido).

Percebe-se também que, nas etapas iniciais da aprendizagem, existe mais influência da LM do aprendente do que nas etapas mais tardias. Isto é evidente nos exemplos dos aprendentes de PLELS com LM inglesa. Estes, nas fases iniciais da aprendizagem do GN em português, têm mais desvios em casos de concordância de género e número; pelo contrário, nas fases mais tardias (B2 e C1), já apresentam o número menor destes desvios. Contudo, em todas as fases, a influência da LM do aprendente estará sempre presente na aprendizagem do PLELS.

### **3. Interlíngua e aprendizagem do GN**

#### **3.1. Fases da interlíngua e regras da aprendizagem**

A questão de *interlíngua* pode ser vista melhor em várias estratégias que pode usar o aluno no processo de aprendizagem de uma língua. Ou seja, os alunos passam por várias etapas de aprendizagem para, no final, chegar ao ponto em que a regra estará entendida e aprendida. De facto, existem quatro estratégias importantes de aprendizagem: *sobregeneralização*, *analogia*, *hipercorreção* e *evitamento*.

##### a) Sobregeneralização

Segundo Ellis “overgeneralization errors arise when the learner creates a deviant structure on the basis of other structures in the target language. It generally involves the creation of one deviant structure in place of two target language structures” (Ellis, 1994: 59). Por exemplo, nos textos dos estudantes com inglês como LM, há muitas situações com GN [Det + N], sobretudo nos níveis iniciais de aprendizagem, o que parece indiciar uma tendência para a sobregeneralização da regra de constituição do GN com determinante e nome comum nas fases iniciais de constituição da *interlíngua* (ver cap. 3).

b) Analogia

Esta estratégia ocorre quando, segundo Ellis, “the learner misuses an item because it shares features with an item in the L1” (Ellis, 1994: 59). O autor dá um exemplo do domínio lexical dos estudantes italianos que aprendem inglês. Os italianos usam a palavra *process* para dizer *trial* em inglês, pois em italiano *processo* significa o mesmo (*juízo*). Isto acontece com todos os aprendentes de uma LE/LS, principalmente nas etapas iniciais da aprendizagem e no domínio lexical. Todos os alunos tentam procurar na sua LM (ou em LEs que conheçam já e que sejam próximas da língua-alvo) as palavras parecidas.

c) Hipercorreção

Este processo ocorre quando o aprendente sabe as regras gerais e as aprendeu bem, mas ainda não consegue usá-las de forma adequada. Isso acontece quando, por exemplo, os alunos aprendem a regra de uso de determinante (definido e indefinido) e notam que em português é preciso usá-lo com o nome. Assim sendo, colocam os determinantes com todos os nomes, mesmo naquelas situações onde o uso de determinante é desnecessário.

Este processo ocorre mais nos níveis da aprendizagem mais avançados (B2), quando os alunos sabem usar bem a regra, mas ainda não sabem bem os casos, por exemplo, de exceções. Isto pode ser visto nos textos dos aprendentes ingleses de PLELS. Estes apresentam muitos desvios em dois casos: (i) ordem N+Adj (mesmo quando o uso habitual do português até preferiria Adj + N); (ii) 2 Dets + N (*os seus pais*), mesmo quando a norma-padrão do português preferiria um só Det (*os pais* - isto é sobretudo nítido na estrutura de posse inalienável); (ver cap.3).

d) Evitamento

A última estratégia é o *evitamento* e, de acordo com Ellis, “ignorance of rule restrictions involves the application of rules to contexts where they do not apply” (Ellis, 1994: 59). Isto pode acontecer com os aprendentes de vários níveis. Quando não sabem como usar bem a regra, ou se, por exemplo, é preciso usar Det, ou é

possível não o usar, os aprendentes evitam a regra. Por exemplo, quando não sabem se é preciso escrever *por sogra* ou *pela sogra*, preferem deixar o espaço vazio.

### 3.2. Fases da aprendizagem do GN

Depois de esclarecido o conceito de *interlíngua* e de percebermos as estratégias de aprendizagem dos aprendentes de LE / LS / LNM, é possível passar para o ponto do capítulo onde se discute como a aprendizagem do GN enquanto estrutura de PLELS integra a constituição da *interlíngua*. É preciso dizer que a aprendizagem passa por várias fases. A primeira fase está ligada à aprendizagem da regra, ou seja, os aprendentes devem saber, por exemplo, que:

- a) é preciso usar determinante com nomes comuns: *a caneta, uma caneta, esta caneta*; e não *\*caneta escreve, \*comprei caneta*.
- b) é preciso ter em conta a ordem de todos os constituintes dentro do GN em português:  
[Det + N + Adj]: *a casa linda e não compreí linda a casa, ?compreí linda casa*.
- c) é preciso saber que, em português, existe concordância entre Determinante/Nome/Adjetivo: *o edifício médio*; e não *\*a edifício média*
- d) é preciso lembrar que em português os dois determinantes (definido/indefinido/demonstrativo e possessivo) devem surgir juntos: *a minha caneta* e não *\*minha caneta*, mas não é preciso usar os dois determinantes, por exemplo, na frase: *O João saiu com os pais (=os pais dele) \*os seus pais*, devido à posse inalienável.

Os alunos/aprendentes de PLELS devem saber e compreender todas estas regras para poderem aprender a estrutura interna do GN em português. Com efeito, é preciso dizer que o GN é um universal linguístico e existe em todas as línguas (Vellupilai 2012), mas a constituição interna do GN na LM do aprendente pode ser muito diferente da constituição do GN em português.

Assim, um fator que pode influenciar a aprendizagem do GN português é a própria língua materna. Neste caso, os aprendentes usam as estruturas já adquiridas (LM/L1) ou aprendidas (LNM/L2) e estas estruturas têm influência na aprendizagem do GN. O melhor exemplo é o dos aprendentes de PLELS com LM inglesa que já estudaram a língua espanhola. (cf. Hawkins, 2006: 232-240).

Passando agora para a segunda fase da aprendizagem, é preciso dizer que está ligada à aprendizagem das exceções de regras que estarão aprendidas por alunos. De facto, percebe-se que este processo é um dos mais difíceis, mas também que dá resultados. Sabe-se que, em primeiro lugar, os aprendentes memorizam as regras gerais e depois as exceções. Na aprendizagem da estrutura do GN português não se encontram muitas exceções, mas algumas delas aparecem, por exemplo, na relação de concordância. A regra geral está ligada à alteração de morfemas dos constituintes (determinantes, adjetivos) do GN:

*este(s) livro(s) científico(s);          esta(s) casa(s) linda(s)*

Porém, há casos que podem ser diferentes dos exemplos anteriores, ou seja, há as exceções da regra. Por exemplo, o adjetivo *grande* é invariável e não vai mudar a terminação nem com o nome de género feminino, nem com o nome de género masculino:

*a casa grande;          o cão grande* (Eliseu, 2008: 70)

Há uma fase da aprendizagem que pode surgir de seguida e que é habitual em contexto de imersão: é a *fossilização*: “Fossilizable linguistic phenomena are linguistic items, rules, and subsystems which speakers of a particular NL will tend to keep in their IL relative to a particular TL, no matter what the age of the learner or the amount of explanation and instruction he receives in the TL...” (Selinker, 1972: 215).

Assim, na aprendizagem do GN, um aprendente com LM inglesa pode “desistir” de fixar os morfemas de género, optando por não os marcar. Os mesmos processos acontecem com os aprendentes de PLELS com LM russa e ucraniana. Existem muitos casos em que estes alunos, na estrutura interna do GN (2Dets + N) evitam usar o determinante definido, e dizem só *\*minha casa \*meu trabalho*, quando devem sempre usar o determinante definido: *a minha casa, o meu trabalho*.

O processo de *fossilização*, que nem sempre ocorre, também pode terminar em diferentes etapas de aprendizagem. Uns alunos podem aprender a regra e saber usá-la de forma correta, ao passo que outros podem ficar numa etapa inacabada de aprendizagem desta mesma regra. Este facto depende, no geral, da motivação do aluno na aprendizagem de uma determinada língua, neste caso, do português.

### **3.3. Sequência lógica das fases**

Neste ponto é possível passar para outro ponto do capítulo que está ligado tanto à sequência lógica das fases da aprendizagem, como também à dependência lógica e sequencial entre as estruturas sintáticas. Como refere Ellis:

“The language that learners produce provides evidence that they acquire different morphological features in a fixed *order* and also they pass through a *sequence* of development stages in the acquisition of specific syntactical features. (...) Slowly, learners master the basic syntax of the L2, learning the major permutations in word order found in the target language.”  
(Ellis, 1994: 20)

O exemplo seguinte pode ilustrar melhor a situação. Quando os alunos de PLELS aprendem o GN, devem aprender a estrutura (Det + N – *o/um/este aluno*) antes de aprender (2 Dets + N – *a/esta minha casa*). Por isso, se a língua materna do aprendente já tem esta estrutura (Det + N), como em francês, o aluno precisa de menos tempo para perceber e compreender esta estrutura. Assim, estes alunos têm mais tempo para aprender a estrutura mais complexa (2Det + N), que não existe em francês, ao contrário dos aprendentes com LM russa ou ucraniano, que não têm o registo gráfico dos determinantes definidos e indefinidos. Portanto, estes outros alunos devem aprender em primeiro lugar a estrutura (Det + N) e precisam de muito mais tempo nesta fase da aprendizagem do que os aprendentes franceses. Depois, quando os aprendentes com LM russa e ucraniana aprendem a regra de uso de determinante, passam à fase de *sobregeneralização* e usam determinantes com todos os nomes dentro de um grupo nominal, mesmo que não sejam necessários. Isto é uma das estratégias da aprendizagem do GN dentro de PLELS / PLNM.

### 3.4. Aprendizagem formal *versus* informal

Por último, é importante perceber que existem dois tipos de aprendizagem de uma LE/LS. Um deles é formal, o outro é informal. Também segundo Ellis, é possível dizer que a aprendizagem formal (“instructed”) é aquela que ocorre através do estudo, com ajuda dos livros, ou com ajuda dos professores na escola, que, na maioria das vezes, não são os falantes nativos da língua LE/LS. Por outro lado, a aprendizagem informal (“naturalistic”) é aquela em que o aluno aprende a língua através da comunicação direta com os falantes nativos desta língua (Ellis, 1994: 10-15). Neste ponto, é possível falar do contexto de imersão. Ou seja, quando os alunos se integram melhor e mais rapidamente na sociedade, eles aprendem a língua com mais facilidade e rapidez. Porém, estes mesmos falantes podem não saber tão bem as regras gramaticais desta língua. Segundo Hawkins:

“(...) learning second language in the classroom is different from learning second language as a result of being exposed to them in naturalistic environments. (...) A distinction must be drawn between the kind of samples of second language data presented to the learner, or the **input**, and the way that L2 learners respond to that input, or **learner development**.”(Hawkins, 2006: 18).

Como veremos no capítulo seguinte (cap. 3), os aprendentes que produziram o *corpus* analisado apresentam características mistas de aprendizagem formal e informal, isto é, com instrução explícita e contexto de imersão.

De qualquer modo, é preciso dizer que a aprendizagem, quer formal quer informal, depende sempre do aluno que quer aprender uma LE/LS e das pessoas que lhe ajudam neste processo. Em primeiro lugar, o aprendente deve ter uma motivação muito forte para conseguir aprender uma língua. Também, para garantir os melhores resultados, é preciso juntar estes dois tipos de aprendizagem: formal e informal. Para saber uma língua, não basta só falar bem, como também não basta só escrever bem. Assim, é preciso estudar a língua através dos livros, e também através do contato direto com os falantes nativos.

#### **4. Influência das línguas conhecidas**

##### **4.1. Influência negativa e positiva da L1: transferência e interferência**

Como já foi referido na secção anterior a propósito do papel da *língua materna* (cf. 3.2. remissão interna), qualquer processo de aprendizagem se baseia no conhecimento prévio. Por isso, cada aluno que está aprender uma LE/LS vai procurar semelhanças com a sua LM/L1, ou com outra LE/L2 que já aprendeu. Como também refere Pit Corder:

“(...) previous knowledge and skills are intimately involved in the acquisition of new knowledge and skills. (...) the mother tongue in the acquisition of a second language is a good deal more pervasive and subtle than has been traditionally believed. It plays a part at the start of learning, in the process of learning and in the use of the target language in communication.” (Corder, 1993: 29)

Percebe-se que a língua materna vai sempre ter influência no estudo de uma língua segunda. Neste ponto, é preciso dizer que também existe uma outra perspetiva, segundo a qual os aprendentes de uma língua como o russo, que não tem artigos no GN, usam-nos quando existe sentido definido ou específico, mas isso não resulta da transferência da L1: “Dado que em russo não existe nenhuma categoria equivalente ao artigo, a hipótese de transferência dos valores da L1 foi afastada *a priori*. Se o *transfer* tivesse desempenhado um papel, pressupunha-se, no primeiro estágio, a ocorrência generalizada de NPs simples em todos os contextos” (Baldé, 2011: 71). Pelo contrário, a presente tese inclui não só a análise comparativa de produções escritas de aprendentes de outras línguas, como também a análise de diferentes categorias de GNs. Por isso, os resultados podem ter algumas diferenças.

É preciso perceber que tipos de influências existem. De facto, existem dois tipos: um deles é a influência negativa e o outro é a influência positiva. Em alguns casos, a língua materna do aprendente pode funcionar como uma das fontes de erro, por isso, o processo chama-se *transferência negativa*. Este tipo de transferência pode ser encontrado em certos textos dos aprendentes de PLELS com LM inglês que já estudaram a língua espanhola, pois estes podem transferir as estruturas sintáticas de espanhol, que pode ser diferente das estruturas de português. Por outro lado, a língua materna do aprendente também pode ajudar a aprender uma língua segunda, quando, por exemplo, as regras de uso de determinantes são



iguais às regras da LM do aprendente. Neste caso, o aluno aprende com mais facilidade essas regras. Também segundo Selinker, os aprendentes não constroem regras sem um conhecimento prévio, “mas trabalham com qualquer informação à sua disposição e isto inclui os seus conhecimentos da L1. De acordo com esta visão, a transferência não é uma “interferência”, mas um processo cognitivo” (Percegon, 2005: 40). Por isso, é preciso esclarecer o conceito de *interferência*. Como refere Pit Corder, interferência “is no more than the presence in the learner’s performance in the target language of mother-tongue –like features which are incorrect according to the rules of the target language” (Corder, 1993: 20).

Mas será que estes dois tipos de influência estão ligados ao conceito de *distância*? É preciso perceber se a língua mais distante funciona como obstáculo à aprendizagem do GN em português, ou seja, se se encontra uma situação de *interferência*. Ou, se a língua for mais próxima, ela pode ajudar a aprender o GN em português, ou seja, funciona o processo de *transferência*. Vê-se esta questão no ponto seguinte deste capítulo.

#### **4.2. Interferência com LM / L1 distante**

As línguas russa, ucraniana e inglesa são as línguas mais distantes do português. As duas primeiras consideram-se como línguas ainda mais afastadas do português do que a língua inglesa. Um exemplo pode ser encontrado na estrutura interna do GN, quando esta contém um Determinante (definido/indefinido) e Nome. Em russo e em ucraniano não se regista a presença destes dois artigos, mas, em inglês, regista-se *a/an/the* + N, embora sem marca em género e número. Por este facto, as três línguas apresentadas podem ser consideradas como distantes e os respetivos aprendentes podem apresentar o número maior de desvios nesta estrutura.

Quando a língua materna for mais distante da língua-alvo, o aprendente terá mais dificuldades em aprender todas as regras, e também vai precisar mais tempo para as entender e compreender: “the more distant linguistically from the mother tongue, the longer a language takes to learn” (Corder, 1993: 21). Ora, como este aprendente também tem o conhecimento prévio da sua língua materna, vai buscar este conhecimento e vai usá-lo na aprendizagem de PLELS, o que pode aumentar o número de desvios. Um bom exemplo desta situação encontra-

se nos textos dos aprendentes ingleses de PLELS. Na estrutura de base [Det (definido, indefinido, demonstrativo) + N], diferente da estrutura do inglês (que apenas usa o Det definido / demonstrativo), os aprendentes parecem ter interiorizado a diferença do português e exageram no sentido contrário, colocando Det onde este não deveria estar (ver cap. 3). Aqui, a LM distante funciona, de facto, como obstáculo à aprendizagem da estrutura do GN, mas apenas porque os aprendentes tentam distanciar-se da sua LM o mais possível, julgando que assim se aproximam da língua-alvo. Isto também é visível na ordem Adj+N (interferência do inglês), o que cria um obstáculo à aprendizagem da estrutura da ordem de palavras do GN.

### **4.3. Transferência quando a LM / L1 for próxima**

A língua francesa, ao contrário das línguas mencionadas, é uma língua próxima do português, porque pertence à mesma família românica e tem uma estrutura interna de GN muito semelhante. Mas é preciso perceber se a língua mais próxima, como a língua francesa, funciona como coadjuvante da aprendizagem do GN da língua-alvo (português). Segundo Corder “the more similar the mother tongue and the target language, the greater help the mother tongue can give in acquiring the second language” (Corder, 1993: 21). Como vai ser apresentado no capítulo seguinte, os aprendentes franceses de PLELS apresentam um número muito pequeno de desvios na estrutura, por exemplo [Det + Nome], pois a sua língua materna também tem a mesma estrutura. Assim, neste caso, a língua materna funciona como coadjuvante, porque os alunos já conhecem esta estrutura e não precisam gastar tempo nem esforço para aprender [Det + N]. Por outro lado, a língua materna do aprendente nem sempre funciona como coadjuvante. Os exemplos podem ser encontrados nos textos de aprendentes espanhóis de PLELS. Isto, na maioria das vezes, acontece no domínio lexical. Muitas vezes, estes aprendentes transferem as palavras espanholas para a língua portuguesa.

Para terminar, é preciso dizer que, em geral, se a língua materna do aprendente de PLELS for mais próxima, ela facilita a aprendizagem do GN em português e funciona como coadjuvante. Por outro lado, se a língua materna do aprendente for mais distante, ela pode dificultar e tardar o processo de aprendizagem do GN em português. Isto também é indicado por Gass and Selinker:

“(…) the native language background plays a more subtle and pervasive role than is generally recognized. (...) knowing a language which is closely related to the target language can help in many ways in learning that language, only some of which can be accounted for by the mechanical carry-over of native language items and structures.” (Gass and Selinker, 1993: 10)

### **Síntese**

No processo de aprendizagem de uma língua nova, é preciso sempre ter em conta vários aspetos que podem facilitar ou dificultar a aprendizagem. Como já foi visto, os conhecimentos prévios da LM do aprendente podem ter duas influências: uma delas é negativa e a outra é positiva. Quando a LM do aprendente for mais próxima da língua-alvo, ela pode ajudar a aprender LE/LS. Por outro lado, se for mais distante, pode dificultar a aprendizagem. No caso dos aprendentes de PLELS com LM francesa, a língua francesa funciona como coadjuvante e pode facilitar o estudo do português, ao contrário das línguas russa e ucraniana, que são distantes do português e que podem funcionar como um obstáculo na aprendizagem. Também é preciso lembrar que as semelhanças entre línguas são usadas de forma diferente e com resultados diferentes na transferência, na constituição da interlíngua, na compreensão e na produção de textos na língua-alvo (português). Esses efeitos são visíveis nos produtos escritos dos aprendentes de PLELS, como veremos no capítulo seguinte.



## Capítulo 3

### Descrição e análise dos dados do *corpus*

#### Introdução

Com o presente capítulo, pretende-se descrever e analisar o *corpus* que foi usado para elaborar esta tese, com a ajuda de alguns exemplos. O capítulo está dividido em duas partes principais: a primeira apresenta as características gerais do *corpus* e dos aprendentes que o produziram; a segunda descreve as características das diferentes ocorrências do GN, de acordo com as categorias já apresentadas (ver cap.1) e apresenta um esboço de explicação para as produções.

Por sua vez, a primeira parte inclui vários aspectos e pontos que devem ser esclarecidos. Assim, na primeira parte apresenta-se a origem do *corpus*, os aprendentes e os níveis a que pertencem, segundo o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QECRL). Também é importante explicar por que razão foram escolhidos estes aprendentes e estes textos. Por último, é explicada a escolha das categorias para a descrição e a análise, ou seja, a explicação de como foram contadas e organizadas as ocorrências, e o que foi considerado de acordo com a norma-padrão *versus* o que foi considerado “desvio”.

A segunda parte deste capítulo apresenta as contagens de ocorrências de GNs por categorias, estabelecendo correlações entre o tamanho dos textos em cada nível (pelo número de palavras), o número total de ocorrências de GNs, o número de ocorrências de acordo com a norma-padrão e que apresentam desvios, e a descrição e a análise das ocorrências de GN. Também vai ser apresentada a análise das categorias, onde se pretende discutir em que nível de aprendizagem e porque razões os aprendentes têm mais ou menos desvios. Esta parte também será dividida em três secções principais. A primeira está ligada às produções escritas de aprendentes com russo e ucraniano como primeira língua, com a apresentação dos resultados em várias categorias. A segunda apresenta as produções escritas de aprendentes com inglês como primeira língua, incluindo os resultados das categorias. A terceira secção está ligada às produções escritas de aprendentes com francês como primeira língua.

Por fim, o capítulo apresenta uma conclusão geral que resume os dados mais relevantes, que ajudam a perceber se as línguas russa e ucraniana são efetivamente línguas distantes, se o inglês é uma língua semi-distante e se o francês é a língua mais próxima do português.

## **1. Características gerais**

### **1.1. Corpus**

Para elaborar o presente trabalho, foi escolhido e analisado o *corpus* de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 do CELGA (PEAPL2), do qual foram recolhidos 17 textos de aprendentes com LM russa e ucraniana, 28 textos de aprendentes com LM francesa e 53 textos de aprendentes de com LM inglesa.<sup>3</sup> É importante salientar que estes alunos frequentaram o Curso Anual de Língua e Cultura Portuguesa para Estrangeiros, Curso de Férias de Língua e Cultura Portuguesas e Língua Portuguesa Erasmus na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, entre maio de 2009 e maio de 2010.

Conforme se pode ver pelas tabelas gerais (ver infra, 6A, 7A e 8A), os aprendentes de PLELS com LM russa e ucraniana produziram 8 textos do nível A1, 3 textos do nível A2/A2+, 4 textos do nível B1 e 2 textos do nível C1. O número de textos de aprendentes franceses de PLELS é maior, principalmente no nível B1. Assim, o nível A1 inclui 4 textos, o nível A2 tem só 2 textos, o nível B1 inclui 14 textos e o B2 tem 8 textos. Os aprendentes de PLELS com LM inglesa produziram 6 textos no nível A1, 5 textos no nível A2, 35 textos no nível B1, 3 textos do nível B2 e 4 textos do nível C1.

Como foi visto o número de textos e, por conseguinte, o número de ocorrências é diferente para todos os aprendentes. Os aprendentes russos e ucranianos produziram só 17 textos, os franceses produziram 28 textos e o grupo de falantes de língua inglesa tem o número maior de textos – 53. Assim, é preciso referir que estes números invalidam uma análise estatística e condicionam parcialmente as conclusões, mesmo se o tamanho dos textos foi uniformizado, considerando o número total de palavras produzidas em cada nível. Também é importante referir que alguns textos foram produzidos, pelo menos, por um aprendente, o que pode também alterar a validade das observações.

---

<sup>3</sup> Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (PEAPL2) do CELGA Disponível em <http://www.uc.pt/fluc/rcpl2/dados/> Consulta em 20.01.2013

A razão da escolha destes aprendentes está ligada ao conceito da língua. As produções escritas também são organizadas pela língua que os falantes indicaram como língua primeira / materna (russo / ucraniano, inglês, francês), porque, em relação ao português, estas línguas são consideradas *distantes* (russo e ucraniano), *semi-distantes* (inglês) e *próximas* (francês) (ver cap. 1). Assim, no final da tese, será possível perceber se a língua mais próxima funciona como coadjuvante, e / ou se a língua mais distante funciona como um obstáculo na aprendizagem do GN em português.

## 1.2. Ocorrência versus desvio

Como, neste capítulo, são introduzidos mais dois conceitos importantes: *ocorrência segundo a norma-padrão* e *desvio*, é preciso, antes de mais, explicar o que significam no âmbito desta tese. Assim, as ocorrências são todas as estruturas internas do GN, considerando primeiro as que se apresentam de acordo com a norma-padrão do português europeu, ou seja, o uso da estrutura interna de GN de uma forma correta. Ao contrário, o *desvio* corresponde a uma ocorrência em que se considera existir uma marca da interlíngua, ou de uma fase intermédia de aprendizagem do GN, em direção à língua-alvo. Um bom exemplo que explica por que razão foi escolhido o termo “*desvio*” e não “*erro*” encontra-se nos textos de aprendentes de PLELS com LM inglesa. O GP [*com família*] é uma estrutura possível, se quisermos dizer *com familiares* (sentido não específico). No entanto, essa estrutura não é aprendida formalmente / em aula, uma vez que é muito mais rara do que *com a (minha) família*. Por esse motivo, considera-se que existe um desvio porque o aprendente evitou o uso do determinante (Det), possivelmente por não ter a certeza de qual é. Este tipo de produções é pouco habitual em língua portuguesa e não é aprendido em aula, sobretudo nos níveis iniciais, pelo que mostra um estágio de *interlíngua* em que a estrutura-padrão (no caso: Det + N) não foi ainda aprendida.

## 1.3. Organização das tabelas de dados

Para a recolha e a organização dos dados apresentados neste capítulo, foi feita a identificação de estruturas / GNs, de acordo com a categorização proposta nos caps. 1 e 2, conforme se pode ver na tabela 5:

Designação da categoria	Subcategorias (secções)
1. GN [N]	1.1. Norma-padrão GN [N] 1.2. Desvio de Det GN [*Det+N]
2. GN [Det+N]	2.1. Norma-padrão [Det+N] 2.2. Desvio [*Ø Det+N] 2.3. Desvio de concordância, ou seja, GN [Det*conc GEN/NUM + N]
3. GN [2 Dets + N]	3.1. Norma-padrão [2 Dets + N] 3.2. Desvio [*2 Dets + N] 3.3. Desvio [*ØDet + Det + N] 3.4. Desvio de concordância, ou seja, [Det(s)*conc GEN/NUM + N]
4. GN [Quant+N]	4.1. Norma-padrão, ou seja, [Quant + (Det)+N] 4.2. Desvio [Quant + *Ø Det)+N] 4.3. Desvio de concordância, ou seja, [(Quant + Det)*concordância GEN / NUM + N]
5. GN [N + Adj]	5.1. Norma-padrão GN [(Det)+(Det)+ (Quant) + N + Adj] 5.2. Desvio de concordância GN, ou seja, [(Det)+(Det)+ (Quant) + N + Adj] * concordância em GEN / NUM 5.3. Desvio de ordem de palavras, ou seja, [*Adj+N]

Tabela 5: Categorias dos GNs

É preciso explicar por que razão foram escolhidas estas categorias, pois cada uma delas contém um elemento que pode estar incluído num GN em português. Como foi referido no capítulo 1, o GN em português pode conter várias palavras e vários morfemas: determinantes (artigo definido/indefinido; demonstrativos; possessivos), quantificadores, adjetivos, ou só um nome, morfemas de género e de número. Por isso, de acordo com esta informação, foram criadas cinco categorias diferentes, e cada uma delas tem um dos elementos anteriormente mencionados. Por sua vez, cada uma destas categorias tem duas secções.

Assim sendo, a primeira categoria é a mais simples, ou seja, contém só um nome, sem determinantes, e está dividida em duas secções. A primeira é a das ocorrências correspondentes à norma-padrão GN [N], como, por exemplo, *em Portugal, chamo-me Maria*. A segunda secção inclui os desvios produzidos pelos aprendentes de PLELS, e neste caso, o desvio desta categoria está ligado à existência de determinante quando a norma-padrão prevê apenas N ou N + Adj (por exemplo: *\*no Dezembro, \*no Portugal, \*chamo-me a Maria*).

A segunda categoria contém um determinante (artigo definido/indefinido; demonstrativo) e o nome. Porém, ao contrário da categoria anterior, está dividida em três



secções: a primeira, como no caso anterior, diz respeito à norma-padrão [Det+N], ou seja, à ocorrência de acordo com a norma-padrão do português (por exemplo: *estou na Faculdade de Letras, mas não \*estou em faculdade de Letras*). A segunda secção contém os desvios em que os aprendentes não usam o determinante quando deviam (por exemplo: *\*Sou \_ Maria*). A última secção desta categoria mostra os desvios de concordância em género e / ou número entre os determinantes e o nome (por exemplo: *\*o flor; \*os flor*).

A terceira categoria contém mais do que um determinante: GN [2 Dets + N], ou seja, o primeiro determinante é o das ocorrências com artigo definido, ou demonstrativo + possessivo + nome. Esta categoria tem quatro secções. A primeira é a das ocorrências de acordo com a norma-padrão do português (por exemplo: *a minha caneta*, e não *\*minha caneta*). A secção seguinte contém os desvios que produzem os aprendentes quando usam dois determinantes sem necessidade (por exemplo: *\*a sua mãe*, quando é possível dizer só *a mãe*). A terceira secção diz respeito à existência dos desvios onde os aprendentes usam um só determinante quando a norma-padrão prevê os dois determinantes (por exemplo: *\*\_ minha vida*). Por último, a quarta secção está ligada aos desvios de concordância em género e número entre todas as palavras desta categoria (por exemplo: *\*o meu nacionalidade; \*o meu amigos*).

A quarta categoria corresponde ao GN com quantificador e nome. Contém três secções: a primeira, como em todas as outras categorias, corresponde às ocorrências de acordo com a norma-padrão do português GN [Quant (+Det) + N] (por exemplo: *um cão, alguns trabalhos, todos os dias*). A segunda está ligada aos desvios onde falta o determinante (por exemplo: *\*todas \_ noites*). A última secção mostra os desvios de concordância em género e número (por exemplo: *\*algumas trabalhos; \*todas as dias; \*muito flores*).

A última categoria contém, além do nome, o adjetivo. Tem três secções, estando a primeira ligada à norma padrão do português GN [N + Adj] (por exemplo: *uma casa linda*). A segunda mostra os desvios relacionados com a concordância em género e número entre o nome e o adjetivo (por exemplo: *\*cidade pequeno*). A terceira diz respeito aos desvios de ordem de palavras (por exemplo: *\*a minha amiga melhor*).

A concordância foi analisada a propósito de cada secção, excerto a categoria GN [N] (ver, de novo, tabela 5), mas a sua apresentação será feita em secção própria (ver infra). Todas estas categorias incluem GNs que são constituintes primários (por exemplo, GNs com função de sujeito) ou secundários (por exemplo, GNs com função de complemento direto). Além

disso, todas estas categorias incluem GNs que fazem parte de GPs (grupos preposicionais), porque esta possibilidade não interfere com a constituição do GN propriamente dito. Quando um GN é composto por vários GNs (por exemplo, *a cidade dos meus amigos*), são considerados 2 GNs. Os GNs que correspondem a expressões, como, por exemplo, *meios de transporte*, são contados uma vez. Se a estrutura do GN está ligada a uma função de predicativo do sujeito, então considera-se 1 GN apenas em *Coimbra é bonita* e 2 GNs em casos como *Coimbra é uma cidade bonita*. No entanto, este último caso é contado nas categorias de GN [N] (*Coimbra*), GN [Det + N] (*uma cidade*), GN [Det + N + Adj] (*uma cidade bonita*) e na categoria da concordância.

Como se percebe, estas categorias incluem todas as ocorrências de acordo com a norma-padrão, como também todos os desvios produzidos pelos aprendentes de PLELS. Por sua vez, estas cinco categorias passam a ser seis categorias - GN simples (GN [N]), GN com Determinantes (GN [Det+N]), GN com Quantificadores (GN [Quant+N]), GN com Adjetivo (GN [N+Adj]) e Concordância (foi considerada como uma categoria isolada), apresentando primeiro as ocorrências de acordo com a norma-padrão e depois as ocorrências com desvios.

As categorias foram depois organizadas em três tabelas de classificação (com ajuste de critérios, respetivamente, para os falantes de russo / ucraniano, francês e inglês, ver tabelas 6A e 6B, 7A e 7B, 8A e 8B). Como já foi dito na Introdução, as tabelas 6A, 7A e 8A apresentam os números totais referentes aos níveis, à extensão dos textos (número de palavras) e às ocorrências de GNs.

Por sua vez, as tabelas 6B, 7B e 8B apresentam as ocorrências de GNs segundo a norma-padrão e com desvios, distribuídas por categorias. Assim, cada uma tem seis categorias: GN [N], GN [Det+N], GN [2 Dets + N], GN [Quant+N], GN [N+Adj] (casos referentes à ordem de palavras) e casos de concordância. O objetivo principal é o de mostrar melhor a comparação entre as produções de aprendentes que falem duas línguas distantes do português (russo, ucraniano), uma próxima (francês) e uma semi-distante (inglês), o que será explicado e mostrado mais detalhadamente na parte seguinte deste capítulo.

Além disso, é preciso explicar que cada tabela está dividida em várias colunas. Assim, as tabelas 6A, 7A e 8A apresentam quatro colunas: (I) – o nível do QECRL, (II) - o número de

textos; (III) – o número de palavras; (IV) – o número de GNs. Por sua vez, as tabelas 6B, 7B e 8B apresentam seis colunas: (I) - a categoria de GN; (II) - o nível do QECRL; (III) – o número de GNs por categoria; (IV) – o número de GNs com estrutura-padrão por categoria; (V) – o número de GNs com desvio por categoria; (VI) – outros casos (que não seguem a estrutura-padrão mas são possíveis em português, embora pouco habituais)<sup>4</sup>. Os desvios podem dizer respeito a mais do que um GN, caso se verifique, por exemplo, um desvio no quantificador e outro na concordância no mesmo GN. Por esta razão, em cada tabela, a secção 5) *Concordância* inclui nas contagens todos os GNs das secções anteriores, tal como a secção 4) *Nome + Adjetivo* inclui alguns GNs com determinante(s) e / ou quantificador.

Estas tabelas foram feitas para mostrar em que categoria e em que nível de aprendizagem os aprendentes de PLELS apresentam mais desvios. Depois de estabelecer essa correlação, poderá verificar-se se:

- o número de desvios por língua é mais elevado nas línguas distantes do português, o que provaria a hipótese de partida, segundo a qual uma língua distante pode interferir negativamente na aprendizagem progressiva do GN,

- o número de desvios aumenta ou diminui conforme o nível de aprendizagem, o que mostraria que há evolução na aprendizagem da estrutura do GN.

- as categorias são aprendidas de forma diferente, conforme a sua estrutura na língua materna dos aprendentes.

## **2. Características das ocorrências de GN**

### **2.1. Produções escritas de aprendentes com russo / ucraniano como primeira língua**

Como já foi referido, o número total de textos dos aprendentes de PLELS com LM russa e ucraniana é 17. Ao nível A1 pertencem 8 textos, ao nível A2/A2+ pertencem 3 textos, ao nível B1 – 4 textos e ao nível C1 – 2 textos. A tabela 6A mostra os resultados que foram tirados dos textos de aprendentes de PLELS neste grupo:

---

<sup>4</sup> Esta coluna só vai ser incluída nas tabelas dos aprendentes que apresentam os respetivos exemplos.

<b>I</b> Nível do QECRL	<b>II</b> Número de textos	<b>III</b> Número de palavras	<b>IV</b> Número de GNs
A1	8	1005	227
A2	3	694	141
B1	4	795	180
B2 <sup>5</sup>	0	0	0
C1	2	568	146
Totais	17	3062	694

*Tabela 6A<sup>6</sup> – Totais referentes às ocorrências de GNs  
nos textos dos aprendentes com russo e ucraniano como LM*

---

<sup>5</sup> Não existem textos para este nível de aprendizagem no *corpus*.

<sup>6</sup> Sugestão do júri: incluir mais 2 colunas na tabela 6A, 7A e 8A – coluna V – Número total de GNs que seguem a norma-padrão; e coluna VI – Número total de desvios

Na tabela 6B, encontramos os resultados da análise das ocorrências de GN, distribuídos pelas categorias:

I Categorias	II Nível do QECRL	III Número de GNs	IV Número de GNs com estrutura- padrão	V Número de GNs comDesvio	VI Outros
GN [N]	A1	70	62	8	
	A2	39	31	8	
	B1	42	38	4	
	B2	0	0	0	
	C1	40	38	2	
GN [Det+N]	A1	100	68	32	
	A2	65	55	10	
	B1	117	109	8	
	B2	0	0	0	
	C1	68	64	4	
GN [2Det+N]	A1	23	19	4	
	A2	14	14	0	
	B1	14	10	4	
	B2	0	0	0	
	C1	7	7	0	
GN [Quant+N]	A1	33	28	5	
	A2	12	12	0	
	B1	18	16	2	
	B2	0	0	0	
	C1	14	14	0	
GN [N+Adj]	A1	37	35	2	2 <sup>7</sup>
	A2	26	26	0	1 <sup>8</sup>
	B1	45	45	0	
	B2	0	0	0	
	C1	39	39	0	1 <sup>9</sup>
Concordância	A1	193	168	25	
	A2	117	107	10	
	B1	194	189	5	
	B2	0	0	0	
	C1	128	124	4	

Tabela 6B<sup>10</sup> – Dados referentes às ocorrências de GNs nos textos dos aprendentes com russo e ucraniano como LM, por categorias

<sup>7</sup>Estas ocorrências correspondem a *construir nova casa* (UC.CA.E.A.12.09.05. 33.1J) – existe *grande diferença* (UC.CA.E.A.04.10.05. 52.2L). São exemplos em que a ordem não é N + Adj, como é habitual no português-padrão, mas sim Adj + N. Contudo, são ocorrências que são possíveis (*construir uma nova casa*, por exemplo). Por isso, é difícil classificar estes exemplos como desvios.

<sup>8</sup> A ocorrência é *com grandes mochilas*(UC.CA.E.C.12.09.05. 75.3S). Ver nota anterior.

<sup>9</sup> A ocorrência é *principal cidade* (UC.CA.S.A.05.09.09. 6.1B). Ver nota anterior.

<sup>10</sup> Sugestão do júri para as tabelas 6B, 7B e 8B – para obter os resultados estatísticos é preciso converter todos os números em percentagens.

### 2.1.1. Resultados da categoria GN [N]

Verificou-se que o nível que apresenta mais desvios nesta categoria é o nível A2, com 3 textos, onde foram encontradas 39 ocorrências, entre as quais 8 são desvios, tais como “*No fim da tarde fomos a estação de comboio para voltar a Coimbra, e o nosso sorte que no início das férias já tínhamos comprado o bilhetes do <regreso> regresso.*” (UC.CA.E.C.12.09.05. 75.3S).<sup>11</sup> Também se encontram exemplos de ocorrências que seguem a norma-padrão (31), como em “*No fim da tarde fomos a estação de **comboio** para voltar a **Coimbra***” (UC.CA.E.C.12.09.05. 75.3S). Comparando com os outros níveis, verifica-se que, no nível A1 foram encontradas 70 ocorrências, entre quais 62 seguem a norma-padrão, como “*Eu moro no bairro que se chama **São Martinho do Bispo***” (UC.CA.E.A.04.10.07. 77.3T); “*Moro no Porto, mas trabalho em **Coimbra.***” (UC.CA.E.A.12.09.07. 1.1A) e 8 apresentam desvios, tais como: “*Ela chama-se a **XXXXX.***” (UC.CA.E.A.12.09.04.1.1A). Ou seja, o número de desvios em relação ao das ocorrências é menor no nível A1 do que no nível A2.

O nível B1 apresenta número menor de desvios do que os níveis A1 e A2, pois os aprendentes produzem bastantes frases como “*Vivo em **Portugal** durante pouco tempo. Gosto muito de **bacalhão** com **natas***” (UC.CA.I.B.01.10.07. 55.2M). Este nível tem 42 ocorrências, entre quais só 4 apresentam desvios, como “*...onde frequentava os cursos intensivos do **Verão.***” (UC.CA.I.B.01.10.09. 52.2L) e “*...freguesia /do/ **Santo Antonio de Olivais***” (UC.ER.LPIII.A.12.09.30. 77.3T).

Tendo em conta o número de textos (o C1 tem só 2 textos), é possível dizer que este nível apresenta o número maior de ocorrências (40) e o número menor de desvios (2), ocorrendo estes, por exemplo, com grupos preposicionais: “*...a proximidade aos serviços **da saúde**...temos mais escolha e mais possibilidades **da opção***” (UC.CA.S.A.05.09.08. 69. 3Q).

Estes números mostram que os aprendentes de PLELS com LM russa e ucraniana, no nível A2 apresentam o número maior de desvios, ao passo que nos níveis mais elevados já se nota que aprenderam a regra e conseguem aplicá-la de forma correta, como acontece em (C1): “*Tu perguntas no qual cidade de **Portugal** eu moro.*” (UC.CA.S.A.05.09.09. 6.1B).

---

<sup>11</sup>Em cada exemplo, destaca-se a negrito o GN específico. As siglas que se seguem aos exemplos são os códigos de identificação do *corpus* original. Para as listas completas, ver os respetivos anexos: Anexo A – Aprendentes com russo e ucraniano como língua materna; Anexo B – Aprendentes com inglês como língua materna; Anexo C – Aprendentes com francês como língua materna.

Assim, é possível ver uma evolução progressiva na aprendizagem do GN que contém só um único nome (GN [N]). Isto pode mostrar que os aprendentes de A1 aplicam a transferência da língua materna, seja ela russo ou ucraniano, onde o grupo nominal não tem determinante. Por esta razão, os desvios são poucos na categoria GN [N]. A LM (russo, ucraniano) funciona como língua próxima e não distante. Trata-se da primeira fase da aprendizagem e da *interlíngua*, em que há *transferência* da LM. Assim, os aprendentes não cometem muitos desvios porque, neste caso, ao transferirem a estrutura da sua LM para o português, a analogia funciona. Depois, no nível seguinte – A2 – aprendem em contexto formal a regra GN [Det + N] e sobregeneralizam-na, aplicando-a a todos os nomes, sejam eles concretos, próprios, ou abstratos, seguindo o estipulado por Ellis: “overgeneralization errors arise when the learner creates a deviant structure on the basis of other structures in the target language. It generally involves the creation of one deviant structure in place of two target language structures”(1994: 59, ver cap. 2: 3.1.). Isto pode explicar o aumento dos desvios do nível A2, pois os níveis seguintes – B1 e C1 – que são também os níveis mais elevados, mostram o aumento de uso dos GNs com nome etambém a diminuição de desvios. Ou seja, os alunos aprenderam a regra de que o GN com nome comum, em português, deve usar pelo menos um determinante. Consequentemente, colocam determinantes em excesso, porque querem afastar-se da sua LM. Nos outros níveis, (B1, C1), avançam para outra fase ainda e conseguem reformular essa regra para só a aplicar quando necessária. De certa maneira, recuperam uma estrutura que já tinham da sua LM, a de GN [N].

Também é importante notar que os desvios mais frequentes estão ligados ao GN com nome simples que tem sentido genérico, como, por exemplo: “*“A casa precisa **do conserto**. Em Portugal já vi muitos edifício que precisam da **reconstrução**”* (A1); “*...uma **terása linda com a vista de floresta**”*, “*...e o nosso sorte que no início das férias ja tínhamos comprado o bilhetes **do <regreso> regresso**”* (A2); “*...eu não quero ter **os problemas com saúde**”* (B1); “*... a proximidade aos serviços **da saúde**”* (C1). Assim, percebe-se que os aprendentes de PLELS com LM russa e ucraniana aprendem com mais facilidade o uso de GN [N], quando o nome é próprio, por exemplo, “*em **Coimbra**”*, do que quando se trata de um nome comum com sentido genérico. Neste caso, ao contrário do anterior, a língua materna já é fonte de interferência.

Também parece haver uma certa facilidade em fixar expressões gramaticalizadas ou muito repetidas: “*Quando chegamos para Portugal era um choque para nos é dar beijinhos.*” (UC.CA.E.A.04.10.05. 52.2L). Neste caso, o contexto de imersão ou a repetição do *input* pode ajudar os aprendentes russos e ucranianos a fixar estes GNs.

### **2.1.2. Resultados da categoria GN [Det+N]**

Esta estrutura foi considerada como a que podia ser mais difícil para os aprendentes russos e ucranianos, devido ao facto de as suas LMs serem distantes do português (cf. cap. 1). De facto, os resultados parecem provar esta hipótese. Como foi verificado, o nível A1 apresenta 100 ocorrências de uso dos GNs, entre as quais 68 seguem a norma padrão e 32 são desvios. Verifica-se que o nível A1 apresenta mais desvios, tais como: “*Eu moro em Pedrulia* (UC.CA.E.A.12.09.04. 1.1A); *Por exemplo com as pessoas de China, de Alemanhã de Rússia, de Irão* (UC.CA.E.A.04.10.05. 52.2L). Os casos de acordo com a norma-padrão são: “*Eu moro no bairro que se chama São Martinho do Bispo.* (UC.CA.E.A.04.10.07. 77.3T); *Venho da Letónia*”(UC.CA.E.A.12.09.07. 1.1). Isto pode mostrar que os aprendentes deste nível não usam muito a estrutura GN [Det+N], e, mesmo quando a usam, não conseguem fazê-lo sem desvios.

Porém, o nível A2 já apresenta um resultado um pouco melhor. Neste nível foram encontradas 65 ocorrências, entre quais as ocorrências que seguem a norma-padrão são 55: “*Sou a XXXXX. Vem da Rússia para aprender português* (UC.CA.E.B.11.09.04. 1. 1A), ao passo que os desvios são só 10, tais como: “*No proximo dia, logo de manhã apanhamos o comboio para Figueira de Foz. Fomos a pé ate praia, com mochilas, cheias de fome acabamos com bolachas que ainda tínhamos com noscco.* (UC.CA.E.C.12.09.05. 75. 3S). Percebe-se que os alunos podem sobregeneralizar a regra GN [Det + N], como foi dito a propósito da categoria GN [N].

O nível B1 apresenta os melhores resultados, pois, em 117 ocorrências foram encontrados só 8 desvios. Os exemplos segundo a norma-padrão (109) são: “*Na Universidade eu estudava Finlandê; fica perto da Rússia* (UC.CA.I.B.01.10.09. 52.2L); os desvios são deste tipo: “*...eu não quero ter os problemas com saúde. Gosto de visitar os restaurantes de zona de Mealhada* (UC.CA.I.B.01.10.07. 55.2M); */Há/ Dois anos <(...)> eu tive possibilidade de*



visitar **Finlândia**; *Finlândia* fica perto da Rússia; Para **Finlandeses** esta pergunta é formal (UC.CA.I.B.01.10.09. 52.2L). Isto mostra que os alunos de nível mais elevado, que têm mais conhecimentos, aprendem com mais facilidade a regra GN [Det+N].

O nível C1 apresenta resultados um pouco piores em relação ao nível B1. Estes aprendentes têm o número menor de GNs de acordo com a norma-padrão (64), com os exemplos: “*Eu moro em Coimbra – principal cidade da região Centro em Portugal. § Coimbra é uma cidade que tem ruas estreitas, pátios, escadas e areos medievais. § Esta cidade foi o berço para seis Reis de Portugal.* (UC.CA.S.A.05.09.09. 6.1B). Porém, o número de desvios, tais como: “...disse que gostava do ar de **campo**... ... os aspectos mais práticos, tais como <a> **facilidade** dos acessos... podemos resolver os nossos problemas **de dia-a-dia** (UC.CA.S.A.05.09.08. 69. 3Q), é de 4. Isto pode mostrar que os alunos deste nível, o nível de aprendizagem mais elevado, já usam estruturas de GNs mais complexas e com mais frequência. Uma explicação possível é a de que os aprendentes estão a aplicar a estratégia de *hipercorreção*, ou *sobregeneralização* da regra.

Esta categoria mostra que, de facto, os aprendentes de PLELS com LM russa e ucraniana, que não têm o registo gráfico dos artigos definidos e indefinidos, têm certos problemas em aprender a regra de uso da estrutura de GN [Det+N]. Assim, logo o primeiro nível de aprendizagem – o A1 – pode mostrar que os alunos apresentam dificuldades – 32 desvios entre 100 ocorrências (praticamente 30% de problemas). Também foram encontrados casos em que era difícil de explicar a razão de escolha de um determinante em concreto, como, por exemplo: “*Preciso construir da casa*” (A1). É uma ocorrência extremamente interessante, em que o aprendente revela saber que é necessário um determinante, mas não é capaz de escolher o correto, que seria *uma casa* (cf. os restantes exemplos do mesmo texto). Colocou, portanto, o mais familiar (artigo definido) e respeitou a regra da concordância em género. Será, portanto um desvio parcial e não total. Também foi encontrado um exemplo de hipercorreção, com dois determinantes: “*Geralmente, eu gosto do bairro e feliz que nós mudámos casa exatamente **no esse bairro***”(UC.CA.E.A.04.10.07. 77.3T).

O nível A2, como foi dito antes, já tem menos desvios – 10 entre 74 ocorrências. Isto pode de novo constituir uma estratégia de aprendizagem de *sobregeneralização*, pois os alunos podem usar os determinantes (principalmente, os artigos definidos e indefinidos que são novos para os aprendentes russos e ucranianos) com todos os nomes, sem ter em conta que

alguns destes podem e/ou devem ser usados sem determinante. Porém, o nível seguinte (B1) apresenta um número muito maior de ocorrências (117), ao passo que o número de desvios é menor – só 8. Isto mostra que, no fim de contas, os aprendentes de PLELS com LM russa e ucraniana conseguem aprender e compreender, não de forma perfeita, a regra de uso de determinantes em português. O nível C1 mostra a situação um pouco diferente. Os alunos começam a usar menos a estrutura GN [Det+ N], usando, neste caso, a estratégia do *evitamento* (ver cap.2: 3.1). Contudo, por outro lado, o tamanho e a complexidade dos textos no nível C1 aumentaram, o que pode explicar o pequeno aumento da percentagem dos desvios em comparação com o nível B1.

Em geral, é preciso dizer que a percentagem de desvios nos níveis A2, B1 e C1 é muito menor do que no A1, o que mostra uma certa evolução na aprendizagem do GN [Det+ N] em português. Também é preciso notar que os aprendentes de PLELS com LM russa e ucraniana aprendem com certa facilidade o uso dos determinantes com nomes de locais (*Moro no Porto, mas trabalho em Coimbra...*). Provavelmente, fixaram estas estruturas a partir do que aprenderam nas aulas, isto é, em contexto de aprendizagem formal, em que se fazem muitos exercícios com estas estruturas.

### **2.1.3. Resultados da categoria GN [2 Dets + N]**

Esta categoria mostra resultados em que o número de desvios varia de nível para nível. Assim sendo, o nível mais básico, A1, apresenta 23 ocorrências, entre quais 19 seguem a norma-padrão, como em “*De que gosto muito no meu bairro que tenho ao ladoda **minha casa** complecso das piscinas. § ...muito perto da **minha casa**;* (UC.CA.E.A.04.10.07. 77.3T) e 4 apresentam desvios, tais como: “***Minha casa** fica na Ucrânia.* (UC.CA.E.A.12.09.05. 33.1J); *Sou casada e **meu marido** é português* (UC.CA.E.A.12.09.07. 1.1A). Isto pode provar que os aprendentes deste nível têm alguns problemas em aplicar a estrutura GN [2 Dets + N].

Ao invés, o nível A2 já apresenta resultados muito mais interessantes: o número de ocorrências não é pequeno – 14 exemplos que seguem a norma-padrão, tais como: “*Mas tem que ser, subimos por volta dez metros e **a nossa frente** aparece um taxi, nós não pensavamos mais no motivo das ferias, **a minha amiga** logo apanho o táxi*”. (UC.CA.E.C.12.09.05.

75.3S). Isto pode indicar que estes aprendentes, já com algum conhecimento de português, conseguem

perceber que, em português, com possessivo, é preciso sempre usar determinante; ou então, aprenderam em bloco a estrutura com determinante e possessivo.

Dentro destes 14 exemplos, existe um caso que é muito interessante – “*O seu médico disse que será o menino e eu sei que ela queria a menina*”. (UC.CA.E.B.11.09.04. 1. 1A). O aluno usou bem a regra GN [2 Dets + N], porque se trata de possessivo. Porém, neste caso, houve sobregeneralização. No português-padrão, os falantes nativos vão dizer *o médico* (porque já se sabe que é o médico dela).

Porém, o nível B1 muda completamente a situação. Estes aprendentes, com um número de ocorrências igual ao nível A2 – 14 ocorrências, apresentam 4 desvios. Os exemplos que seguem a norma-padrão (11 casos) são: “...ninguém tem interesse pela *sua vida* e por isso as pessoas falam sempre; os Finlandeses gostam muito da natureza e querem salva-la para *as suas crianças*”.(UC.CA.I.B.01.10.09. 52.2L), e os desvios são: “...convidao muitas <veses> vezes *nossa familia (meu marido e eu. Meu filho vive na Russia, ele e estudante)*”(UC.CA.I.B.01.10.07. 55.2M). A razão pode estar ligada ao nível mais elevado, onde os alunos já devem escrever textos maiores, exprimir as suas ideias. Por isso, podem não se lembrar de algumas regras que aprenderam nos níveis mais básicos, ou podem estar a refazer essas regras.

O último nível, C1, apresenta 7 ocorrências e todas estas ocorrências seguem a norma-padrão (por exemplo: “Recebi *a tua carta* e fiquei muito contente; Tu perguntas no qual cidade de Portugal eu moro. Vou esclarecer *as tuas dúvidas*”(UC.CA.S.A.05.09.09. 6.1B), ou seja, não foi encontrado nenhum desvio. Percebe-se que, no nível mais avançado, os aprendentes, no fim de contas, conseguem aprender a regra de uso de GN [2 Dets+N], sem apresentar nenhum desvio.

Esta categoria apresenta a maior número de desvios nos níveis de aprendizagem A1 e B1. Contudo, em primeiro lugar, é preciso mencionara diminuição donúmero total de uso dos GNs com 2 Dets. Verifica-se que, como já foi referido, que no nível A1 foram encontradas 23 ocorrências, ao passo que o nível C1 tem só 7 ocorrências. Isto pode ilustrar que os aprendentes de PLELS com LM russa e ucraniana tentam não usar muito a estrutura de GN com dois determinantes (Det def/indef/dem + Possessivo), e que, nos níveis mais elevados –

B1 e C1 – tentam evitar ainda mais o uso desta estrutura do GN. Assim, percebe-se que os aprendentes, como também em algumas outras categorias, podem usar a estratégia do *evitamento* por não saberem exatamente como deve ser apresentada a estrutura do GN com 2 Dets.

No nível A1, especificamente, é preciso dizer que 19 desvios é um número bastante significativo. Neste caso, percebe-se que os aprendentes russos e ucranianos têm dificuldades em aprender a regra de uso de um nome com dois determinantes, principalmente com os artigos definidos e indefinidos (“*Sou casada e meu marido é português*” – A1). Por outro lado, os alunos, em todos os níveis apresentados, quase não usam os determinantes demonstrativos com os possessivos, usam mais os artigos definidos com os possessivos (“*De que gosto muito no meu bairro que tenho ao ladoda minha casa complecso das piscinas. § ...muito perto da minha casa*” – A1). Além disso, o nível A2 não apresenta desvios. Este facto pode estar ligado, como nas categorias anteriores, à estratégia de *sobregeneralização*. Assim, os alunos aprendem uma nova regra: conforme previsto nas etapas de aprendizagem e de constituição progressiva da *interlíngua* (cap. 2), depois de aprenderem que, em português, existe o uso do nome com determinante, aprendem que os dois determinantes também podem ser usados com o nome e, por isso, começam a usá-los em todos os casos. Por isso, apresentam menos desvios. Porém, isto não prova que já aprenderam a regra. Os alunos, simplesmente, podem usar estes dois elementos (determinante definido ou demonstrativo + possessivo) em bloco, sem ter em conta que estes elementos são independentes e podem ser usados, em alguns casos, separadamente (*em minha casa*).

Quanto ao nível seguinte – B1 – os aprendentes já começam provavelmente a perceber que os artigos definidos e os possessivos são elementos independentes, mas que, em português, o possessivo quase sempre deve ser acompanhado por um determinante. Assim, os alunos começam a perceber e a refazer a regra de uso do GN com 2 determinantes, e por isso, apresentam o número um pouco maior de desvios – 4. Por outro lado, o nível C1, com o número insignificante de ocorrências (7), não apresenta nenhum desvio. Assim é possível perceber que os aprendentes são capazes de aprender a regra de uso do GN com dois determinantes com algumas dificuldades, apenas, mesmo se se trata de uma estrutura em que as línguas maternas (russo e ucraniano) estão distantes do português.

#### 2.1.4. Resultados da categoria GN [Quant+N]

Esta categoria diz respeito à estrutura do GN que tem quantificador e nome. Nesta categoria, os dois níveis mais interessantes são o nível A1 e o B1. O primeiro apresenta 33 ocorrências, onde foram encontradas 28 de acordo com a norma-padrão. São do tipo: “...porque <vão>casassão *tipicais portuguesas com varandas grandes, com muitas flores...*”(UC.CA.E.A.04.10.07. 77.3T ). Surgem também 5 desvios, tais como: “*Sem dúvida em toda país as pastelarias muito boa §Segunda coisa de que gosto é a pastelaria muito boa.*” (UC.CA.E.A.04.10.07. 77.3T). Este nível de aprendizagem (A1) apresenta, como já foi referido, o número maior de desvios (5) entre todos os níveis de aprendizagem. A razão pode estar ligada ao nível mais elementar e básico, onde os aprendentes ainda só começam a adquirir os conhecimentos da língua e por isso apresentam muitos desvios. Isto, normalmente, acontece em todas as categorias nos textos dos aprendentes de PLELS com LM russa e ucraniana.

Quanto ao nível seguinte, A2, tem 12 ocorrências, que seguem todas a norma-padrão (como, por exemplo: “*Como nós não tínhamos muito dinheiro, pensamos no parque campismo. ...se vamos conseguir <sabir> subir para cima, dois quilómetros?*”(UC.CA.E.C.12.09.05. 75.3S). Este nível não apresenta nenhum desvio. Isto mostra que os aprendentes melhoraram os seus resultados na passagem do nível A1 para o A2.

Porém, o nível B1 mostra a situação contrária: o número de ocorrências é de 18, onde 16 seguem a norma-padrão, tais como: “*Vivo em Portugal durante pouco tempo; convidado muitas <veses> vezes nossa família*” (UC.CA.I.B.01.10.07. 55.2M). O número de desvios é pequeno – 2 – mas ainda existem alguns problemas nesta categoria (os desvios são, por exemplo: “*Celebramos todas festas com eles e comemos refeições portuguesas. Gosto também arroz doce com canela e /os/ todos bolos portugueses*”(UC.CA.I.B.01.10.07. 55.2M). Estes desvios estão provavelmente ligados a outro domínio da aprendizagem, o nível da fonética, porque é muito difícil perceber em *todos os* e em *todas as* que existem duas palavras: um quantificador e um determinante.

O nível C1 mostra que os aprendentes aprenderam bem a regra relacionada com esta estrutura, pois foram encontradas 14 ocorrências de uso dos GNs e todas estas ocorrências seguem a norma-padrão (por exemplo: “*Alias, esses são os primeiros factores que a nossa família considera*”(UC.CA.S.A.05.09.08. 69. 3Q); *Esta cidade foi o berço para seis Reis de*

*Portugal. Coimbra banhada pelo rio Mondego, tem vários estilos de arquitectura antiga e moderna. Até agora existem alguns fragmentos de moralhas”* (UC.CA.S.A.05.09.09. 6.1B).

Em suma, é possível dizer que, em comparação com as outras categorias, esta não apresenta um número muito grande de desvios (5 – A1, 0 – A2, 2 – B1, 0 – C1). Além disso, os desvios foram encontrados só em dois níveis de aprendizagem: A1 e B1. No nível A1, porque é o nível mais elementar e os aprendentes não têm os conhecimentos suficientes para conseguir evitar os desvios. No nível B1, porque é o nível intermédio, onde os alunos já têm de começar a escrever textos mais longos e complexos, o que pode causar a existência de alguns desvios. Os alunos estão mais atentos à estrutura de uma frase, por exemplo, do que à estrutura interna de um GN. Também é possível dizer que, nesta categoria, os aprendentes não apresentam grandes dificuldades em aprender a estrutura GN [Quant+N], pois, como já foi dito (cap. 1), as línguas russa e ucraniana também têm esta estrutura interna do GN. Assim, a transferência da LM atua de forma positiva, porque, neste caso, é uma língua próxima, e não distante.

#### **2.1.5. Resultados da categoria GN [N+Adj]**

Nesta categoria, os desvios só poderiam existir no que toca à ordem de palavras, pelo que foi analisado o número de desvios nesta relação da frase. Esta categoria é a menos problemática, ou seja, os aprendentes apresentam muito poucos desvios relacionados com a ordem de palavras e, além disso, é importante perceber que apenas existem desvios num nível de aprendizagem. Como foi dito (ver cap.1), tanto na língua russa como na ucraniana existem duas posições que o adjetivo pode ter, pré- e pós-nominal. Por isso, os aprendentes não tiveram dificuldades em perceber a regra de ordem de palavras em português, uma vez que transferem para a língua-alvo a regra que já conhecem da sua LM.

Assim, o nível A1 tem 37 ocorrências de uso do GN com Adj, entre quais 35 seguem a norma-padrão – “*Segunda coisa de que gosto é a **pastelaria muito boa**; Sem dúvida em toda país as **pastelarias muito boas**”* (UC.CA.E.A.04.10.07. 77.3T) e só 2 desvios, tais como: “*Na minha opinião em Portugal é **muito interessante e misterioso cultura**”* (UC.CA.E.A.12.09.04. 52.2L). Percebe-se que os aprendentes não mostram grandes dificuldades nesta categoria e só o nível mais básico apresenta 2 desvios. Foram encontrados dois casos que não são

exatamente desvios, mas que também se usam menos em português: “*Não é ideal por isso quero construir nova casa*” (UC.CA.E.A.12.09.05. 33.1J); “*Então totalmente não existe grande diferença entre culturas...*” (UC.CA.E.A.04.10.05. 52.2L). Estes casos não seguem a estrutura-padrão, mas são possíveis em português, embora menos habituais (cf. *uma nova casa*). É possível que os aprendentes tenham fixado pelo menos a expressão [*não existe grande diferença entre (...)*] em contexto de imersão.

O nível A2 já tem 26 ocorrências que seguem todas à norma-padrão – “*No **proximo dia**, logo de manhã apanhamos o comboio para Figueira de Foz; Quando chegamos o destino, com **grandes mochilas**...*” ( UC.CA.E.C.12.09.05. 75.3S), sem desvios. Isto mostra que, no nível A2, os aprendentes não usam muito a estrutura GN [N+Adj], mas por outro lado, quando a usam, conseguem fazê-lo de forma correta, ou seja, conseguem respeitar a ordem de palavras.

O número de ocorrências corretas do nível B1 é de 45 (como, por exemplo: “*tenho possibilidade provar **comida portuguesa**. Tenho muito **amigos portugueses**; Gosto de visitar os restaurantes de zona de Mealhada que são famosos de **leitão assado com bom vinho***” (UC.CA.I.B.01.10.07. 55.2M) e do C1 é de 39 (por exemplo: “*Coimbra é uma cidade que tem **ruas estreitas**, pátios, escadas e **areos medievais**. Coimbra banhada pelo rio Mondego, tem vários estilos de **arquitectura antiga e moderna**. Até agora existem alguns fragmentos de **moralhas, de torres – pequenas lembranças da influência romana**.” (UC.CA.S.A.05.09.09. 6.1B), respetivamente. Verifica-se que nestes dois níveis os aprendentes começam a usar a estrutura do GN com Adj com mais frequência, ao passo que o número de desvios ficou o mesmo – 0 desvios.*

Isto pode provar, mais uma vez, que os aprendentes de PLELS com LM russa e ucraniana, tendo nas suas línguas maternas uma estrutura semelhante à estrutura do GN com adjetivo em português, conseguem entender e aplicar bem a regra desde o nível mais elementar – A1, onde os aprendentes ainda têm poucos conhecimentos e apresentam só 2 desvios, até ao nível C1, o nível mais elevado, onde os aprendentes têm muito mais conhecimentos, mas ao mesmo tempo, devem produzir textos mais complicados e mais longos. Como se percebe, o número de ocorrências cresce de nível para nível, mas o número de desvios continua a ser 0, excepto A1 – 2 desvios, ou seja, os aprendentes não apresentaram praticamente desvios na ordenação de palavras do GN.

### **2.1.6. Resultados do GN referentes à concordância**

A categoria que diz respeito à concordância em género e número em português apresenta uma percentagem significativa de ocorrências. Isto está ligado ao facto de juntar todas as ocorrências de categorias anteriores, exceto a primeira (GN [N]). Por outro lado, também é importante notar que, nesta categoria, os aprendentes de PLELS com LM russa e ucraniana apresentam desvios, mas, comparando com as outras categorias, o número destes desvios não é tão grande. Isto mostra que os aprendentes não têm muitas dificuldades em aprender a regra de concordância em género e número em português.

O maior número de desvios encontra-se no nível A1: 193 ocorrências, entre as quais, de acordo com a norma-padrão, foram encontrados 168 exemplos, tais como: “*Vivo com umas meninas portuguesas e brasileiras*” (UC.CA.E.B.11.09.04. 1. 1A). Encontram-se igualmente 25 desvios, como, por exemplo: “*Eu gosto do Bairro, porque <são> casas são tipicais portuguesas com varandas grandes, com muitas flores, com as escadas ao lado do casas.*” (UC.CA.E.A.04.10.07. 77.3T). Isto mostra que os aprendentes têm, pelo menos no nível A1, alguns problemas com os casos de concordância entre o nome e os outros elementos que o GN pode conter em português, pois a percentagem é a maior entre todos os níveis.

A maioria dos desvios foi encontrada nos casos de concordância em género. Isto pode estar ligado, como também nas categorias anteriores, ao nível de aprendizagem mais baixo, onde os alunos ainda não têm a certeza sobre os nomes que têm género masculino, ou feminino. Como a língua russa e ucraniana têm, em alguns nomes, género diferente do género em português, isto pode estar na origem dos desvios. Em “*Sem dúvida em toda país as pastelarias muito boas...*” (A1) encontra-se o desvio ligado à falta de concordância do quantificador com o nome, porque, em português, *país* é um nome masculino, mas, em russo e ucraniano, pelo contrário, é um nome feminino [*страна* - *strana* (russo) e *держава*- *derjava* (ucraniano)]. O conhecimento prévio do aprendente causa muitas situações iguais a esta, em que existe interferência da LM. Também foram encontrados casos interessantes, tais como: “*As pessoas mais abertam e calmavam*” (UC.CA.E.A.12.09.04. 52.2L). Trata-se provavelmente de uma confusão entre a terminação de plural dos nomes e dos verbos e mostra um domínio não totalmente conseguido das diferentes flexões do plural do nome e do verbo.



No nível A2, a situação melhora, pois foram encontradas 117 ocorrências, entre quais há 107 de acordo com a norma-padrão, tais como: “*Combinei com **uma amiga minha** ir às férias ...*”(UC.CA.E.C.12.09.05. 75.3S). O número de desvios (“*Às férias todos tentamos não usar mais o transporte publico...*”(UC.CA.E.C.12.09.05. 75.3S) é de 10. Isto pode mostrar que os aprendentes deste nível já conseguem perceber em que situação o nome deve concordar com os determinantes e com os quantificadores em género e número, e conseguem aplicar bem a regra.

O nível seguinte – o B1 – confirma esta afirmação, pois apresenta um número grande de ocorrências – 194 – das quais 189 estão de acordo com a norma-padrão: “*Vivo em Portugal durante **pouco tempo**; convidao **muitas** <veses> **vezes** nossa familia*” (UC.CA.I.B.01.10.07. 55.2M)). O número de desvios é insignificante - só 5 - “*Tenho **muito amigosportugueses***”(UC.CA.I.B.01.10.07. 55.2M). Assim é possível perceber que os aprendentes neste nível não têm muitas dificuldades em aprender a regra de uso de concordância em género e número. Com isto também se encontra uma certa evolução dos conhecimentos dos alunos, pois de nível para nível a percentagem de desvios diminui.

Os aprendentes do nível C1 mostram uma situação semelhante, pois apresentam apenas 4 desvios em 128 ocorrências (“*...o ritmo **da vida moderna**, precisamos de considerar os aspectos que vão para além da natureza, os **aspectos mais práticos***” (UC.CA.S.A.05.09.08. 69. 3Q). Também foram encontrados 124 casos de acordo com a norma-padrão de tipo: “*Como tu vais visitar **o meu cidade** gostaria mostrar-te a Ponte Pedro e Inês e a Quinta das Lágrimas – os símbolos de um Amor sem fim...*”(UC.CA.S.A.05.09.09. 6.1B)). Os desvios podem, como em outros casos, resultar do facto de os textos serem mais longos, terem frases mais complexas e ser necessário usar as estruturas todas do GN. Por outro lado, a percentagem destes desvios é menor do que nos níveis A1 e A2, por isso a evolução do conhecimento dos alunos continua a existir.

Por outro lado, é importante perceber que uma das razões do número escasso de desvios pode estar ligada aos casos em que os desvios das categorias anteriores apresentam falta de algum elemento do GN. Isto faz com que a percentagem de desvios de concordância possa ser menor. Com efeito, nesses GNs, não podemos saber se o aprendente assinalaria a concordância de acordo com a norma-padrão ou com desvio. Por exemplo, em *\*casas são, apanhar \*autocarro*, optaria por *as casas? \*os casas? o autocarro?* Assim, se uma das

categorias anteriores não apresenta determinante ou quantificador, não apresenta desvio de concordância.

### **2.1.7. Síntese dos dados referentes aos aprendentes com russo ou ucraniano como língua materna**

Em suma, é possível dizer que os aprendentes de PLELS com LM russa e ucraniana têm dificuldades em aprender apenas algumas estruturas do GN em português.

Assim, a primeira categoria, GN [N], não apresenta um número significativo de desvios. Neste caso, só o nível A2 é que apresenta uma percentagem maior (8 desvios entre 39 ocorrências), por causa da sobregeneralização de uma nova regra de uso do GN com determinante. Os outros níveis, por sua vez, mostram a evolução da interlíngua dos aprendentes, pois de nível para nível (A1, B1, C1) é possível notar melhoria dos resultados dos desvios (8, 4, 2 respectivamente). Como já foi dito na secção 2.1 deste capítulo, isto mostra que os aprendentes de PLELS com LM russa e ucraniana são capazes de aprender, compreender e aplicar, ainda que não de forma perfeita, a regra de uso do GN com nome em português. Os aprendentes começam a perceber que, em português, nem todos os nomes devem ser sempre acompanhados por um determinante, seja ele artigo definido, ou indefinido.

A segunda categoria, GN [Det+N], como já foi dito várias vezes, é uma das mais problemáticas para os aprendentes com língua materna russa ou ucraniana, dado que essas línguas não apresentam a forma morfológica dos determinantes (artigo definido/indefinido). Por isso, o seu uso apresenta grande número de desvios em português. Ou seja, é possível dizer que o russo e o ucraniano são línguas distantes do português nesta categoria, funcionando como um obstáculo. Isto surge logo no primeiro nível de aprendizagem, A1, com 32 desvios entre 100 ocorrências. Tudo indica que os aprendentes só começam a perceber que a língua portuguesa tem unidades gramaticais a mais, como o artigo definido e indefinido, por comparação com o russo e o ucraniano. Os aprendentes têm algumas dificuldades em perceber para que existem os artigos, e em que casos e situações devem ser usados. Por outro lado, os níveis seguintes já mostram uma diminuição dos desvios de nível para nível. Assim, é possível dizer que os aprendentes podem compreender e aplicar a regra de uso do nome com os

determinantes, mas, ao mesmo tempo, apresentam sempre desvios, nem que seja em número muito pequeno.

A terceira categoria, GN [2Det+N], apresenta grande número de desvios, mas é menor do que na categoria anterior GN [Det+N] nos níveis A1, A2, C1. Porém, ao contrário desta, não é possível considerar que existe evolução positiva dos conhecimentos dos aprendentes de PLELS com LM russa e ucraniana. Nota-se que o nível A1 apresenta muitos desvios, ao passo que o A2 já tem muito menos desvios. Isto, como já foi referido antes, pode estar ligado à estratégia da *sobregeneralização*. Os aprendentes percebem que, em português, alguns determinantes podem ou devem ocorrer juntos. Como, neste nível, começam a colocar sempre os determinantes (artigo definido, determinante demonstrativo) com os possessivos, como se fossem uma unidade só, apresentam menos desvios. Porém, o nível B1 já mostra que os aprendentes começam a pensar mais na regra, começam a refazê-la, começam a perceber em que casos é obrigatório usar os dois determinantes. Isto pode causar então, de novo, um número enorme de desvios. O nível C1 não apresenta desvios, mas o uso dos GNs também é muito pequeno. Assim, torna-se difícil de perceber se existe alguma evolução dos conhecimentos dos aprendentes no que diz respeito à regra de uso do GN que contém dois determinantes.

As duas categorias seguintes apresentam muito menos desvios. A categoria GN [Quant+N] apresenta desvios só nos níveis A1 e B1, porque o nível A1 é o nível mais básico, onde todos os alunos apresentam muitos desvios de diferentes tipos. O nível B1 é o nível intermédio, onde os alunos já têm os conhecimentos necessários, mas ainda não têm a certeza de como os usar de uma forma correta. Porém, em todo o caso, o número de desvios desta categoria mostra que os aprendentes não têm muitas dificuldades. O mesmo acontece na categoria seguinte – GN [N+Adj]– onde o uso dos GNs aumenta sempre de nível para nível, ao passo que o número de desvios permanece insignificante (recorde-se que foram encontrados só 2 desvios e só no nível A1). Isto pode estar ligado à construção do GN em russo e ucraniano, pois estas duas línguas, como o português, têm as duas posições de adjetivo: pré-e pós-nominal. Assim, estes aprendentes percebem muito rapidamente em que casos o adjetivo deve aparecer antes do nome e em que casos deve ficar depois do nome. Nesta categoria, a proximidade entre as línguas russa, ucraniana e portuguesa pode funcionar como um apoio para os aprendentes.

A última categoria – concordância – apresenta algum número de desvios ao longo de todos os níveis. Os resultados não são estáveis, pois o nível A1 tem o número maior de desvios, o A2 e B1 têm menos desvios, ao passo que o número de desvios no C1, em comparação ao B1, aumenta. Isto pode estar ligado ao conhecimento prévio dos aprendentes, pois as suas línguas maternas têm regras de concordância em número e género diferentes das regras em português.

Assim, percebe-se que a língua materna do aprendente, ou seja, o conhecimento prévio influencia bastante no processo de aprendizagem, neste caso, do GN em português (ver: conclusão geral). Também é preciso dizer que, globalmente, as categorias mais difíceis para os aprendentes russos e ucranianos parecem ser as categorias relacionadas com os determinantes, principalmente com os artigos definidos e indefinidos. Até ao nível C1, os aprendentes continuam a apresentar desvios, o que mostra que não conseguem aprender a regra de uma forma perfeita. Com isto pode ser provada a hipótese que foi referida no início da tese – as línguas russa e ucraniana são distantes do português, pois não têm o registo gráfico dos artigos definido e indefinido, por isso neste ponto apresentam uma maior dificuldade para estes aprendentes. Nas estruturas em que estão próximas do português, os aprendentes têm menos dificuldades e podem aplicar de forma positiva a estratégia da *transferência*.

## **2.2. Produções escritas de aprendentes com inglês como primeira língua**

Como já foi referido (Cap. 3.1 – características gerais), o número total de textos dos aprendentes de PLELS com LM inglesa é de 53, dos quais 6 pertencem ao nível A1, 5 ao nível A2, 35 ao nível B1, 3 ao nível B2 e 4 ao nível C1. As tabelas 7A e 7B mostrarão melhor os resultados destes aprendentes:

<b>I</b> <b>Nível do QECRL</b>	<b>II</b> <b>Número de textos</b>	<b>III</b> <b>Número de palavras</b>	<b>IV</b> <b>Número de GNs</b>
A1	6	726	178
A2	5	993	209
B1	35	9257	1877
B2	3	775	194
C1	4	950	241
Totais	53	12701	2699

*Tabela 7A – Totais referentes às ocorrências de GNs  
nos textos dos aprendentes com inglês como LM*

Na tabela 7B encontramos os resultados da análise das ocorrências de GN, distribuídos pelas categorias:

I Categoria	II Nível do QECRL	III Número de GNs	IV Número de GNs com estrutura-padrão	V Número de GNs com Desvio
GN [N]	A1	72	66	6
	A2	51	50	1
	B1	360	332	28
	B2	60	60	0
	C1	63	61	2
GN [Det+N]	A1	64	55	9
	A2	98	88	10
	B1	565	515	50
	B2	101	100	1
	C1	128	121	7
GN [2Det+N]	A1	17	8	9
	A2	18	8	10
	B1	226	188	38
	B2	8	5	3
	C1	11	4	7
GN [Quant+N]	A1	26	26	0
	A2	38	36	2
	B1	198	196	2
	B2	15	14	1
	C1	36	35	1
GN [N+Adj]	A1	20	17	3
	A2	40	40	0
	B1	228	223	5
	B2	29	26	3
	C1	39	39	0
Concordância	A1	101	83	18
	A2	194	182	12
	B1	1217	1138	79
	B2	153	151	2
	C1	214	209	5

Tabela 7B – Dados referentes às ocorrências de GNs nos textos dos aprendentes com inglês como LM por categorias

### 2.2.1. Resultados da categoria GN [N]

Nesta categoria, o nível com número maior de desvios é o nível A1, com 72 ocorrências, entre as quais há 66 casos de acordo com a norma padrão, como, por exemplo: “*Agora Eu moro em Coimbra estou estudante na Faculdade de letras de Coimbra universidade*”

(UC.CA.E.A.05.09.02. 6.1B), e 6 desvios, tais como: “*É também difícil de <escrever>escrever aos amigos estrangeiros e /de/ compreendo notícias **no Portugal***” (UC.ER.LPI.A.05.10.23. 1.1A).

Vê-se que os aprendentes deste nível têm algumas dificuldades nesta categoria, pois ainda não têm conhecimentos suficientes para saber que nomes se usam sem determinante. Também é importante sublinhar um facto que diz respeito ao tipo do desvio, ou seja, ao tipo de nomes nos quais os aprendentes deste nível apresentam mais desvios: nomes próprios ou concretos de sentido genérico. Nota-se que os aprendentes de PLELS com LM inglesa, ao contrário dos aprendentes russos e ucranianos (ver 2.1.), têm mais dificuldades em usar, ou melhor dizendo, não usar, os determinantes com os nomes próprios, tais como: Portugal (desvio: *no Portugal*), Junho (desvio: *no Julho*) – ver Anexo II. Foi encontrado também um caso interessante: “*Ele há **escretaria**, uma mesa, **computador**. Ele é depois **de case de banho***”, onde parece que o aprendente está a construir uma frase inglesa, que não pode ter o lugar do sujeito vazio porque não é língua de sujeito nulo. Isto só afeta indiretamente o GN, porque obriga à colocação de um pronome (*ele*) com um verbo impessoal (cf. em inglês *there is*).

Pelo contrário, o nível A2 já apresenta um número muito diminuído de desvios. Assim, foram encontradas 51 ocorrências, com 50 de acordo com a norma-padrão como: “*Na minha vida quando tenho tempo livre, gosto de jogar **futebol, ténis e cricket***” (UC.CF.EB.01.07.09.03. 33.1J), e um só desvio (“*Moro **na Celas***” (UC.CF.EB.01.07.09.05. 77.3T). Assim, parece possível admitir que os aprendentes deste nível melhoraram os resultados porque já sabem usar de forma mais correta os GNs com nome simples.

Porém, o nível seguinte, o B1, volta a mostrar que os aprendentes continuam a apresentar desvios nesta categoria: há 360 ocorrências de uso dos GNs, com casos que seguem a norma-padrão (332), tais como: “*Chama-se **XXXXX e** <e> /fica/ parte de **Manchester***” (UC.ER.LPIII.F.06.09.07. 77.3T), e, por outro lado, 28 desvios: “*Mas quando estou **na casa**, eu amo tocar **a guitarra***”. (UC.ER.LPIII.A.12.09.25. 33. 1J). Tendo em conta o número total de palavras, é possível dizer que o número de desvios é idêntico ao do nível A1. Mas, ao contrário do nível A1, os alunos do B1 começam a ter outras dificuldades. Os aprendentes do A1 apresentam mais desvios com os nomes próprios (*Portugal, Barcelona*), ou com os nomes

de meses (*Junho*), ao passo que os do nível B1 deixam de apresentar estes desvios e começam a apresentar desvios relacionados aos nomes de sentido genérico. Estes fenómenos de uso de determinante quando não devia ser usado podem ser casos de hipercorreção, que são característicos da fase inicial da interlíngua de aprendentes com inglês como LM. Aparentemente, o aprendente fixou que, em português, o GN com nome comum exige determinante e, por isso, emprega-o sempre, criando desvios nos casos em que o GN exprime apenas um sentido genérico (por exemplo: *\*amo tocar a guitarra*).

O nível B2, ao contrário de todos os outros níveis, não apresenta nenhum desvio, quando o uso de GNs é extenso – 60 ocorrências, entre as quais os exemplos de acordo com a norma-padrão são de tipo: “*Cá em Portugal, moro na cidade*” (UC.ER.LPIV.A.06.09.13.69.3Q). Neste caso, é possível supor que os aprendentes finalmente aprenderam a regra de uso do GN só com nome, sem presença de qualquer determinante.

A aprendizagem pode ser confirmada pelos resultados do nível C1, em que os aprendentes apresentam um número de ocorrências de uso do GN semelhante ao dos níveis A2 (51) e B2 (60). No nível C1 foram encontradas 61 ocorrências certas e apenas 2 desvios. Os casos que seguem a norma-padrão são, por exemplo, “*Eu so da Califórnia do sul, muito perto de Los Angeles*” (UC.CA.S.A.12.09.02.50.2L)), mas apresentam o número de desvios maior do que nos níveis A2 e B2, ou seja, 2 desvios (por exemplo: “*Pode-se fazer o surf e o ski no mesmo dia!*” (UC.CA.S.A.12.09.02.50.2L)). Os desvios podem acontecer por causa do tipo do nome, ou seja, os aprendentes percebem que todos os nomes comuns devem ser acompanhados por determinantes, por isso, neste caso, usam a estratégia de *sobregeneralização*.

### 2.2.2. Resultados da categoria GN [Det+N]

Esta categoria, ao contrário da mesma categoria dos aprendentes russos e ucranianos, apresenta muito menos desvios. Assim percebe-se que os aprendentes ingleses não têm muitos problemas em usar os determinantes com nome, pois a língua inglesa também tem estes determinantes (artigos definidos/ indefinidos; demonstrativos) e tem algumas regras de uso do GN parecidas com as regras em português.

O nível mais elementar – o A1 – apresenta 64 ocorrências. Tendo em conta o número total de palavras por nível, é possível dizer que o nível A1 apresenta o número maior de

desvios - 9 - tais como: “*Com vai tudo ai em Grécia?*” (UC.ER.LPI.A.05.10.30. 6.1B), ao passo que o número de uso dos GNs e acordo com a norma-padrão é de 55, como, por exemplo: “*Minha família vive em Halifax, no Canadá*” (UC.ER.LPI.A.05.10.23. 1.1A). Isto, como nas categorias anteriores, pode ser explicado com a ajuda do nível A1, ou seja, dos poucos conhecimentos da língua. Embora a língua inglesa também tenha determinantes, algumas das regras de uso do nome com os determinantes podem ser diferentes das regras em português (por exemplo, os nomes das pessoas em inglês nunca têm determinante – *I am Mary* – ao passo que a língua portuguesa precisa do determinante, neste caso do artigo definido – Sou a *Maria*). Estas regras é que podem causar o maior número de desvios em todos os níveis de aprendizagem.

No nível A2 aumenta o número de ocorrências dos GNs – 98, entre as quais 88 pertencem aos casos que seguem a norma-padrão, tais como: “...*em particular durante este ano passado, quando estudei numa universidade espanhola durante quatro meses, e este mês, no que estou aqui em Coimbra a estudar português*”. (UC.CF.EB.01.07.09.06. 52.2L) e 10 desvios: “*Sou uma /\*apoyó/ du equipe de Sporting Lisbon; Depois o outra desporte que é muito divertido é cricket. § O Jogado que eu gosto mais chamar-se “Andy Murry” que e uma Jogado de Escocia*” (UC.CF.EB.01.07.09.03. 33.1J). Este facto pode estar ligado a uma das estratégias de aprendizagem que vimos no cap. 2 (cf. 3.1.) – a *sobregeneralização* – pois os aprendentes de PLELS com LM inglesa, como aprenderam no nível A1 que em português os determinantes devem acompanhar quase sempre os nomes, começam a fazer isso em todos os casos, diminuindo assim o número de desvios em comparação com o número total de ocorrências.

O nível B1 apresenta 565 ocorrências de GNs (de acordo com a norma-padrão (515), por exemplo: “*Moro num bairro no sul de Londres. É bastante pequeno mas prefiro porque moro numa cidade tão grande com muito pessoal*” (UC.ER.LPIII.A.12.09.103. 77.3T)), mas também é grande o número de desvios - 50: “*Aprende os básicos por internet e com ajuda do meu vizinho quem pode <tocar> toca-la muito bem*” (UC.ER.LPIII.A.12.09.25. 33. 1J). Neste caso, os aprendentes já começam a refazer a regra, mas também começam a usar menos vezes a estrutura GN [Det +N], possivelmente por *evitamento* (em 9257 palavras encontram-se só 565 ocorrências), (cf. de novo cap 2: 3.1). Assim, usam esta estrutura só em casos em que têm



a certeza se o nome deve ter o determinante, ou não. A estratégia ajuda, porque também se encontra diminuição dos desvios. Por outro lado, também foram encontrados desvios que são difíceis de classificar, como, por exemplo, “*bebendo cafés*”, que não está totalmente correto, porque *café*, neste caso, é nome não contável e, por isso, deveria estar no singular. Para estar correto, o GN deveria ter determinante indefinido com sentido genérico (*uns cafés*). Curiosamente, o aprendente deveria ter seguido o modelo da sua L1 (cf. *to drink coffee*).

Os melhores resultados surgem nos aprendentes dos níveis B2 e C1. No nível B2 o número de uso dos GNs é de 101, com 100 ocorrências corretas, tais como: “*E o cãozinho XXXXX, ainda está vivo? Ele era tão pequeno e adorava aquelas bolachas de chocolate*” (UC.ER.LPIV.A.06.09.42. 6.1B), ao passo que há um único desvio: “*mas bem perto duma cidade, para ter a vida menos estressante, mas sem te de viajar muito para <eu> fazer compras ou sair de noite*” (UC.ER.LPIV.A.06.09.13. 69.3Q). No nível C1, encontram-se 128 casos, isto é, os aprendentes usam muitos GNs e a maior parte segue a norma-padrão: “*O meu país, os Estados Unidos da América, é um país enorme e muito diverso*” (UC.CA.S.A.12.09.02. 50.2L). O número de desvios, como, por exemplo, “*O sul de país sempre faz calor, no oeste é por causa das desertas, mas no <o> este é por causa dos mares tropicais*” (UC.CA.S.A.12.09.08. 50.2L), tal como no nível B2, é muito pequeno – 7. Todos estes resultados mostram que os conhecimentos destes alunos evoluíram de nível para nível.

A melhoria dos resultados também pode estar ligada a mais um facto: a influência de outra língua, às vezes, de uma língua próxima da que os alunos querem aprender. Nesta categoria, foram encontrados casos como “*mas esse é uma coisa buena*”, que mostra a influência do espanhol. Pode ter interesse referir a propósito dos casos em que a influência não é diretamente feita da língua materna, mas de outra língua conhecida. Muitos aprendentes preferem então usar essa outra língua, sobretudo se souberem que é próxima da língua-alvo. No que diz respeito ao GN, a influência do espanhol pode ter atuado como coadjuvante.

### 2.2.3. Resultados da categoria GN [2 Dets + N]

Esta categoria considera-se como a mais problemática para os aprendentes de PLELS com LM inglesa, que apresentam o número muito grande de desvios. Os aprendentes do nível A1, com uma número muito pequeno de GNs – 17 – apresentam 8 ocorrências de acordo com a norma-padrão – “*O meu trabalho é bem, e /os/ meus colegas são simpáticos. A nossa*

*amiga, XXXXX, vai assistir /lá/ comigo”* (UC.ER.LPI.A.05.10.23. 6.1B), ao passo que o número de desvios é maior do que o número de ocorrências corretas – 9 desvios, tais como: “*Minha família vive em Halifax, no Canadá. § Eu gosto os castelos e /os/ viagens com meu amigo XXXXX ao seu carro”*. (UC.ER.LPI.A.05.10. 23.1.1A). Este facto pode mostrar que os aprendentes têm problemas em usar a estrutura do GN que contém dois determinantes. Uma das explicações possíveis pode estar ligada ao nível A1 que é o nível mais baixo, onde os aprendentes só começam a aprender algumas regras. A outra razão pode estar ligada ao conhecimento prévio, pois, como se sabe a língua inglesa não admite o uso de dois determinantes (*\*the my mother*) com o nome.

O nível A2 tem resultados parecidos, pois o número de GNs é insignificante – só 18 ocorrências foram encontrados nos textos dos aprendentes ingleses, entre as quais 8 seguem a norma-padrão – “*Na minha vida quando tenho tempo livre, gosto de jogar futebol, ténis e cricket”* (UC.CF.EB.01.07.09.03. 33.1J) – e 10 apresentam desvios, tais como: “*Eu gosto muito de Jogar ténis em meu tempo livre porque é uma desporte que podes practicar com tus amigos, família e otras pessoas”* (UC.CF.EB.01.07.09.03. 33.1J). Assim, percebe-se que, neste nível, os aprendentes continuam a apresentar dificuldades no uso do GN com dois determinantes. Mas também se nota que o número de desvios, como no nível de aprendizagem anterior, é maior do que o número de ocorrências corretas. No nível A2, os aprendentes já têm mais conhecimentos de língua que estão a aprender, mas ainda não conseguem perceber e aplicar de uma forma correta o uso deste GN. Assim, é possível supor que a língua materna influencia muito no processo de aprendizagem desta categoria em concreto.

O nível B1 apresenta resultados um pouco melhores, mas o número de desvios, como, por exemplo: “*E como está tua família? § ...mas oxalá que melhore meu português. § Estou aqui há 3 meses e <ainha> ainda sou sozinha sem minha amiga!”*(UC.ER.LPIII.A.12.09.04. 6.1B) continua a ser elevado: 38 entre 226 ocorrências. O número de ocorrências corretas em relação ao número total de palavras não é muito grande – 188, como, por exemplo: “*As minhas aulas aqui são um <pou> pouco difíceis mas oxalá que melhore meu português. Ontem, eu fui a uma das minhas aulas”* (UC.ER.LPIII.A.12.09.04. 6.1B). Nota-se que os alunos deste nível já têm menos dificuldades no uso do GN com dois determinantes, mas, ao mesmo tempo, o número de devios continua a ser suficientemente significativo para podermos

dizer que a língua materna dos alunos não deixa de ter a sua influência, mesmo nos níveis mais elevados.

O nível B2 continua a provar a confirmação anterior, pois apresenta poucas ocorrências – só 8, entre quais 3 são desvios (como, por exemplo: “*Além disso, na cidade existe a rede de transporte público, que faz que não seja preciso ter seu próprio carro para chegar onde quiser ou para ir de compras. § Porém, as cidades têm também suas desvantagens*”).(UC.ER.LPIV.A.06.09.13. 69.3Q)), e 5 ocorrências corretas, tais como: “*No entanto, no meu próprio país tenho também morada no campo, então já conheço os dois “mundos” diferentes*”. (UC.ER.LPIV.A.06.09.13. 69.3Q).

Por fim, o nível C1 volta a ter um número grande de desvios (7), (“*Meu país é um país muito grande. Por isso, temos muita variedade de cultura e geografia*”).(UC.CA.S.A.12.09.08. 50.2L)). O número de ocorrências corretas, tais como: “*O meu país, os Estados Unidos da América, é um país enorme e muito diverso. ...cada uma com a sua própria identidade física*”. (UC.CA.S.A.12.09.02. 50.2L) – é só de 4.

Em suma, com todos estes resultados é possível dizer que, para os aprendentes ingleses, esta categoria considera-se como a mais difícil. É importante referir o problema da posse inalienável. Com relações familiares (mãe, família, e, por extensão, amigos), o possessivo não é necessário em português. Ora estes aprendentes usam-no sistematicamente, pelo que não atingiram a fase da *interlíngua* em que dominem a estrutura de posse inalienável.

Por outro lado, a influência da língua materna, neste caso, nunca deixa de existir, até ao nível mais elevado – C1. Ainda por cima, muitos níveis apresentam um número maior de desvios do que o número de ocorrências corretas. Isto mostra que, quando os alunos tentam usar a estrutura interna do GN que contem dois determinantes, não conseguem perceber que, em quase todas as situações, o possessivo deve estar acompanhado por determinantes. Também se nota que os aprendentes ingleses tentam não usar muito esta estrutura, pois foram encontradas poucas ocorrências deste tipo, mesmo nos níveis mais elevados. Ou seja, os aprendentes parecem usar a estratégia de aprendizagem que se chama *evitamento*. Por outro lado, também se nota a influência da língua espanhola: *com tus amigos* (A2) – que, neste caso, atua como fonte de *interferência*, ou seja, o espanhol funciona como um obstáculo.

#### 2.2.4. Resultados da categoria GN [Quant+N]

Esta categoria é a menos problemática, como também acontece nos textos dos aprendentes russos e ucranianos. Assim, o nível A1 tem 26 ocorrências de acordo com a norma-padrão, como, por exemplo: “*Também, eu fiz tanto fotografos a **alguns locais** em Portugal. § Eu envidei muitos fotografos aos amigos no Canadá e outre país, e escrevi **muitos “e-mails”**” (UC.ER.LPIA.05.10. 23.1.1A), e nenhum desvio.*

Porém, já no nível A2 a situação muda: foram encontradas 38 ocorrências, entre as quais 36 de acordo com a norma-padrão, tais como: “*Uma coisa é que as pessoas que viu allí /falam é/ gritam nas ruas demais forte **toda da noite!**” (UC.CF.EB.01.07.09.05. 77.3T) e 2 desvios, como, por exemplo: “*Por uma maneira, tenho sorte, porque a minha língua materna é inglês, uma língua internacional que hoje falam muitas pessoas por **todas partes** do mundo” (UC.CF.EB.01.07.09.06. 52.2L).**

O nível B1 apresenta o número muito pequeno de desvios: “*Também gosto de escutar música muito e também gosto de quase **todos tipos**” (UC.ER.LPIII.A.12.09.77. 33.1J) – só 2 desvios entre 198 ocorrências. Os outros 196 casos seguem a norma-padrão- *Todos os <bairros> bares são muito baratos e pode-se fazer festa ou felicitar **qualquer coisa** sem preocupar-se <com> dos vizinhos” (UC.ER.LPIII.F.12.06.09. 77.3T).**

Os aprendentes do nível B2 apresentam textos com números pouco significativos: o número de ocorrências corretas (“*Com certeza há **muitos monumentos** importantes em Londres, no sul do país. Por causa da longa história do país, há **vários castelos** em todas partes” (UC.ER.LPIV.A.06.09.14. 50.2L) é insignificante: só 14. O número de desvios também não é grande – foi encontrado só um desvio: “*...há vários castelos em **todas partes**, e o monumento mais misterioso é Stonehenge, perto de Salisbury” (UC.ER.LPIV.A.06.09.14. 50.2L).**

O nível C1 apresenta 36 ocorrências, entre quais 35 seguem a norma-padrão, como, por exemplo: “*Por isso, temos **muita variedade** de cultura e geografia. As pessoas vinham de **vários países** europeus e traziam <(…) /seu/> /sua/ própria cultura (UC.CA.S.A.12.09.08. 50.2L) e 1 é desvio – “*Lá, conhecemos pessoas que vêm de **todas partes** do mundo que têm conhecimentos diferentes e que fazem que a cidade evolua” (UC.CA.S.A.12.09.17. 69.3Q).**

Com todos estes resultados, é possível afirmar que os aprendentes de PLELS com LM inglesa não têm muitos problemas nesta categoria. Uma das razões pode estar ligada com a estrutura interna do GN em inglês, pois também se encontra uma estrutura parecida. Também é importante notar que os maiores problemas que apresentam os aprendentes ingleses encontram-se na estrutura “*todos os*”, ou seja, os quantificadores *toda/todo/todos/todas* devem ser sempre acompanhados por determinantes: *a (toda a), o (todo o), os (todos os), e as (todas as)*. Por outro lado, mesmo que estes aprendentes, como também os aprendentes russos e ucranianos, apresentem algum número de desvios, vê-se que o número não é suficiente para afirmar que esta categoria é problemática.

### 2.2.5. Resultados da categoria GN [N+Adj]

Os aprendentes do nível A1, tendo em conta o número pequeno de ocorrências (só 20), têm o número maior de desvios: 3, tais como: “*Agora Eu moro em Coimbra estou estudantena Faculdade de letras de **Coimbra universidade***” (UC.CA.E.A.05.09. 02.6.1B); o número de ocorrências de acordo com a norma-padrão é igual a 17 e são de tipo: “*Eu moro em <(...)> Villa NOVA de Poiares, um **lugar muito pequeno***” (UC.CA.E.A.05.09.02.77.3T).

Porém, o número de desvios do nível seguinte – o A2 – em comparação com o A1, diminuiu, ou seja, não foi encontrado nenhum desvio, ao passo que o número de ocorrências aumentou – 40: “*Na minha vida quando tenho **tempo livre**, gosto de jogar **futebol, ténis e cricket***” (UC.CF.EB.01.07.09.03. 33.1J). Isto pode mostrar que os alunos no nível A2 já têm alguns conhecimentos da língua que estão a aprender e, neste nível, sabem aplicar a regra de ordem com muita facilidade.

No nível B1, em 228 ocorrências foram encontrados 223 que seguem a norma-padrão, tais como: “*Eu sou duma **cidade pequena** no norte de Inglaterra que se chama Hexham. É a **cidade mais grande** na zona*”(UC.ER.LPIII.A.12.09.24. 77.3T) e 5 desvios, como, por exemplo: “*Eu lembro-me que <gostavas> /gostaste/ muito da comida típica inglesa, mas não <gostavas> /gostaste/ tanto do **intenso frio** que havia durante o seu tempo no meu país!*” (UC.ER.LPIII.A.12.09.102. 6.1B).Tendo em conta o número significativo de ocorrências, é possível dizer que 5 desvios não é um número que possa mostrar as dificuldades em uso do GN com Adj.

Mas também foram encontrados alguns casos que é preciso mostrar melhor, por exemplo: “*Espero que tu achaste algum apartamento **com pessoas boas***” – sabe-se que a ordem N+Adj é a habitual em português, mas, neste caso concreto, seria necessário dizer *boas pessoas* (porque tem sentido metafórico). Há ainda outro caso semelhante - “*A **minha amiga melhor***” (UC.ER.LPIII.A.12.09.77. 33.1J). O aprendente tem a ordem padrão do português [Det + N + Adj], mas este é outro caso em que o adjetivo deve ocorrer antes do nome – *a minha **melhor** amiga* – Trata-se de casos de *sobregeneralização*, fenómeno que pode explicar as ocorrências de acordo com a norma.

No nível B2, foram encontrados 3 desvios (“*Naquela cidade existem o **velho porto**, e os **grandes barcos de velas** ficam lá – “*Victory*” e “*Warrior*”*” (UC.ER.LPIV.A.06.09.14. 50.2L) em 29 ocorrências, entre as quais 26 seguem a norma-padrão: “*No entanto, no meu **próprio país** tenho também morada no campo, então já conheço os dois “**mundos**” **diferentes***”(UC.ER.LPIV.A.06.09.13. 69.3Q). O nível C1 volta a ter 0 desvios, isto é, todas as ocorrências (28) seguem a norma-padrão - “*Meu país é um **país muito grande**. As pessoas vinham de vários **países europeus***”(UC.CA.S.A.12.09.08. 50.2L). Assim, tudo indica que estes aprendentes optam por colocar sempre o adjetivo depois do nome por sistema, possivelmente porque aprenderam que não devem seguir a ordem da sua língua materna.

Em suma, é possível admitir que os aprendentes de PLELS com LM inglesa apresentam este número de desvios por causa da influência da língua materna. Os aprendentes do nível A1 tentam não usar muito a estrutura interna do GN que tem adjetivo, mas mesmo assim apresentam o número maior de desvios. Quanto ao nível A2, que não apresenta nenhum desvio, é possível dizer que os aprendentes sobregeneralizam a regra de uso do adjetivo com nome, ou seja, colocam sempre o adjetivo depois do nome, sem perceber que em alguns casos, em português, é possível e/ou é preciso colocá-lo antes do nome. No nível B1 ainda pode ser encontrada a mesma estratégia - *sobregeneralização* - de aprendizagem da regra, pois, neste nível os aprendentes continuam a ter poucos desvios. Enquanto no nível B2 o número de desvios aumenta, porque os aprendentes podem já começar a refazer a regra, ou seja, a perceber em que casos concretos o adjetivo ocorre depois do nome, e em que casos pode aparecer antes. Por esta razão podem apresentar este número de desvios. Mas o nível C1 mostra a melhoria da situação, pois não foi encontrado nenhum desvio. Isto pode mostrar

que os aprendentes, globalmente, perceberam a regra de ordem de palavras do GN que contém adjetivo, e conseguem aplicá-la bem.

### 2.2.6. Resultados do GN referentes à concordância

A última categoria mostra que os aprendentes melhoram os resultados de nível para nível. Assim, o nível mais baixo – o A1 – tem 18 desvios, como, por exemplo: “*Nós queremos viajar ao Porto, e à **Algarve** no Julho*” (UC.ER.LPI.A.05.10.23.6.1B), mas o número de uso de GNs também é grande – 101 ocorrências. Os alunos usam muitos casos onde a marcação de género e número segue a norma-padrão, tais como: “...*estou estudante **na Faculdade** de letras de Coimbra universidade. Eu vou Lisboa e nos vamos para **uma festa***”. (UC.CA.E.A.05.09.02.6.1B)

No nível A2, o número de desvios (“*Eu gosto muito de Jogar ténis em meu tempo livre porque é **uma desporte** que podes practicar com tus amigos, familia e otras pessoas*”. (UC.CF.EB.01.07.09.03. 33.1J) diminui um pouco – 12, ao mesmo tempo que o número de ocorrências (entre as quais foram encontrados muitos exemplos que seguem a norma-padrão: “*Na **minha vida** quando tenho tempo livre, gosto de jogar fútbol, ténis e cricket*” (UC.CF.EB.01.07.09.03. 33.1J) aumentou – 182.

O nível B1, tendo em conta o número enorme de ocorrências – 1217, diminuiu o número de desvios - 79, como, por exemplo: “*Também, <há (...) lojas perto de mim como>**da minha balcão, da casa há uma vista maravilhosa** que <leva meu (...) põe> me faz feliz e calma*” (UC.ER.LPIII.A.12.09.04. 77.3T). Nesta categoria foram também encontrados muitos casos que seguem a norma-padrão: “*Chama-se XXXXX e <e> /fica/ parte de Manchester onde <(...)> vivem **todos os estudantes** e <(...)> só estudantes. **Todos os <bairros> bares** são muito baratos e pode-se fazer festa ou felicitar qualquer coisa sem preocupar-se <com>**dos vizinhos***”. (UC.ER.LPIII.F.06.09.07. 77.3T).

O nível B2 mostra os melhores resultados entre todos os níveis. O uso dos GNs é frequente – 153, entre os quais foram encontrados 151 casos que seguem a norma-padrão: “*Estou a estudar **literatura portuguesa** em Londres*” (UC.ER.LPIV.A.06.09.42. 6.1B), ao passo que o número de desvios é insignificante - 2: “*Essa praia perto da casa dos teus pais era enorme e já tenho **muitos saudades** do bolo de chocolate da tua mãe*”!

(UC.ER.LPIV.A.06.09.42. 6.1B). Assim percebe-se que os conhecimentos destes aprendentes evoluíram bastante; também se percebe que conseguem aprender a regra de concordância de género e número.

Porém, o nível C1 mostra resultados um pouco menos satisfatórios, pois, em comparação com o nível B2, o número de desvios aumentou – 5. Trata-se de casos tais como: “*E por isso, com muito trabalho sem parar, os Estados Unidos têm **muitas problemas***” (UC.CA.S.A.12.09.20. 50.2L), ainda que o número de ocorrências de acordo com a norma-padrão, tais como: “*Temos um grande parte **da terra na América do Norte**, e por isso temos **muitas zonas diferentes**, cada uma com **asua própria identidade física**”.* (UC.CA.S.A.12.09.02. 50.2L) também tenha aumentado – 209. Isto pode estar ligado, como também em algumas categorias anteriores, ao nível de aprendizagem, pois o C1 é o nível mais elevado. Os aprendentes podem estar preocupados mais com a escrita em si, e por isso, por vezes, podem esquecer alguns pontos importantes da gramática.

Assim, é possível dizer que esta categoria não é a mais difícil para os aprendentes de PLELS com LM inglesa, embora fossem encontrados alguns desvios em todos os níveis de aprendizagem, incluindo o mais elevado – o C1. Como é sabido, a língua inglesa tem outras regras relacionadas com a concordância em género e número, ou seja, nem os artigos definidos/indefinidos, nem os quantificadores, nem os adjetivos mostram a marca de género, ou número: *one/a/the boy*, *one/a/the girl*. Só os demonstrativos, *this/these* é que mostram a diferença entre o número singular e plural. Por este facto podia ser previsto um número considerável de desvios, mas, pelo contrário, não foram encontrados muitos problemas. Isto pode mostrar que os alunos começam a perceber desde cedo a regra relacionada com a concordância em português. É importante referir que existe um problema com o género, que assume várias formas. Existem os problemas de verdadeira concordância (\**um rua*) e os desvios que resultam da atribuição de um género ao nome e desencadeiam a obediência à concordância (*o junto da freguesia*, *o cerimonio*, *da corteja*). Praticamente todos os desvios ocorrem com nomes cuja terminação é opaca quanto ao género, pois terminam em consoante ou em *-e* (Ferreira, 2011).

Também é possível notar uma evolução positiva dos conhecimentos destes aprendentes, pois de nível para nível verifica-se uma melhoria dos resultados, ou seja, a diminuição dos



desvios. Neste caso, é possível dizer que a língua inglesa não tem muita influência no processo de aprendizagem.

### **2.2.7. Síntese dos dados referentes aos aprendentes com inglês como língua materna**

Como já foi visto, a primeira categoria GN [N] apresenta alguns desvios e algumas dificuldades para os aprendentes de PLELS com LM inglesa, mas o número destes desvios não é muito grande. Por outro lado, com este pequeno número de desvios, é possível notar que os maiores problemas são apresentados nos aprendentes do nível mais baixo – A1, onde, entre 72 ocorrências, foram encontrados 6 desvios. Isto, como também nas outras categorias, está ligado ao conhecimento dos aprendentes que ainda não é muito profundo, por isso ainda não sabem aplicar bem a regra de uso do GN com nome. Mas já os níveis seguintes mostram alguma melhoria dos resultados, por exemplo, o B2 não apresenta nenhum desvio, e o C1 apresenta só dois desvios.

A categoria GN [Det + N] também apresenta alguns desvios, como a categoria anterior. Tendo em conta o número total de textos e de palavras por nível, é possível notar a diminuição dos desvios de nível para nível. O número maior de desvios é apresentado no nível A1 – entre 64 ocorrências foram encontrados 9 desvios. Mas, ao contrário da categoria GN [N], aqui é possível notar uma evolução progressiva dos resultados. A língua inglesa, ao contrário das línguas russa e ucraniana, tem o registo gráfico dos determinantes – artigo definido e indefinido, e por isso, pode apresentar o número menor dos desvios.

Como foi visto, a categoria mais problemática para os aprendentes de PLELS com LM inglesa é a categoria que tem dois determinantes – GN [2 Det+N]. Sabe-se que a língua materna destes alunos não usa dois determinantes (por exemplo: possessivo+artigo definido), por isso eles têm mais dificuldades em aprender esta regra. Mas também se percebe que aprendentes não melhoram muito os seus resultados, dado que os aprendentes do nível C1 apresentam mais dificuldades do que os aprendentes dos níveis anteriores.

A categoria GN [Quant + N] considera-se como a menos problemática para os aprendentes ingleses, mas os resultados são muito variáveis: no nível A1 não foi encontrado nenhum desvio, ao passo que os níveis seguintes apresentam alguns desvios – 0 no A1,2 no A2, 2 no B1, 1 no B2 e 1 no C1. Isto pode estar ligado ao conhecimento prévio dos

aprendentes ingleses, pois também existem os quantificadores e as regras de uso são parecidas com as regras em português.

A categoria seguinte GN [N+Adj] também não apresenta o número enorme de desvios. Os aprendentes do nível A1 têm mais dificuldades em perceber quando é que o adjetivo ocorre antes do nome e quando depois, porque ainda se sente a influência da língua materna, que diz que o adjetivo tem de ocorrer antes do nome (*a big city*). Por causa disto encontra-se um número maior de desvios do que no caso da categoria dos quantificadores. Porém, os níveis seguintes mostram que os aprendentes ingleses são capazes de aprender e aplicar bem a regra do uso do GN que contém o adjetivo.

A última categoria, relacionada com a concordância, mostra que os aprendentes de PLELS com LM inglesa têm algumas dificuldades. Mas também é possível notar uma evolução progressiva de nível para nível, o que pode mostrar que os aprendentes conseguem perceber a regra de concordância em português.

Em suma, é possível dizer que, neste caso, a influência negativa da língua materna dos aprendentes ingleses se nota mais na categoria GN [2 Det + N]. Já a categoria GN [Quant + N] tem menos desvios, provavelmente porque a estrutura interna deste GN em inglês é parecida com a estrutura em português. Também é importante mencionar que existe a influência coadjuvante (quando o espanhol tem uma estrutura interna de GN próxima da estrutura em português, como é o caso da ocorrência *a alguns locales*) e de obstáculo (quando a estrutura do GN em espanhol e em português é diferente, como acontece em *com tus amigos*).

### **2.3. Produções escritas de aprendentes com francês como primeira língua**

Como já foi referido, o número total de textos dos aprendentes de PLELS com LM francesa é 28; ao nível A1 pertencem 4 textos, ao nível A2 pertencem 2 textos, ao nível B1 – 14 textos e ao nível B2 – 8 textos. A tabela 8 mostrará os resultados que foram tirados dos textos de aprendentes de PLELS:

<b>I</b> Nível do QECRL	<b>II</b> Número de textos	<b>III</b> Número de palavras	<b>IV</b> Número de GNs
A1	4	573	119
A2	2	428	96
B1	14	3834	786
B2	8	1991	468
C1	0	0	0
Totais	28	6826	1469

Tabela 8A – Totais referentes às ocorrências de GNs nos textos dos aprendentes com francês como LM

Na tabela 8B, encontramos os resultados da análise das ocorrências de GN, distribuídos pelas categorias:

<b>I</b> Categoria	<b>II</b> Nível do QECRL	<b>III</b> Número de GNs	<b>IV</b> Número de GNs com estrutura-padrão	<b>V</b> Número de GNs com Desvio
GN [N]	A1	17	16	1
	A2	17	17	0
	B1	158	154	4
	B2	100	100	0
	C1	0	0	0
GN [Det+N]	A1	66	52	14
	A2	52	51	1
	B1	344	330	14
	B2	235	232	3
	C1	0	0	0
GN [2Det+N]	A1	13	7	6
	A2	10	10	0
	B1	68	65	3
	B2	26	23	3
	C1	0	0	0
GN [Quant+N]	A1	20	19	1
	A2	13	13	0
	B1	90	89	1
	B2	61	61	0
	C1	0	0	0
GN [N+Adj]	A1	20	16	4
	A2	9	8	1
	B1	98	93	5
	B2	75	75	0
	C1	0	0	0
Concordância	A1	119	111	8
	A2	84	83	1
	B1	600	591	9
	B2	397	390	7
	C1	0	0	0

Tabela 8B – Dados referentes às ocorrências de GNs nos textos dos aprendentes com francês como LM por categorias

### 2.3.1. Resultados da categoria GN [N]

Os aprendentes de PLELS com LM francesa, nesta categoria, não apresentam muitos problemas nem desvios. Globalmente a tendência é para seguir a norma-padrão, pelo que a atenção vai ser concentrada principalmente em desvios encontrados.

Assim, a primeira categoria, GN [N] como foi previsto, não tem muitos desvios, como também não tem um número elevado de uso de GNs (17, apenas). Também no nível A1 foi encontrado só um desvio: “*A gente no metro do **Paris** esta tão nervosa!*”(UC.ER.LPI.A.05.10.27.75.3S). Percebe-se que estes aprendentes não usam muito a estrutura do GN com nome simples, mas quando a usam, apresentam um número de desvios não significativo.

O nível A2, ao contrário do A1, não apresenta nenhum desvio, ao passo que o número de uso dos GNs é igual – 17. Percebe-se que todas estas ocorrências seguem a norma-padrão, tais como: “*Vou contar-vós a minha viagem para **Portugal** em **Setembro** de 2008. Eu estava muita feliz porque foi a primeira vez que eu ia de férias a **Portugal** com uma amiga francesa*” (UC.CA.E.C.12.09.10. 75.3S). Este fato pode mostrar que os aprendentes de PLELS com LM francesa usam GN simples com frequência quando se trata de nomes próprios.

O nível B1, em comparação aos níveis A1 e A2, apresenta um número absolutamente insignificante de desvios (“*Eu aprendei todo aqui no **Portugal***” (UC.ER.LPIII.F.06.09.08. 52.2L)– 4 desvios entre 158 ocorrências. Também foram encontradas muitas ocorrências corretas (154), como, por exemplo: “*Quando eu cheguei em **Coimbra** durante o mes de **Setembro** não podia falar **português***”. (UC.ER.LPIII.F.06.09.08. 52.2L). O nível B2 também mostra resultados muito positivos: entre 100 ocorrências não foi encontrado nenhum desvio, ao passo que o número das ocorrências corretas, tais como: “*Por falar **de Erasmus**, o XXXXX falou-me da tua vontade em partir **de Erasmus** para Barcelona. A única coisa que te posso aconselhar é ir **de Erasmus** e divertir-te*”. (UC.ER.LPIV.A.06.09.09. 6.1B) é grande.

Assim, é possível dizer que esta categoria não apresenta muitas dificuldades para os aprendentes de PLELS com LM francesa. Isto pode estar ligado à estrutura interna do GN com nome em português e em francês. Como é sabido, estas duas línguas, neste caso, são línguas próximas e têm regras de uso do nome muito parecidas. Outra razão que pode explicar o número pequeno de desvios pode estar relacionada com o contexto de imersão. Nos textos,

nota-se grande influência do meio estudantil, por exemplo, uma vez que os aprendentes relatam muitas situações da vida quotidiana em que contactaram com portugueses. Algumas palavras e expressões usam-se de forma idêntica à corrente, porque os aprendentes franceses as ouvem muitas vezes, como, por exemplo: “*Falar de Erasmus*” – só a preposição é que está trocada (norma: *por falar em ERASMUS*), “*Partir de Erasmus / ir de Erasmus*” – são casos muito interessantes de assimilação de expressões feitas muito habituais no meio estudantil (*estive de Erasmus, tenho Erasmus, fui de Erasmus, voltei de Erasmus...*). As expressões truncadas (se estivessem completas seriam: *uma bolsa Erasmus, estar no estrangeiro ao abrigo do programa Erasmus*) não têm determinante no discurso corrente, pelo que estão corretas, de acordo com o contexto de imersão. Assim, neste caso, não só o conhecimento prévio do aprendente o ajuda a aprender a regra, mas também o contexto de imersão funciona como um auxiliar.

### 2.3.2. Resultados da categoria GN [Det+N]

Esta categoria, ao contrário da anterior, apresenta maior número de desvios. O nível A1 apresenta 14 desvios, tais como, por exemplo: “*Espero que tu vais a ter a força de ir até a fim* § *Agora quero visitar Porto porque ainda não vi aquela cidade*”(UC.ER.LPIA.05.10.18.6.1B) e 52 ocorrências de acordo com a norma-padrão: “*Preciso de ver os meus amigos e a XXXXX. Ainda tenho muitos exames e a diferença de lingua é difícilimo*” (UC.ER.LPIA.05.10.27. 6.1B). Nota-se que o número total de ocorrências, em comparação com a categoria anterior, aumentou, como também aumentou o número de desvios. Isto pode mostrar que os aprendentes usam bastante, mesmo no nível mais baixo, a estrutura do GN que contém determinante, porque a língua francesa, neste caso, também tem o registo gráfico de determinantes. Porém, algumas regras são diferentes: em português, como foi visto no cap. 1, é preciso usar o artigo definido com os nomes próprios (*Eu sou a Ana*), ao passo que a língua francesa não admite o uso do determinante com os nomes próprios (*Je suis Ana*). Sabe-se que o francês se considera como a língua próxima do português. Por esta razão, os aprendentes não prestam tanta atenção ao uso do GN com determinantes.

No entanto, o nível seguinte, o A2, tem um único desvio: “*Quando estávamos no autocaro em direção do aeroporto*” (UC.CA.E.C.12.09.10. 75.3S). Além disso, este desvio

só acontece porque a expressão é *na direção do aeroporto* – seria possível dizer, por exemplo, *em direção ao aeroporto*. O aprendente pode mesmo ter ouvido esta segunda expressão e o problema estar no uso da segunda preposição, não no determinante. Pelo contrário, o número de ocorrências corretas, como, por exemplo, “...mudei para **a universidade** então agora morro em Tours. Estou a fazer **um mastrado** de sociologia sobre **o patrimonio** português, **a identidade** dos imigrantes e **a cultura**”.(UC.ER.LPII.A.12.09.20. 1.1A) é grande – 52. Neste caso, é possível dizer que os aprendentes sobregeneralizam a regra da estrutura GN (Det+N).

Se for assim, a mesma explicação funciona para o nível B1, onde aumenta o uso de ocorrências corretas (330), tais como: “*Quando era menina, não gostava de viver **na cidade**. Sonhava de viver **no campo**, onde teria podido correr por todos os lados, construir pequenas casas com ramos de arvores e observar **a vida dos animais**” (UC.ER.LPIII.A.12.09.99.69.3Q) e também aumenta, em comparação com o nível A2, o número de desvios, ainda que isso não aconteça de forma significativa (14): “...estive **em Figueira da Foz** com alguns amigos” (UC.ER.LPIII.A.12.09.72. 6.1B).*

Mas também neste nível foram encontrados exemplos muito interessantes, um deles é: “*E claro, lugares para **fazer a festa!***” - *Fazer a festa* – deve ser uma tradução literal da expressão gramaticalizada francesa *faire la fête* (= *divertir-se*). Por isso, deve ser assinalado como interferência, ainda que não esteja incorreto. Foram também encontrados dois exemplos de *hipercorreção*: “***No este curso**, os gestos são muito importante*” (UC.ER.LPIII.F.06.09.08. 52.2L). Neste caso, o aluno usou dois determinantes: *o* e *este* que não podem ocorrer juntos dentro de um grupo nominal em português. O outro exemplo é – “*Ele me <ajudo> ajudei **pelas as coisas** mas importante a saber*”( UC.ER.LPIII.F.06.09.08. 52.2L), onde o aluno percebe que, neste caso, o nome *coisas* deve ser acompanhado por determinante *as*, mas provavelmente não consegue perceber que a preposição *por* já tem este determinante – *pelas*.

O nível B2 apresenta um número de desvios muito pequeno – só 3, como “*Viver na cidade permite estar a proximidade **de cinema**, <co> **museus**, assistir a concertos*” (UC.ER.LPIV.A.06.09.57. 69. 3Q). O número de ocorrências certas, pelo contrário, é elevado – 235 (“*Podemos encontrar vantagens tão a viver **no campo como na cidade***” (UC.ER.LPIV.A.06.09.57. 69.3Q). Esta categoria mostra que os aprendentes conseguem perceber e aplicar a regra de uso de nome com determinantes.

Em comparação com os resultados dos aprendentes russos/ucraninos e ingleses nesta categoria, é possível dizer que o número de desvios não é nada significativo.

### 2.3.3. Resultados da categoria GN [2Det+N]

Esta categoria apresenta-se, para os aprendentes franceses, como a mais problemática, pelo menos para o nível A1, que tem um grande número de desvios (6 em 13 ocorrências): “*Vou ter fotografã para que podãas ver **minhos saudades**. § Encontrei dos Franceses muito simpaticos que moram perto de **nossa cidade**. E **nossa viagem** a Italia vai ser lindíssima*” (UC.ER.LPI.A.05.10.18.6.1B).

Porém, já o nível A2, com 10 ocorrências, tais como: “*Vou contar-vós **a minha viagem** para Portugal em Setembro de 2008...eu estava muito orgulhosa, sobretudo porque ela ia descobrir o país **das minhas raizes**, comigo*” (UC.CA.E.C.12.09.10. 75.3S), não apresenta nenhum desvio. É muito possível que esta situação esteja ligada de novo às estratégias de aprendizagem, sobretudo a sobregeneralização – os alunos aprendem em bloco a estrutura, por exemplo, (*a+minha*), sem perceber que estes são dois elementos separados.

O nível B1 também não apresenta um número muito grande de desvios, tais como: “*...não vi-a muito durante **minha vida***” (UC.ER.LPII.A.12.09.20. 1.1A ) – só 3 desvios entre 68 ocorrências, e o número de ocorrências de acordo com a norma-padrão (“*Os meus pais sempre moraram no campo, então, tenho uma visão subjectiva da vida aí*” (UC.ER.LPIII.A.12.09.99. 69.3Q) é significativo – 65.

O nível B2 apresenta 3 desvios entre 26 ocorrências, como, por exemplo: “*Para os europeus que encontrei durante **minha viagem** em Portugal, **minha situação** é particular, para alguns estranha*”. (UC.ER.LPIV.A.06.09.49. 50. 2L), ao passo que o número de ocorrências corretas (“*Mudou muita coisa **na minha vida**, então resolvi escrever-te para te contou tudo*” (UC.ER.LPIV.A.06.09.08. 6.1B) é igual a 23. Tendo em conta o número total de palavras por nível, é possível dizer que os aprendentes do nível B2 apresentam mais desvios do que os aprendentes dos níveis A2 e B1, mas os números baixos não permitem tirar mais ilações.

No entanto, esta categoria considera-se com a mais problemática porque a língua materna destes aprendentes não tem a estrutura interna do GN que contém dois determinantes (GN [2Det+N]). Os aprendentes precisam de mais tempo para entender e aprender esta regra,

mas mesmo quando a aprendem (B2), nem sempre conseguem aplicá-la de uma forma correta. Por outro lado, a maioria dos desvios foi encontrada no nível mais básico – no A1, o que é completamente normal, tendo em conta os conhecimentos não suficientes para perceber a regra. Também é possível dizer que o número destes desvios é muito grande, mais do que metade, o que deixa supor que os aprendentes franceses, no nível A1, têm muitas dificuldades em perceber a regra de uso do GN que contém dois determinantes. Porém, os níveis seguintes mostram uma melhoria da situação, pois o número de desvios começa a ser muito mais reduzido. Mais um ponto importante deve ser acrescentado nesta parte: os aprendentes de todos os níveis desta categoria tentam não usar muito a estrutura interna do GN que contém 2 determinantes para evitar possíveis desvios. Provavelmente, trata-se da estratégia do *evitamento* (ver cap. 2: 3.1).

#### 2.3.4. Resultados da categoria GN [Quant+N]

Esta categoria, como também acontece nos textos de aprendentes com LM russa/ucraniana e inglesa, apresenta menos desvios do que nas categorias anteriores. O nível A1, por exemplo, apresenta um número pequeno de desvios, ou seja só 1: “*Gosto muito porque é **todo tiempo** uma aventura*”. (UC.ER.LPI.A.05.10.27.75.3S), por contraste com o número de uso dos GNs – 19 (que não é muito elevado). Neste caso é possível dizer que um desvio não é muito significativo e também está provavelmente ligado a outro domínio da aprendizagem (fonético), porque é muito difícil perceber em *todo o* que existem duas palavras: um quantificador e um determinante.

Por sua vez, o nível A2, com um número de ocorrências muito pequeno (13): “*Foi um pouco complicado porque **uma vez** em Paris, aprendemos que t́imos que esperar o **dia seguinte** para apanhar um autocarro as **cinco horas** da manhã par ir até o aeroporto*” (UC.CA.E.C.12.09.10. 75.3S), não apresenta nenhum desvio, ou seja, foram encontrados só os casos que seguem a norma-padrão. Neste caso, é possível dizer que os aprendentes do nível A2, com algum conhecimento que ganharam no A1 e com o conhecimento prévio da LM francesa, são capazes de perceber e aprender a regra de uso de quantificador com nome.

O nível B1, como nível mais elevado do que os A1 e A2, apresenta o número muito pequeno de desvios (1 entre 90 ocorrências): “***En tudo casa**, manda um grande abraço a toda*



*familia e diga-lhes que estou com saudade deles*”. (UC.ER.LPIII.A.12.09.61. 6.1B). O desvio *En tudo casaé* interferência do francês *en tout cas*. Nota-se que este nível tem o mesmo número de desvios como o nível A1, mas, como no nível B1 aumenta o número de ocorrências corretas (89), as percentagens têm outro peso. Aliás, o nível B2 mostra que estes aprendentes acabam por aprender e aplicar a regra. Neste nível, apresentam um número significativo de uso de GNs - “*Há muito tempo que não te escrevia. Mudou muita coisa na minha vida, então resolvi escrever-te para te contou tudo*”. (UC.ER.LPIV.A.06.09.08. 6.1B) – 61 que seguem a norma-padrão, ao passo que o número de desvios é igual a 0. Assim, é possível admitir que o conhecimento dos aprendentes evoluiu do nível A1 para o nível B2.

Em suma, é importante referir que a estrutura do GN com quantificador é idêntica em português e em francês. Por conseguinte, o número elevadíssimo de ocorrências construídas de acordo com a norma-padrão e o número residual de desvios pode levar-nos a pensar que a LM funciona como coadjuvante.

### 2.3.5. Resultados da categoria GN [N+Adj]

Esta categoria apresenta um número de desvios expressivo, mas também mostra algum progresso ao longo da aprendizagem. Assim, o nível mais básico – o A1 – apresenta o número maior de desvios (4 entre 20 ocorrências), tais como: “*Devería ser uma muito boa viagem*” (UC.ER.LPI.A.05.10.18.6.1B), ao passo que o número de ocorrências de acordo com a norma-padrão é igual a 16: “*Mas eu prefero muito os carros antigos; No ano passado fez um viagem de Paris até Italie; Depois, o meu meio de transporte preferido sigente é o trem*”. (UC.ER.LPI.A.05.10.27. 75.3S)

O número de desvios (“...tenho *uma grande casa em Tours que partence a um amigo*”. (UC.ER.LPII.A.12.09.20. 1.1A)) do nível A2 é muito menor – só 1 desvio, mas o número de uso de GNs também é menor: só 9. Também foram encontradas 6 ocorrências corretas, como, por exemplo: “*Estou a fazer um maestrado de sociologia sobre o patrimonio português; Não queria vir a Portugal durante um ano mas o meu professor o ano passado me disse que era necessario para seguir o meu curso numa via profissional*”. (UC.ER.LPII.A.12.09.20. 1.1A))

Ao invés, o número de ocorrências corretas (“*No meu tempo livre. Adoro conhecer/ aprender coisas novas sobre as cidades e as suas histórias*”.(UC.ER.LPIII.A.12.09.96. 33.1J)) no B1 aumenta – 93, ao passo que o número de desvios (“*Por exemplo, gosto muito de*

*ouvir as velhas pessoas brincar e falar pelas janelas*”. (UC.ER.LPIII.A.12.09.61. 77.3T)), tendo em conta o número de palavras e o número de ocorrências, é menor do que nos níveis anteriores – 5 desvios. Além disso, como já vimos a propósito de *fazer a festa*, há aqui uma tradução literal do francês *les vieilles personnes*. O último nível – o B2 – apresenta um número de ocorrências significativo – 75: “*Da França ultramarina, além do oceano atlântico existe uma Ilha, um distrito francês ultramarino*”(UC.ER.LPIV.A.06.09.49. 50.2L), e não apresenta nenhum desvio.

Assim, todos estes resultados podem levar-nos dizer que esta categoria não apresenta muitas dificuldades para os aprendentes de PLELS com LM francesa, pois, como é sabido, em francês também existem duas posições do adjetivo – pré- e pós- nominal. Só que também existem algumas diferenças em regras (Cap 1), o que poderia causar alguns desvios, principalmente no nível A1. Mas também se nota que o número de desvios diminui de nível para nível, ou seja, o nível dos conhecimentos destes aprendentes aumenta de nível para nível e nota-se uma evolução positiva dos conhecimentos. Quando o nível A1 apresenta 4 desvios, o nível B2 deixa de apresentar desvios (0).

### 2.3.6. Resultados do GN referentes à concordância

A categoria ligada à concordância apresenta o número maior de desvios no nível A1. O número de GNs é igual a 119, com 111 ocorrências corretas, tais como: “*O que mais utilizei é o carro; Porque viajei muito tempo com meus pais na Europa*” (UC.ER.LPI.A.05.10.18. 75.3S). Porém, há 8 desvios, tais como: “*No ano passado fez um viagem de Paris até Italie; Nunca sabe se o motor va resistir até o fim do viagem*” (UC.ER.LPI.A.05.10.27.75.3S).

O número total de ocorrências que foram encontradas no nível seguinte – A2 – é um pouco menor do que no A1 – 84, entre as quais 83 seguem a norma-padrão: “*O meu nome é XXXXX XXXXX XXXXX. Durante 17 anos vivei em Orléams com os meus pais mas cinco anos*” (UC.ER.LPII.A.12.09.20. 1.1A)). Mas o número de desvios é menor do que no A1, ou seja, existe só um desvio que apresenta o problema de concordância de nome com o quantificador (“*Quando estávamos no autocaro em direção do aeroporto, tiramos mais uma fotos junta para lembrar-nos deste dia*”. (UC.CA.E.C.12.09.10. 75. 3S)). Porém, neste caso, é mais difícil de dizer se o aprendente queria dizer: *uma foto*, ou *umas fotos*. Se for o primeiro

caso, *uma foto*, onde o aprendente disse: *uma fotos*, então sim, o problema de concordância existe em número entre o quantificador e nome. Mas se for o segundo caso, *umas fotos*, então existe o problema em número entre o determinante e nome. Pode também tratar-se de um problema de distração.

Os níveis B1 e B2 apresentam o número maior de uso dos GNs – 600, sendo 591 de acordo com a norma-padrão: “*Felizmente há uma **lingua universal** que é o ingles. Então o fim, eles me explicaram as **ideias principais** da discussão*” (UC.ER.LPIII.F.06.09.08. 52.2L) e 397 (com 390 que seguem a norma-padrão: “*A **cidade** por ser **um meio** onde a gente está sempre em movimento, onde a sempre alguma coisa para fazer pode tornar-se **um meio** que provoca estresse e torna **as pessoas** associáveis*” (UC.ER.LPIV.A.06.09.57. 69.3Q) respectivamente. O número de desvios no nível B1 é insignificante - 9 (“*Portanto, podia passar tempo **no meu arvore** e observar varios passarós*” (UC.ER.LPIII.A.12.09.106. 69.3Q), e no nível B2 – 7 (“*Chama-se XXXXX e é a **boneco mais linda** do mundo*” (UC.ER.LPIV.A.06.09.08. 6. 1B). Isto pode estar ligado, como nas categorias anteriores, com o nível mais elevado, pois neste nível os aprendentes devem aplicar todas as regras ligadas à concordância, em textos mais complexos, usando frases mais longas.

Assim, nesta categoria, nota-se que os aprendentes de PLELS com LM francesa não apresentam grande número de desvios, ou seja, não têm muitas dificuldades em perceber as regras ligadas à concordância em gênero e número. Contudo, ao contrário da categoria anterior GN (N+Adj), não se nota grande processo da evolução dos conhecimentos destes aprendentes. Têm o número maior de desvios no nível A1, depois de nível para nível o número de desvios diminui, mas em nenhum dos níveis fica igual a zero. Neste caso, é possível dizer que o conhecimento prévio dos aprendentes influencia no processo de aprendizagem de uma língua nova, neste caso, do português. Por exemplo, no nível A1, foi encontrado um caso em que, em francês, o nome *voyagé* masculino, ao contrário do português (*le voyage*). Por isso, existem desvios neste tipo de nome. Também no nível B2 foi encontrado um caso semelhante – *no meu arvore* – que apresenta um problema de concordância em gênero. Isto pode estar explicado com a ajuda do nome francês “*arbre*” que em francês tem o gênero masculino. Quando os aprendentes vêm este nome em português “*árvore*” associam-no logo com o gênero masculino, inconscientemente. Neste caso, nota-se muito bem a influência negativa da língua materna que funciona como obstáculo, embora não causa um número enorme dos desvios. Também foram

encontrados mais casos interessantes, tais como: “*Agora, estou a morrer num bairro do velho Coimbra perto da universidade de Letras*” - Da velha Coimbra – do velho Porto – estas expressões, ainda que raras, são possíveis. O aprendente pode estar a fazer uma interferência em relação ao francês (*le vieux Paris – la vieille Touraine...*).

Em todo o caso, nota-se que os problemas mais frequentes existem nos casos relacionados com concordância em género. Também é preciso notar que a maioria dos desvios de concordância afeta nomes em que a vogal final não permite identificar o género gramatical (Ferreira, 2011: 1).

### **2.3.7. Síntese dos dados referentes aos aprendentes com francês como língua materna**

Os aprendentes de PLELS com LM francesa, ao contrário dos aprendentes russos/ucranianos e ingleses, não apresentam muitos desvios em nenhuma categoria. A primeira categoria, como já foi dito no início da secção, tem poucos desvios. Todos estão ligados aos nomes próprios de cidades (*\*do Paris*). Assim, neste caso, é possível referir que os aprendentes franceses percebem muito rapidamente as regras da categoria GN [N], pois a maioria das regras em francês é parecida com as regras em português.

A categoria seguinte – GN [Det+N] – também não apresenta muitos desvios. Como se percebe, o número de desvios não é muito grande porque a língua francesa também apresenta o uso gráfico dos determinantes, principalmente, dos artigos definidos e indefinidos que não existem, por exemplo, em russo e em ucraniano. Por causa disto os aprendentes franceses percebem com mais facilidade as regras relacionadas com o uso de determinantes com nome.

Como se verificou, a categoria mais problemática para os aprendentes de PLELS com LM francesa é aquela que tem dois determinantes, ou seja, GN [2Det+N] (6 desvios entre 13 ocorrências no nível A1). Neste caso, é possível dizer que este problema está ligado à estrutura interna do GN em francês, pois, como foi dito no início da dissertação (cap.1), a língua francesa não faz uso de dois determinantes (por exemplo: *\*les mes vacances*, mas sim *mes vacances*). Ou seja, é possível dizer que, neste aspeto, e apesar de ser uma língua românica, o francês é uma língua distante do português, e nesta categoria, funciona como um obstáculo. Os

níveis seguintes desta categoria mostram uma melhoria da situação, mas, mesmo assim apresentam alguns desvios.

A categoria menos problemática é aquela que apresenta quantificador – GN [Quant + N], onde foram encontrados poucos desvios (1 no nível A1, 0 no nível A2, 1 no nível B1 e 0 no nível B2). Isto pode estar ligado à construção semelhante do GN com quantificador em francês e português.

A categoria GN [N+Adj] apresenta algumas dificuldades para os aprendentes franceses, principalmente no nível A1 (4 desvios entre 20 ocorrências). Mas já outros níveis apresentam muito menos desvios, e o nível B2 não apresenta nenhum desvio, o que nos pode levar a pensar que, para os aprendentes franceses, a ordem de palavras no GN [N+Adj] não levanta problemas, porque é semelhante à da sua LM.

A última categoria, a da concordância, também não apresenta muitas dificuldades para os aprendentes de PLELS com LM francesa. Mas, por outro lado, as dificuldades, mesmo sejam poucas, estão apresentadas ao longo de todos os níveis. Por isso, podemos dizer que não foi encontrada grande evolução nos conhecimentos.

No geral, os aprendentes de LM francesa aparentam reagir muito mais ao contexto de imersão do que os russos ou ucranianos. Este fator pode funcionar como facilitador da aprendizagem da língua. O *corpus* de GNs dos aprendentes com FRA indica que são muito mais sensíveis ao contexto de imersão, seja por terem um nível distinto dos russos e ucranianos, seja por terem um quotidiano que parece integrá-los melhor na vida da cidade. Em síntese, este fator pode pesar mais do que a proximidade francês–português, tornando, portanto menos importante o fator “língua próxima”.

### **Síntese**

Assim sendo, depois da descrição e de possíveis explicações destes dados, é possível tirar algumas ilações breves. É possível confirmar que as línguas russa e ucraniana são línguas distantes do português, o inglês é uma língua semi-distante e o francês é uma língua próxima, como foi dito no início da tese (cap. 1).

No entanto, com a ajuda de todos os exemplos encontrados nos textos de aprendentes de PLELS, é possível dizer que não existe uma língua completamente distante ou próxima do

português. Algumas das estruturas específicas podem mostrar a distância maior ou menor da língua russa/ucraniana, inglesa e francesa do português. Por exemplo, na categoria GN [Det+N], as línguas russa e ucraniana são claramente distantes do português, o que pode provar o número significativo dos desvios. Mas já na categoria GN [N+Adj] estas línguas são próximas do português, pois foi encontrado o número muito pequeno de desvios.

Quanto à língua inglesa e à língua francesa, é possível dizer que funcionam como línguas distantes na categoria que contém dois determinantes – GN [2Det+N], pois estas duas línguas não têm esta estrutura.

Existe mais uma categoria que não apresenta muitas dificuldades para nenhum grupo de aprendentes – a categoria GN [Quant + N]. Todas as línguas apresentadas têm a estrutura do GN com quantificador parecida com estrutura em português, por isso o número de desvios é muito pequeno e, por isso, é possível dizer que, neste caso, todas as línguas são línguas próximas do português.

Também é importante acrescentar que todos os aprendentes sabem usar bem a estrutura gramaticalizada do GN em todas as categorias (como, por exemplo: *com efeito, muitos beijinhos, boa tarde*). Percebe-se que, neste caso, todos os alunos aprendem estas estruturas em bloco, provavelmente sem perceber que são grupos nominais.

Assim sendo, estas estruturas podem ilustrar que não existe uma língua absolutamente próxima, semi-distante ou distante do português em todas as categorias. Como se vê, numa categoria, uma língua funciona como distante, mas, numa outra, já funcionará como semi-distante, e numa terceira como próxima.

## Conclusão

Para concluir esta tese, é preciso, em primeiro lugar, retomar os pontos mais importantes de cada capítulo. Assim, o primeiro capítulo apresentou uma descrição da estrutura interna do GN em várias línguas: português (pois esta é a língua que é aprendida), russo e ucraniano, inglês e francês. Nestas descrições é já possível notar algumas diferenças e semelhanças entre a língua portuguesa e as outras línguas. As duas primeiras (russo e ucraniano) são consideradas como distantes, por não apresentarem a forma morfológica dos artigos definido e indefinido. A língua inglesa considera-se como semi-distante, porque tem os artigos definido e indefinido, mas, ao contrário do português, não apresenta marcas visíveis de concordância no género, nem assinala o número em todos os determinantes. O francês é considerado como língua próxima do português, pois tem os dois artigos que concordam em género e número com o núcleo do GN – o nome. Todas estas línguas são consideradas distantes no que diz respeito ao uso de dois determinantes, estrutura própria do português. No que diz respeito ao uso de quantificadores, à ordem dos elementos e à concordância, o russo e o ucraniano, tal como o francês, são consideradas línguas mais próximas do que o inglês.

O capítulo seguinte incluiu as ideias principais ligadas à questão da *interlíngua*, *transferência* e *interferência*. Ou seja, considerou-se a hipótese de as línguas maternas ou outras línguas conhecidas dos aprendentes influenciarem o processo de aprendizagem da constituição do GN em português. Discutiu-se ainda o tipo de influência, negativa ou positiva. Foi discutida também a possibilidade de a língua próxima do português – o francês – funcionar sempre como coadjuvante e facilitar a aprendizagem do GN, ao passo que as línguas distantes do português – russo e ucraniano – e semi-distante – inglês - funcionarem como um obstáculo no processo da aprendizagem.

Todas estas ideias foram vistas e discutidas no capítulo 3, a propósito da análise do *corpus* de produções escritas de aprendentes de Português como Língua Estrangeira / Segunda, que foi classificado em categorias diferentes, conforme a estrutura de constituição do GN: GN com nome, apenas, GN com um ou com dois determinantes, GN com quantificador, GN com adjetivo (o que implica o conhecimento da ordem de palavras) e GN com uma ou mais marcas de concordância.

O grau de validação dos resultados não é definitivo, pois não foi possível fazer um estudo estatístico, dado o carácter heterogéneo do *corpus*. Foram recolhidos só 17 textos dos

aprendentes russos e ucranianos: entre os quais 8 textos do nível A1, 3 textos do nível A2/A2+, 4 textos do nível B1, 0 do nível B2 e 2 textos do nível C1. Também foram recolhidos 28 textos de aprendentes com LM francesa, entre os quais o nível A1 inclui 4 textos, o nível A2 tem só 2 textos, o nível B1 inclui 14 textos, o B2 tem 8 textos e o C1 tem 0. Finalmente foram recolhidos 53 textos de aprendentes com LM inglesa – que produziram 6 textos no nível A1, 5 textos no nível A2, 35 textos no nível B1, 3 textos do nível B2 e 4 textos do nível C1. Assim, percebe-se que a quantidade de textos é muito diferente, como também os níveis de aprendizagem são diferentes. Com todos estes textos e dados foi possível encontrar apenas algumas conclusões.

Assim, o capítulo 3 mostra melhor a questão da distância entre a língua portuguesa e as outras línguas. Confirma-se que não existe uma língua absolutamente distante ou próxima do português. Só algumas das estruturas internas do GN é que podem ser mais ou menos distantes. No caso do russo e ucraniano, a categoria GN [Det+N] é claramente distante do português, mas as categorias GN [Quant+N] e GN [N+Adj] mostram que a estrutura de constituição é próxima. As outras estruturas: GN [N], GN [2 Det+N] e os casos de concordância indicam que o russo e o ucraniano podem ser consideradas como línguas semi-distantes do português.

Por sua vez, a categoria GN [2 Det+N] considera-se como distante para os aprendentes de PLELS com LM inglesa e francesa. Já as categorias GN [Quant+N] e GN [N+Adj] para estes dois grupos de aprendentes consideram-se como as categorias próximas do português. As categorias GN [N] e concordância, para os aprendentes franceses funcionam como próximas, ao passo que, para os aprendentes ingleses, já são as estruturas semi-distantes. A categoria GN [Det+N] para os dois grupos de aprendentes é uma categoria semi-distante do português.

Na análise dos dados também foram encontradas mais informações. Foi observado que não só a língua materna do aprendente influencia no processo de aprendizagem do GN em português, mas também as outras línguas conhecidas. Uma delas é o espanhol, pois foram encontrados muitos exemplos de *transferência*, principalmente no léxico. Apesar da proximidade, esta língua nem sempre funcionou como coadjuvante para os aprendentes, pois nem todas as regras de constituição do GN são iguais. Mas também foram encontrados casos da influência positiva do espanhol, quando as estruturas internas do GN nas duas línguas são semelhantes.



Depois da descrição e da análise de todos os dados do capítulo 3, também se percebe que a língua materna do aprendente tem grande influência no processo de aprendizagem de outra língua. No entanto, a motivação e o esforço do aluno também ajudam muito neste processo, bem como as formas de aprendizagem, em especial o estudo formal e informal de uma estrutura concreta do GN: os aprendentes russos e ucranianos estudam mais no contexto formal – nas aulas. Por isso precisam de mais esforço e mais tempo para aprender a estrutura interna do GN. Por outro lado, os aprendentes franceses não precisam de tanto tempo e esforço para aprender a mesma estrutura, pois a língua materna é muito próxima da língua portuguesa. Também se nota a influência do contexto da imersão: os alunos franceses integram-se com muita facilidade na sociedade portuguesa, o que ajuda muito no processo de aprendizagem do GN em português.

Assim, é possível desenvolver as ideias principais desta tese para investigação futura. Principalmente, é importante trabalhar com textos de aprendentes de outras línguas próximas (espanhol e italiano) e distantes (chinês, checo, polaco). Para tirar conclusões definitivas é preciso, em primeiro lugar, obter um número de textos semelhante em cada língua. Também é importante ver os desvios mais frequentes só num nível de aprendizagem, por exemplo, no nível A1, com textos de aprendentes de todas as línguas. Também é possível trabalhar só com uma categoria, como, por exemplo: GN [Det+N].

Por outro lado, é possível fazer o trabalho do outro modo, dando mais atenção ao uso de ocorrências do GN de acordo com a norma-padrão do Português Europeu. Ou seja, é possível ver quais das estruturas propostas (GN [N], GN [Det+N], GN [2 Dets + N], GN [Quant+N], GN [N+Adj] e casos de concordância) se usam mais frequentemente. Isto pode mostrar-se, se, no caso de, na LM do aprendente não existir uma estrutura concreta, ele preferir não a usar na língua-alvo, ou usá-la menos vezes. Ou este facto de não existência de uma estrutura pode não influenciar no processo de aprendizagem. Todas estas questões podem ser desenvolvidas num outro trabalho de investigação, com um *corpus* mais alargado.



## BIBLIOGRAFIA

- BALDÉ, Nailia Rafikovna (2011) - *A aquisição do artigo em português L2 por falantes de L1 russo*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- BRINTON, Laurel J. (2000) – *The structure of modern english. A Linguistic Introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- CORBETT, Greville G. (1991) – *Gender*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CORBETT, Greville G. (2000) – *Number*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CORBETT, Greville G. (2006) – *Agreement*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CORDER, Pit (1993) – “A Role for the Mother Tongue”, in Gass, S. e Selinker, L. (eds.) *Language transfer in language learning*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, p. 18 – 31.
- CUNHA, Celso e Luís Filipe Lindley (1984) – *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Editora Sá da Costa
- ELISEU, André (2008) – *Sintaxe do Português*. Lisboa: Caminho.
- ELLIS, R. (1994) – *The Study of Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press.
- ELLIS, R. (1997) – *Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press.
- FERREIRA, Tânia (2011) – *Padrões na aquisição / aprendizagem da marcação do género nominal em português como L2*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- GASS, S. e L. Selinker (1993) – *Language transfer in language learning*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- HAWKINS, Roger (2006) – *Second Language Syntax*. Oxford: Blackwell Publishing
- JONES, Michael Allan (1996) – *Foundations of French Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press
- KODUHOV, V.I (1979) – *Introdução aos estudos linguísticos*. Moscovo: Prosveshchenie.
- MATEUS, M. Helena Mira *et alii* (2003) – *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- MATEUS, M. Helena Mira e Alina Villalva (2006) – *O essencial sobre Linguística*. Lisboa: Caminho.

- PONOMARENKO, V.M (1997) – *As aulas de morfologia na escola*. Kiiv: Partner.
- Quadro europeu comum de referência para as línguas: aprendizagem, ensino e avaliação* (2002). Lisboa: Edições Asa.
- RIEGEL, Martin *et alii* (2009) – *Grammaire Méthodique du Français*. Paris: P.U.F.
- SELINKER, Larry (1972) - “Interlanguage”, in *International Review of Applied Linguistics*, v.10, p.209-231.
- THOMAS, Linda (1993) – *Beginning Syntax*. Londres: Blackwell Publishing
- YUSHCHUK, I.P (1979) – *Língua Ucrainiana*, Kiiv: Vishcha Shcola.
- VELUPILLAI, Viveka (2012) – *An Introduction to Linguistic Typology*. Amsterdam / New York: John Benjamins Publishing Company.

#### WEBGRAFIA

- Corpus de produções escritas de aprendentes de PL2 (PEAPL2)*: <http://www.uc.pt/fluc/rcpl2/>
- LEIRIA, Isabel (2004) – *Português língua segunda e língua estrangeira: investigação e ensino*. In: *Idiomático. Revista digital de Didáctica de PLNM*, nº 3. Centro Visual Camões. [Disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/idiomatico/03/portuguesLSeLE.pdf> Consulta em 16.01.2013]
- PERCEGONA, Marcélia Silva (2005) – *A fossilização no processo de aquisição de segunda língua*: Curitiba. [Disponível em [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/Ingles/percegonona.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Ingles/percegonona.pdf) Consulta em 16.01. 2013]
- The Leipzig Glossing Rules: Conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses*[Disponível em <http://www.eva.mpg.de/lingua/resources/glossing-rules.php> Consulta em 16.02.2013]
- НЕОПРЕДЕЛЕННЫЙ АРТИКЛЬ ПРИ СУЩЕСТВИТЕЛЬНОМ-ПОДЛЕЖАЩЕМ И СПОСОБЫ ЕГО ПЕРЕДАЧИ НА РУССКИЙ ЯЗЫК (O artigo indefinido e o modo de transmissão em Língua Russa)* [Disponível em <http://works.tarefer.ru/105/100112/index.html> Consulta em 15.01.2013]